

JÃO

Mario Tessari

Mario Tessari
escreveu o texto e diagramou o livro.

Maria Elisa Ghisi e
Maria Elisabeth Ghisi
leram os rascunhos e apontaram melhorias
importantes para o aprimoramento literário.

Maria Elisa Ghisi e Mario Tessari
criaram a capa.

Mauro Tessari (CRB-14/002)
preencheu a

FICHA CATALOGRÁFICA

Tessari, Mario

Jão / Mario Tessari. – Jaguaruna : Edição do Autor, 2017.
282p.

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD 869.9341

Edição impressa em 2022.

FRONTEIRA SUL

O governo brasileiro desejava dominar todo o litoral sul e o continente também. Por ambição política e para arrebanhar o gado criado solto, do qual retiravam o couro para fabricação de calçados e de utensílios e a carne para alimentar os trabalhadores das minas gerais. Porém, os exploradores encontravam dificuldades naturais e resistência dos castelhanos.

No trecho de faixa costeira entre a barra da Lagoa de Santo Antônio e a barra da Lagoa dos Patos, existem arrecifes e bancos de areia que ameaçam a navegação e praias rasas que impedem a ancoragem de navios. Os ventos irregulares e imprevisíveis podiam levar os veleiros ao encontro de arrecifes e bancos de areia ou jogar as naus contra a praia, onde ficariam encalhadas no quebra-ondas e sem condições de se utilizar botes para chegar à terra-firme. Devido a essas condições adversas à navegabilidade, ocorreram muitos naufrágios. Pelo continente, a Serra do Mar e a Serra Geral dificultavam o acesso aos pampas por terra. Os obstáculos naturais limitavam a expansão colonizadora. Por outro lado, serviam de trincheira contra ataques dos platinos.

Os governantes almejavam fortificar a região de fronteira e povoar o interior do continente, com vistas à expansão dos domínios imperiais, para garantir díizimos para a Igreja Católica e impostos para a Corte. Por isso, investiam dinheiro e cediam direitos

possessórios a todos os que se comprometessem a colaborar nesses projetos. Partindo de São Vicente, do Desterro ou da Europa, muitos aventureiros destemidos se estabeleceram na região; raramente, com suas famílias e, no mais das vezes, com agregados ou prepostos. De forma similar e pelas mesmas razões, muitos desses primeiros povoadores do litoral catarinense invadiam os campos de Viamão e os costões da Serra Geral.

Laguna foi, no Século XIX, um bom lugar para iniciar uma vida promissora. Oferecia abundância de peixes, camarões e crustáceos no mar e na Lagoa Imaruí, com pouca resistência dos aborígenes, que recebiam os invasores com cordialidade e espírito cooperativo. Para acompanhar a degustação das colheitas pesqueiras, bastava plantar um pouco de aipim, que produzia muito bem na terra-de-areia. A cana-de-açúcar crescia sem maiores cuidados e, da garapa, poderia ser fabricado o açúcar mascavo e a cachaça. Do butiá nativo se extraía um excelente licor para ‘temperar’ a pinga.

O governo oferecia apoio para quem colaborasse na defesa da fronteira meridional e na expansão territorial. As povoações poderiam servir como prova diplomática contra demandas espanholas. Questões burocráticas, porque guerra não havia; os castelhanos passavam ao largo, sem molestar os assentados. Ou seja, um bom lugar para se viver em paz, trabalhando um mínimo para colher os frutos da terra e da água.

LIBERDADE DE POBRE

Benedito morava na restinga ao sul do canal, com a mulher e dois filhos; viviam ali sem maiores preocupações e sem maiores pretensões. Plantavam o de-comer, mantinham casas simples, teciam redes de pesca e pescavam. A malha de rios, lagos e lagoas, ligados entre si por canais parcialmente navegáveis, abrigava grande quantidade de peixes e de aves; fartura em alimentos. Além de retirar da terra e da água a subsistência, às vezes, os posseiros angariavam algum dinheiro vivo. Isso acontecia sempre que chegasse uma tropa de gado vinda de Viamão ou de Lages e o marido ganhava uns mirreiros trabalhando por dia no abate das reses e na fabricação do charque que seguiria de navio para a capital do Império.

Quando a população já tinha esquecido as escaramuças ibéricas, os gaúchos resolveram proclamar independência política. A cobiça rompeu a paz. Os rebeldes entraram pela Barra do Camacho, atravessaram a malha fluvial e atacaram de surpresa, derrotando os federais que aguardavam ataque por mar. Laguna foi elevada a Capital da República Juliana.

Benedito, a família dele e a população em geral dependiam de quem comandasse a pátria. Os imperialistas nunca incomodavam, mas também não procuravam ajudar. Entretanto, os revolucionários prometiam valorizar a população nativa, distribuindo cargos e dinamizando a economia local. As propostas

agradaram e muitas famílias apoiaram e colaboraram com os ‘invasores’.

Porém, a fantasia republicana durou poucos meses, até os canhões imperiais retomarem a posição estratégica. Restou aos revolucionários debandarem para Serra-acima. De imediato, nada parecia ter mudado. Mas, tão logo os federais reorganizaram quartel, começou a perseguição aos ‘traidores’. Dentre eles, Benedito e seus amigos da região das charqueadas. Precisavam fugir do alcance dos perseguidores. Para isso, escolheram o atalho mais fácil: o Caminho das Tropas.

RIO ACIMA

Na madrugada do dia seguinte, Benedito e a mulher dele, Catarina, colocaram tudo o que cabia nas duas canoas e saíram de mansito, sem alardes, como se estivessem iniciando mais uma das pescarias diárias. Deslizaram até o Rio Tubarão e navegaram contra a correnteza na semiescuridão. Passaram pelo porto do Poço Fundo quando a claridade do Sol mostrava os primeiros barqueiros organizando suas embarcações para iniciar o trabalho de travessia de passageiros. Subiram mais um pouco e tiveram de esperar a balsa atracar para passarem quietos pela outra margem.

Nas margens do rio, a população ribeirinha iniciava a lida diária, homens conduziam as vacas para a ordenha, um carro-de-boi rangia na estrada marginal e algumas crianças saíam de casa esfregando os olhos ainda sonolentos. A passarada barulhenta, indiferente

a revoluções e a guerras, sacudia as ramagens a cata de frutos maduros.

Quando chegaram ao Poço Grande, as cigarras anunciavam o calor de dezembro. Avistaram muitas canoas amarradas no ancoradouro e intensa movimentação de pessoas, que, como eles, chegaram de barco do litoral ou desceram a Serra a cavalo, pois, dali em diante, o rio resvala por sobre um leito de pedras rasas, impedindo a passagem de barcos grandes. As casas nas encostas eram tão grandes e vistosas quanto às melhores de Laguna. O comércio era intenso. Pelo caminho das tropas, chegavam cargas de charque, de couro curtido e de pinhão. Vez ou outra, pequenas tropas de gado e até pequenos lotes de porcos tangidos.

Benedito e Catarina encostaram as canoas um pouco afastado, porque queriam evitar o burburinho no ancoradouro, onde poderiam encontrar algum conhecido. Dali, o marido foi pelos fundos até o armazém do coronel, para colher informações sobre a passagem de outros migrantes e para indagar se havia a possibilidade de subirem de canoa por mais um trecho. Havia um bom volume de água no rio, o que dava condições para arrastar a canoa. Porém, no início de verão, podem ocorrer tempestades repentinas e eles seriam levados pela enxurrada.

Ali no armazém mesmo, pouca coisa informaram. Seguiu, então, para o galpão dos tropeiros, onde algumas comitivas descansavam da viagem e aguardavam as mercadorias para vender na volta.

Gente esperta, desconfiada, que demorou aceitar conversa com o curioso que buscava informações do caminho e das oportunidades que poderia encontrar.

— Lá da donde vosmecê morava... o terreno era seu? – perguntaram.

— Meu, nada. Tudo do coroné. Vivia como agregado... quasi de favô...

— E qué muda de vida?

— Não. Querê... não quis. Foi perciso... Intão, busco otro lugar pra assenta a famía – garantiu Benedito.

Percebendo que o caboclo queria se estabelecer em uma paragem, sem entrar na concorrência do transporte de mercadorias, a maioria resolveu colaborar, informando coisas úteis para o migrante forçado.

Soube que os bugres viviam na espreita, mas só atacavam se fossem provocados; preferiam viver em paz. Perigo mesmo eram as cobras venenosas, que se escondiam e atacavam de traição. Recomendaram tomar cuidado também com as doenças, porque ali não havia recursos e as famílias dependiam uma das outras, até para uma colher de sal. Dois deles já se colocaram à disposição para fornecer sal, tecidos e ferramentas, desde que ele não fosse morar muito longe do caminho das tropas.

Benedito aproveitou os oferecimentos para perguntar se alguém sabia de algum sítio dali pra cima, que estivesse à venda ou que pudesse ser arrendado. De preferência, com terra boa, com boas aguadas,

bastante caça. Com algum peixe, quem sabe? Conversou também com o pessoal, procurando informações sobre fazendas rio-acima e sobre condições de trabalho para eles.

Disseram que as terras boas já estavam ocupadas e atendidas pelos próprios donos, sem a necessidade de contratar empregados. Por perto, só restavam pirambeiras. O jeito seria arrancar mais longe. Os tropeiros indicaram vários locais no pé da serra, onde eles poderiam erguer um rancho e plantar uma pequena roça, mas – com certeza –, nos riachos daquela região, os peixes seriam bem menores e em menor quantidade que na região de onde eles estavam vindo. Muito menos, poderiam andar de barco. Por isso, aconselharam que ele trocasse as canoas e os apetrechos de pesca por um bom cavalo, que lá no mato seria de muita serventia. E era isso mesmo que ele decidiu: venderia as canoas e prosseguiria pela estrada.

Com esses conselhos em mente, Benedito saiu pelas redondezas, procurando saber de pessoas interessadas em comprar as redes e as duas canoas.

Depois de muito andar, encontrou um agricultor interessado, mas sem dinheiro para comprar os apetrechos. Entretanto, poderia trocar tudo por um cavalo, mais uma vaca e uma bezerra. A negociação foi longa, mas acabaram se entendendo. Porém, ele só fecharia o negócio, com o consentimento da companheira. Por isso, combinaram confirmar as trocas ao final da tarde.

Catarina ouviu os relatos com curiosidade e atenção. Analisaram, mediram e pesaram a falta que sentiriam dos equipamentos de uso e de estimação e o quanto os animais seriam úteis lá nos cafundós, no meio do mato. O cavalo poderia carregar as trouxas de roupa, as panelas e a farinha de mandioca. Para os animais, teria capim à vontade e o leite ajudaria na alimentação da família. Por isso, concordavam com as trocas. Mesmo porque, para eles, não havia outra solução.

Durante a tarde, aproveitaram as canoas e as redes para pescar no Poço Fundo, onde os cardumes ficavam na espera das migalhas jogadas na água pelos passageiros dos barcos. Com bom equipamento e com a experiência de pescadores natos, tiraram boa safra, que supriu a família, com sobras para partilhar com as pessoas que haviam ajudado e para comprar alguns apetrechos para os animais.

No final da tarde, remaram até a barranca do rio nas terras do agricultor que propôs as trocas. Depois de novas conversas, fecharam o negócio, entregaram as canoas, as redes e parte dos peixes em troca dos animais com cordas, cabresto e cangalha. Para passar a noite, pediram pousada no barracão dos tropeiros e contaram com a companhia deles e com o fogo-de-chão comunitário, onde os peixes foram assados ao lado do churrasco de todo dia. Dividiram também um pouco da farinha de mandioca, que recebeu bons elogios, pelo sabor e pela maciez.

CAMINHADA

Depois de uma noite de descanso, em segurança, no aconchego do fogo-de-chão e com o calor das novas amizades, tiraram o leite da vaca, colocaram os balaios, as trouxas e as bruacas sobre a cangalha e iniciaram mais uma etapa da migração forçada.

Durante a manhã, encontraram ainda muitos moradores ao lado da estrada e nas barrancas do rio. As pessoas acenavam para eles, especialmente as crianças. Ao meio-dia pararam para descansar, pois a viagem se fazia penosa, para eles e para os animais. Catarina acendeu o fogo e as crianças se deitaram na relva para tirar uma soneca. Benedito prendeu os animais em locais em que o capim vicejava e aproveitou o tempo para pegar mais uns peixes que abundavam num pequeno poço do rio. Almoçaram e, enquanto Catarina lavava as panelas e a louça num regato que corria ao lado, o marido encilhou o cavalo e prendeu a vaca na cangalha, para que ela acompanhasse o cavalo sem a necessidade de ser tangida. A bezerrinha seguia a mãe, dando pinotes e explorando as margens da estrada.

Caminharam até o final da tarde, quando todos já estavam exaustos e ainda havia luz para cortar as estacas e as folhas de jerivá para montar a cabana onde passariam a noite. Os animais aproveitavam a folga para encher a barriga com o capim verdejante na barranca do rio.

Antes de a noite cobrir a mata, eles já estavam abrigados dentro da choça, ao redor do fogo-de-chão, aguardando o peixe que assava na brasa. Benedito saiu atrás de um barulho e voltou carregando uma capivara curiosa que ele abateu com uma paulada. Antes que o sangue coalhasse, ele foi até o rio, sangrou e limpou o animal. Em seguida, salgou pra conservar por mais tempo a carne. Dali por diante, eles teriam mais um peso por carregar, mesmo que pudessem contar com fartura de comida.

Foi uma noite tranquila, sem maiores incidentes. Ao amanhecer, colheram novamente o leite da Mimosa, se alimentaram, organizaram as cargas e prosseguiram viagem. A essa altura da viagem, a vaca já tinha um nome e, em consequência, a bezerrinha foi chamada de Mimada, tal o cuidado que recebia da mãe.

O Caminho das Tropas costeava o rio, que ia amiudando, estreitando e ficando cada vez mais encachoeirado. Os peixes ficavam mais escassos e apenas nos locais em que a água conseguia formar pequenos poços. Apareciam cada vez mais animais de pelo e encontraram várias cobras, o que passou a demandar mais atenção e cuidado.

Benedito ia à frente, puxando os animais e Catarina seguia atrás, com as crianças, que, nos trechos mais abertos, o pai também ajudava a carregar. Vez em quando, eles já avistavam as altas montanhas do paredão da Serra Geral.

Logo depois do almoço, roncou trovoadas e caiu um aguaceiro. Por sorte, encontraram uma pequena gruta

para abrigar a mãe e os dois filhos. Benedito levou os animais para debaixo de uma árvore frondosa, onde caíam poucos pingos, sem molhar a carga.

Quando a nuvem foi embora, apressaram o passo, porque queriam pernoitar em local próximo ao destino. Pelas informações dos tropeiros, já estariam chegando às nascentes do rio. De fato, as terras pareciam mais pobres, conforme informaram no Poço Grande do Rio Tubarão. Nos últimos trechos, viram poucas casas de moradores.

Estavam indecisos quanto ao local que deveriam acampar e, talvez, fixar residência. O espaço às margens do Caminho das Tropas parecia deserto e – quem sabe – não estariam tomando o lugar de moradores mais antigos que tiveram, também eles, de abandonar suas moradas? Sabiam o que sente uma família que é expulsa por invasores, pois, por duas vezes, eles sofreram com os abusos dos conquistadores que chegaram e tomavam a terra, as roças e a casa, com cara de zombaria, ainda.

Então, o acaso decidiu por eles. Às margens de um riacho que cortava a estrada, encontraram um cachorro perdido, que os recebeu com muita festa. As crianças esqueceram as canseiras e correram ao encontro dele, recebendo como agradecimento umas boas lambidas na cara. O fato gerou a convicção de que ali deveriam construir o rancho, pois teriam água boa e um guarda para anunciar o perigo das cobras e de outros possíveis intrusos.

Catarina ficou cuidando dos animais e das crianças, enquanto Benedito andava pelas redondezas, analisando o terreno. Ele queria se estabelecer imediatamente em local definitivo, por isso demorou um pouco para retornar. Entretanto, estava convicto da escolha: um terreno levemente inclinado, com uma boa fonte de água e um bambual que podia fornecer estacas para construir o rancho, fibras para fabricar balaios e varas para pescar, dentre outras coisas.

Do local, se avistava o Caminho das Tropas e boa parte do vale abaixo. Catarina também gostou do local e ali ergueram uma palhoça, que seria a morada deles nos primeiros dias de nova vida. A vaca, a bezerrinha e o cavalo ainda iriam dormir ao relento, até que fosse construído o abrigo para eles.

Enquanto a mãe preparava a janta e o pai organizava os jiraus, feitos de bambu, para acomodar as panelas e as roupas, as crianças brincavam com o cachorro, repetindo Au-au e ele fazendo eco com o latido: au-au. Por isso, foi batizado com esse nome mesmo: Au-au. Aí, a mãe lembrou que o cavalo ainda estava sem nome e que essa tarefa ficaria por conta das crianças.

Naquela noite, comeram um carreteiro de arroz com gosto de capivara. Só com uns pedaços de osso, para dar o gosto. Mas, parecia um carreteiro de verdade.

Estavam muito cansados da viagem e podiam relaxar, pois haviam encontrado um lugar para morar. Se sentiam seguros, em paz consigo mesmos. Enquanto a lua-cheia clareava as matas ao redor, a família adormeceu o primeiro sono ao pé da serra.

QUASE SOZINHOS

Trabalharam muito para construir a casa de barro. Primeiro, ergueram a estrutura com estacas de madeira, amarradas com cipó-alho. Em seguida, cortaram algumas palmeiras juçara, das quais, tiraram ripas para formar o telhado, tecido com as folhas da própria palmeira. Guardaram os palmitos para comer. As paredes, feitas com bambus, receberam um enchimento de barro vermelho, que secou com o calor do fogo-de-chão usado para aquecer a família e para cozinhar os alimentos.

Mantiveram a palhoça como paiol para depositar ferramentas e lenha seca. Um pouco mais abaixo, construíram um barracão, com espaços reservados para o cavalo, para a Mimosa e para a Mimada. Faltava fazer um cercado para os animais pastarem.

O cachorro Au-au era bom farejador e volta e meia trazia uma paca para a família. Parecia ter sido ensinado para isso. O cachorro paqueiro é treinado para pegar e trazer a presa ao dono, que o compensa com afagos e com alimentos. Benedito imaginou que poderia preparar armadilhas para antas, pacas, capivaras, tatus, inhambus, urus, pombas e peixes. Ele já sabia fabricar covos, balaios, arapucas e gaiolas para prender galinhas. Baseado nestas experiências e com os palpites de Catarina, montou várias armadilhas, que foram sendo aperfeiçoadas para capturar e para manter presa a caça. A partir daí, não faltou mais carne

para alimentar a família. Porém, a farinha de mandioca estava acabando e teriam de encontrar mais farinha e ramas de aipim e de mandioca para plantar. Além de sementes de milho, feijão e abóbora.

Na viagem, eles evitaram o contato com as pessoas, pois se sentiam sem coragem, devido à situação que viviam. Agora, se arrependiam de não terem parado e conversado com os moradores à beira do caminho. Na parte final do trajeto, no início da tarde, passaram pelo armazém que havia ao lado da pousada dos tropeiros, mas não chegaram, por acanhamento e por pressa. Estavam pensando de voltar lá para negociar mantimentos. Lembravam bem do local, pois havia muitas palmeiras pelas encostas.

Fazia uns dias que Benedito tinha a impressão de ser observado por alguém. Conversou com Catarina e chegaram a brincar que ele estaria vendo fantasmas ou ficando louco. No entanto, num final de tarde, o cachorro latia insistentemente a uma pequena distância da cabana, porém, sem raiva, até com uma certa suavidade, com voz de amizade. Benedito foi verificar o que estava acontecendo e se deparou com uma cena inesperada: um homem de meia-idade, escondido na ramagem, esperava que o cachorro se acalmasse e deixasse livre o caminho para descer a encosta rumo à cabana.

Benedito chamou o Au-au, ordenou que parasse de latir e acenou ao visitante que chegasse mais perto. Então, percebeu que era um bugre, que se aproximou com calma, fazendo gestos de amizade. Parou na

distância de três metros e ficou analisando as reações do novo morador. Ambos estavam tranquilos e demonstravam simpatia recíproca.

Então, o homem começou a falar, sereno e convicto. Com os braços estendidos, repetiu palavras estranhas e uma palavra conhecida: amigo. Com gestos, o homem mostrava o chão e o corpo, procurando demonstrar que um pertencia ao outro, que ele era daquele chão e que o solo era dele. Sempre com gestos acompanhados de palavras da língua dele, parecia mencionar a floresta, a água e os animais; parecia dizer que ele vivia com eles e que, deles, dependia para viver. Mesmo desconhecendo a maioria das palavras, era possível entender que o bugre oferecia a amizade e a terra dele, em troca de amizade e de camaradagem.

Benedito procurava demonstrar humildade e vontade de conviver em paz, com o bugre e com a natureza. Com a mão, indicava a direção da cabana e com gestos descreveu Catarina e os filhos. No entanto, o bugre dava sinais de que já sabia de tudo, de que acompanhava a família desde que chegaram ao local. Demonstrava aceitar e respeitar os novos moradores e que queria interagir com eles.

Depois dessas apresentações, o bugre fez menção de voltar para a floresta. Andou uns passos, parou, virou o rosto para Benedito, olhou atentamente e, dando as costas, sem pressa, voltou a caminhar.

Todos sabiam que a floresta era a 'casa dos bugres' e que os colonos chegavam de fora para roubar a caça e as frutas do mato. Deveriam respeitar os moradores

mais antigos. Benedito permaneceu um tempo pensando no encontro, até lembrar que Catarina, com certeza, estivera atenta aos ruídos e teria ouvido a ‘conversa’. Voltou rapidamente para casa e encontrou a companheira bastante angustiada, segurando as crianças contra o corpo dela.

— Óme, que aconteceu? Porque o Au-au voltô sozinho, balançando o rabo?

— Fui pego de surpresa; apareceu um bugre. Mas, não se assuste; o óme é de paiz.

— Se é de paiz, porque você não troxe ele aqui pra casa, pra a gente conversá...

— Aí que tá o problema: ele não fala como a gente...

— Como se entenderam, então? Você demorou um tempão...

— Ele sabia da nossa presença desde o primeiro dia. Parece dizê que a gente invadiu o território dele, que tamo pegando a comida dele, ... Intanto, se conforma, desde que a gente reparta com ele alguma coisa.

— Você não acha que ele pode atacá de noite e matá nossos filho? – indagou a mãe assustada.

— Com toda certeza: não. Pelos gesto e pelo jeito de olhá, senti que é sincero, que é leal.

Catarina se assustou ainda mais com a confiança cega que o marido depositava num bugre do mato, que aparece do nada e para o nada desaparece. E se ele voltasse à noite com o restante da tribo? Estavam sozinhos, isolados, sem contar com um socorro. O marido estava planejando uma viagem, ao menos, até o

armazém, pois eles precisavam de sementes e de ramas de aipim para plantar. Precisavam comprar ferramentas e pregos. Como ela poderia ficar sozinha com as crianças, correndo o risco de serem atacadas pelos bugres? Por isso, Benedito teve de desistir da viagem.

A partir daí, procuraram conversar com todos os tropeiros que passassem, para obter mais informações e se precaver. Contavam a eles do tal bugre que se dizia “amigo” e que acompanhava tudo o que eles faziam. As opiniões se dividiam: uns chegavam a ‘caçar índios’, mas a maioria mantinha relações amistosas com os nativos, pois, sendo eles mesmos filhos ou netos de índios, carregavam sangue indígena nas veias. Cada situação deveria ser analisada com cuidado. A maioria dos bugres merecia amizade e ajuda, porém, alguns roubavam descaradamente; se atacados, poderiam se unir para revidar as agressões.

Catarina perguntou se eles sabiam da existência de aldeias indígenas na região e se os bugres poderiam ser perigosos. O mais velho dos tropeiros falou que eles eram bem desconfiados, mas que só atacavam quem fizesse alguma maldade. Disse que conhecia as áreas próximas ao Caminho das Tropas e que, nelas havia uns poucos bugres dispersos; os grupos maiores estavam mais para o interior. Que esses ‘índios de beira de estrada’ eram mansos; garantiu que, se tratassem bem, dando pequenos presentes, o bugre poderia ser até um bom aliado.

Outros problemas também foram resolvidos nesses contatos. Conseguiram sementes de feijão, de abóbora e de milho, três pequenas mudas de bananeira, além de uma braçada de ramas de aipim. Um dos tropeiros vendeu para eles o sal, os pregos e as ferramentas, com a condição de pagar aos poucos, com carne e peles de animais ou peixes defumados. Quando colhesse as roças, poderia pagar com o produto das lavouras.

A partir de então, algumas vezes, ao final da tarde, o cachorro latia informando que o bugre estava por perto, escondido em alguma moita. Passaram a deixar, sobre uma pedra, alguma coisa para comer e a comida sumia. Quase sempre, eles estavam ocupados com tarefas caseiras e as visitas do bugre viraram rotina. Parece que o visitante também ganhou confiança e, um dia, apareceu, inesperadamente, no roçado que Benedito abria a golpe de machado.

O sol ainda castigava bastante e Benedito fez menção de ir para a beira do mato, onde tinha sombra e uma cabaça com água. Jogou a água que ficava por cima e que poderia ter algum cisco e ofereceu ao homem, que recusou. Depois, bebeu até saciar a sede.

Em seguida, usando mímicas com habilidade, o visitante indicou a direção do rio e fez menção de ir para lá. Foi andando e convidando Benedito a também seguir com ele. Benedito ficou em dúvida se devia se afastar sem avisar Catarina, que permanecia atenta aos ruídos das machadadas e da queda das coivaras, para se certificar que o marido estava bem. O silêncio poderia deixar a mulher preocupada. Depois de uns

passos, parou e fez menção de voltar. Pressentindo a indecisão, o homem olhou para trás e convidou novamente a seguir, agora com mais veemência. Benedito teve a ideia de mandar de volta o cachorro como um aviso de que estava tudo bem. Logo, Au-au entendeu e correu para casa.

Voltaram a andar pela floresta e Benedito se encheu de confiança, porque o bugre aí à sua frente, sem medo algum de ser atacado pelas costas. Caminhava com resolução, mas sem pressa. Seguiam em silêncio. Cada qual com seus pensamentos e com seus propósitos. Quando chegaram à barranca do rio, o bugre apontou o covo de bambu que aparecia dentro da água límpida. Benedito entendeu, imediatamente, duas coisas: ele sabia da armadilha e, talvez, já tivesse colhido algum peixe que ali encontrara em outras ocasiões.

Sereno e decidido, passou pelo bugre e retirou a armadilha da água. Dentro, havia dois peixes: um pequeno e outro de mais ou menos um quilo. Com perícia, retirou os dois peixes e ofereceu ao outro num gesto de amizade. O homem segurou os peixes pelas guelras, como quem sabe pegar peixes a unha. Para reforçar o gesto de amizade, Benedito ofereceu também o covo, ainda com água escorrendo. Depois de breve hesitação, o homem agarrou a armadilha e falou: — Amigo. Amigo. Ixé amigo. Îandé amigo. Ixé abá. Xe yby. Abá katu. Però katu. Mokatu. Marangatu, momaragatu.

Depois, fitou longamente o migrante, virou-se para identificar o melhor caminho e saiu em direção

diferente da que tinham vindo. Depois de alguns passos, voltou o rosto e repetiu:

— Amigo. Amigo. Ixé amigo. Îandé amigo.

Benedito contemplou a caminhada do novo amigo até que ele sumisse no meio da mata. Estava atônito, meditativo. Entretanto, a claridade já diminuía e ele, rapidamente, retornou para casa, onde Catarina esperava ainda mais angustiada que no primeiro dia.

— Você sumiu. Que aconteceu?

— O bugre apareceu e quis que fosse com ele.

— Pra onde? Porque o Au-au não foi junto?

— Fomo até o rio.

— Que perigo! Ele podia tê te matado, podia sê uma tocaia...

— Que nada. O óme é de paiz; só queria mostrá que sabia do covo no rio; mostrá que é esperto...

— O que vocês fizeram, intão? Você demorô munto...

— Aconteceu uma coisa difícil de acreditar: o bugre sabia do covo e fez questão de me levá lá para demonstrá que, memo sabendo, respeitava o que é dos outro.

— Ele não roubava os peixe? – indagou Catarina.

— Acredito que sim. Mais, não estragava e não levou o covo; só sentia fome e levava os peixes pra comê. Dei a ele os peixe e o covo.

Catarina não confiava cegamente, como o marido.

— Onde já se viu entregá tudo pro óme? Com certeza, ele vai contá pros outro bugre, que logo vão tomá conta de tudo. E, o pió: eles pode levá as criança pra comer...

— Deixe de bobage, mulhé. Fique tranquila. O óme parece vivê sozinho; é pessoa de paiz.

— Que loucura! E se ele volta durante a noite e leva nossas coisa? Memo as criança... às veiz, elas ficam sozinha...

No entanto, nenhuma tragédia aconteceu. Aos poucos, conseguiram abrir roças, cercar um pedaço de pasto e organizar as rotinas diárias. As crianças já andavam sozinhas ao redor de casa, dando mais liberdade aos pais para se dedicarem ao trabalho. Logo adiante, teriam uma dificuldade a mais: a vaca, de quando em quando, mugia clamando por um touro e mesmo a novilha logo precisaria acasalar para gerar mais bezerros e fornecer o leite, que serviria para beber e, ainda, para fabricar queijo e coalhada.

Benedito sempre conseguia pegar um inhambu, uma pomba, um jacu ou um macuco nas arapucas. Nas armadilhas, pegava pacas, cotias e tatus; além de bons peixes nos covos. Por isso, não faltava carne para as refeições. Havia também muitas frutas silvestres e o açúcar era substituído por mel de abelhas-sem-ferrão, como a mandaçaia, que produzia muito mel. No entanto, os mantimentos do estoque estavam acabando e eles precisariam comprar ou pegar emprestado de algum vizinho, com a condição de devolver logo que colhessem as roças.

CAMARADAGEM

Estavam ocupados com a trabalhadeira diária, quando um bugre surgiu silenciosamente na beira do mato enquanto derrubavam uma árvore para tirar madeira para aumentar e melhorar as construções. De repente, Catarina viu um homem nu, de meia-idade, um pouco encurvado sobre um bastão, e ficou muda de medo. Quase desmaiou.

Sentindo falta da ajuda da companheira, Benedito também parou o trabalho e, seguindo o olhar dela, reconheceu o ‘amigo’ de dias atrás. Nem se alterou diante daquela fisionomia serena, demonstrando ser uma pessoa amistosa. Ficou observando e aguardando uma atitude ou algum movimento que demonstrasse as intenções do homem, que continuava a olhar para eles, analisando as reações deles.

Com a certeza de que o bugre veio para conversar, Benedito caminhou ao encontro do visitante e entabulando uma conversa meio maluca, falando com a boca e com as mãos. Em seguida, usando poucas palavras e muitos gestos, o bugre demonstrava interesse em aprender a fabricar armadilhas para pegar peixes, pacas, tatus, capivaras, ...

Catarina passou a apreciar a conversa dos dois, já mais tranquila, antevendo, inclusive, que os dois se entenderiam muito bem. Benedito fazia sinais de aprovação e se ofereceu para descerem até o pátio da casa para construir armadilhas para pegar peixes, aves

e animais de pelo. Mostrava com as mãos e imitava os bichos que poderiam pegar.

Satisfeito apenas com a negociação, o homem fez sinais de que iria embora e sumiu no mato sem que eles pudessem saber, ainda, onde e com quem morava.

Entretanto, Catarina também se convenceu que não havia perigo, até muito pelo contrário, eles poderiam pedir a ajuda dele em várias coisas, pois os bugres são muito espertos e conhecem bem a região que habitam.

Dois dias depois, no final da manhã, o bugre apareceu da mesma forma silenciosa, demonstrando a intenção de interagir amistosamente. Trazia, nas mãos, uma faca feita de bambu. Logo, os dois homens entabularam um diálogo mímico diante do olhar curioso das crianças que nunca tinham visto um homem nu, a não ser o pai delas. Até parecia que os dois estavam conversando de verdade, pois, em instantes, se colocaram a fabricar arapucas e covos de bambu. O bugre prestava muita atenção, procurava ajudar e até tentava tomar a iniciativa, como quem se sente seguro de que está aprendendo. Depois, Benedito explicou várias vezes como devia ser armada a arapuca e foi mostrar algumas armadilhas de buraco que ficavam próximas do local em que estavam.

Quando voltaram, o almoço estava pronto e Bendito convidou o novo amigo para almoçar com eles. O bugre se recusou a compartilhar a refeição. Então, Catarina encheu um prato de feijão com arroz e carne com molho e ofereceu a ele. Com visível ansiedade, ele aceitou e se sentou numa pedra para devorar a

refeição, sem usar os talheres; usava as mãos para levar a comida à boca. Deixaram ele ali e foram almoçar, também eles. Meia hora depois, o ‘amigo’ não estava mais lá; sem se despedir, tinha voltado para a floresta, carregando as arapucas e os covos que fabricaram juntos. A família nem percebeu a retirada silenciosa.

Depois dessa visita, Catarina se acalmou e foi ela quem teve a ideia de oferecer leite de vaca na próxima aparição do bugre. Nem demorou; ele apareceu logo que o dia seguinte clareou. Ofereceram o líquido branco, que ele sorveu e, depois, fez sinal que gostou, com reverências para agradecer a bebida. Depois, olhando atentamente para Catarina e para as crianças, exclamava:

— Aruru. Aruru. Aruru.

E foi ficando cada vez mais triste e choroso, sempre apontando para a mulher e para as crianças. Ainda chorando desconsolado, foi se afastando aos poucos, sempre apontando para Catarina e para as crianças e repetindo:

— Aruru. Aruru. Aruru.

MOVIMENTO TROPEIRO

As tropas de gado passavam com intervalos de cinco a dez dias, deixando as crianças muito animadas. O barulho da comitiva descia a serra bem antes de passar a boiada e os pequenos já saltitavam de alegria. No

entanto, os pais ficavam apreensivos, pois, se um boi brabo desgarrasse poderia derrubar a casa deles e até matar alguém. Porém, os tropeiros sempre controlavam os animais, principalmente, nesse trecho de picada, com os bichos cansados da difícil descida pelos chãos escorregadios.

Se para as pessoas as tropas ofereciam riscos, para a vaca Mimosa era a única oportunidade de ver um touro naqueles cafundós. Lá pelo terceiro mês de nova morada, passou por lá um touro bem no dia em que ela ‘estava de folia’ e Benedito pediu ao tropeiro que emprestasse o reprodutor por uma meia hora, para ‘fazer o serviço’. Então, os dois ‘noivos-animais’ usufruíram do prazer sexual, garantindo a próxima cria e a desejada produção de leite.

Mais raramente, pelo Caminho das Tropas, desciam pequenos grupos de porcos tangidos por peões a pé. Nessas oportunidades, Catarina manifestava as saudades que sentia dos porcos que eles criavam lá no litoral. O marido tinha interesses mais práticos: a criação de suínos gerava a carne para acompanhar o aipim cozido. No momento, nem de aipim eles dispunham e conseguiam carne em abundância com a caça que caía nas arapucas e nas armadilhas.

O tempo foi passando e eles já se sentiam ‘em casa’ naqueles cafundós. Havia estabelecido contatos com os vizinhos mais próximos, com os quais trocavam dias de trabalho e o pouco alimento de que dispunham. O mais importante era que começavam a viver em comunidade, ajudando uns aos outros nas dificuldades.

Numa dessas visitas a uma família que vivia há anos a meio caminho entre eles e o armazém, ganharam uma choca com pintinhos recém-nascidos. Chegando em casa, montaram uma gaiola de bambu trançado, que recebeu uma cobertura de palmeira juçara. Ali pernoitava a família galinácea, a salvo dos ataques de predadores. O Au-au mantinha afastados os furões e os gambás, mas pouco podia fazer contra os gaviões que rondavam os pintinhos pequenos.

VISITA À OCA

A família se sentia estabelecida em um pedaço de terra, mesmo que sem o documento de posse; era aceita pela pequena comunidade e se sentia segura. Parecia estar bem melhor que lá no litoral. A maioria das lavouras começava a produzir e as bananeiras produziram o primeiro cacho. Ao ver as bananeiras e o cacho de bananas, o bugre repetia:

— Pacova. Pacova. Pacova.

Sempre que se referiam ao bugre, usavam como nome Aruru, que era a palavra que ele sempre repetia com aquele olhar nostálgico sobre a Catarina e os filhos. Aos poucos, Aruru foi ficando mais achegado, trazendo sempre alguma fruta como agrado, possivelmente, para provocar uma retribuição, pois ele adorava o leite da Mimosa e aprendia, com Benedito, a fabricar ferramentas rústicas e armadilhas para prender aves, mamíferos e peixes.

Interpretando as pantomimas dele e trocando informações com os vizinhos que residiam em outros sítios, souberam que aruru significava tristonho, saudades, luto. Segundo diziam, a bugra e os filhos teriam sido levados e vendidos em Laguna. Ninguém sabia ao certo quem teria feito tamanha maldade, enquanto ele estava em local distante, caçando o sustento da família. Depois desse dia, o bugre passou a viver sozinho e a se lamentar repetindo a palavra aruru.

Quando as relações sociais entre Aruru e Benedito se consolidaram em amizade, o bugre tomou o sitiante pela mão e com o braço livre indicava a direção de uma montanha, na encosta da serra. Benedito entendeu o convite e avisou Catarina que iria com o amigo para conhecer a choça em que ele morava.

Caminharam quase duas léguas por trilhas sinuosas que mal poderiam ser distinguidas no meio da mata. Subiram por entre grandes pedras até uma clareira, com um casebre de pau-a-pique de uma só abertura. Bem no centro do abrigo, queimava um fogo fumacento e, numa das paredes, havia um catre, constituído de uma esteira de folhas de jerivá sobre um jirau de ramos toscos. Aparentemente, a choça servia apenas como abrigo, pois, além da cama alta para se proteger dos bichos que andam pelo chão durante a noite, havia, encostados numa lateral da parede, uma flauta de taquara, um forte cacete de guatambu, liso de tanto ser manuseado, e um facão de cambuí que eles mesmos tinham feito meses antes.

O bugre mostrava tudo com orgulho, desde a choça até a fonte de água que escorria da pedra logo no início da encosta atrás da moradia, enquanto Benedito ficava imaginando quantas coisas poderia dar a ele, desde um bom facão de ferro até umas galinhas para ciscar no terreiro.

Estavam nessa conversa por gestos, quando se achegou um caititu, que ouriçou os pelos e batia os dentes para os lados do estranho que invadia o espaço que sempre havia sido só dele. O bugre andou alguns passos na direção do animal enfurecido e falava carinhosamente, usando palavras da língua indígena. Aos poucos, o sossego voltou ao terreiro e Aruru explicou mimicamente que havia encontrado o filhote de *taïte'tu* perdido na floresta, fazia muito tempo.

Em seguida, Aruru levou o visitante para conhecer as armadilhas para pegar capivaras. Usando as mãos ou usando pedaços de galhos, ele tinha cavado grandes buracos no chão e cobrindo tudo com ramos de árvores.

CRESCIMENTO DA FAMÍLIA

Foi por essa época que souberam que um terceiro filho se desenvolvia no ventre de Catarina e eles se alegraram, pois, seria o primeiro bebê a nascer naquelas paragens. No entanto, as preocupações aumentavam; eles precisavam conseguir panos para cobrir o recém-nascido e construir um berço para ele. Quando contaram a Aruru, ele chorou em silêncio

como se a criança por nascer fosse um filho dele, também. Alguns dias depois, passou um tropeiro oferecendo ferramentas para vender e Benedito comprou um facão para doar ao amigo bugre. A amizade deles crescia continuamente.

Na entrada do inverno, amadureceu o feijão e eles puderam, finalmente, voltar a sentir o cheiro e o gosto do alimento. Os pintinhos cresceram e se tornaram galos e galinhas. Depois de oito meses, as frangas começaram a botar ovos, mas eles não colocaram chocar, porque podiam gorar, pois seriam filhos de irmão. Entretanto, separaram um dos galos mais bonitos para trocar por outro que não fosse parente da ninhada. Com a postura das galinhas, as refeições receberam acréscimos em sabor e em substância.

O inverno veio com chuvas geladas e o fogo-de-chão aquecia a família dia e noite. Os dias amanheciam mais tarde e anoitecia mais cedo, por isso, tinham de fazer tudo mais rapidamente. Além do que, nessa época chovia com frequência. Tudo era mais difícil.

Dificuldades também enfrentadas pelos tropeiros e pelos animais em trânsito para o litoral. No retorno para a serra, as mercadorias deveriam ser bem protegidas, porque a umidade poderia provocar muitos prejuízos.

Num dia chuvoso, um grupo de homens a pé desceu a serra tangendo uma manada de porcos. Benedito vinha pela estrada e subiu num tronco para dar passagem aos animais que grunhiam sem parar. Na rabeira, vinha uma porca pesadona, que só queria deitar; dava

muito trabalho para acompanhar a marcha. Só empurrando mesmo.

O peão parou com a retardatária bem na frente do sitiante e perguntou:

— O senhô não qué ficar co'essa porca que não consegue caminhá co'outros porco?

— Tô sem dinheiro e nem milho tenho pra alimentá a coitada... – ponderou Benedito.

O homem coçou a cabeça, em sinal de intensa preocupação. Precisava se livrar daquela carga rastejante.

— Acontece que ela tá pra criá... Eu é que num vô carregá leitão no colo...

O sitiante meditava: se Catarina visse a mãe-porca naquela situação, ia querer cuidar dela; a porca daria muito trabalho... Só se criasse solta no mato...

— Faço qualqué negócio pra me livrá da encrenca – insistia o peão angustiado. Nós nem sabia que a bichinha tava coberta...

Benedito resistia, regateando, pois, com desinteresse, a porca poderia sair de graça. Aí, compensava o trabalho e a nova preocupação. O homem tentava solução.

— Vamo fazê o seguinte: eu dexo a porca contigo e, depois dos leitão tá desmamado, passo pegá a mãe e vancê fica c'os leitão.

— Sendo ansim, topo o negócio. Vamo vê como termina essa história? – propôs Bendito.

O peão suspirou de alívio e nem olhou mais para o animal resfolegante. Estendeu a mão e olhando nos olhos, se despediu, virou as costas e foi embora muito satisfeito, livre da trabalhadeira, com o espírito leve.

Agora, quem tinha de empurrar a porca era ele mesmo, enquanto organizava uma desculpa para dar a Catarina. Foi conversando com o animal cansado e, depois de uma hora amassando lama, chegaram à beirada do pátio da palhoça, onde a família já estava esperando com exclamações entusiasmadas.

Depois de esgotados os entusiasmos e as curiosidades das crianças, veio a preocupação: onde acomodar a parturiente. Resolveram amarrar a porca por um pé ao lado das baias da Mimosa e da Mimada. Ficou bem apertado; teriam de aumentar o telhado... Mas, dizem que “Deus dá o cobertor conforme o frio”.

Assim, por uns dias, o assunto girou em torno da nova moradora do sítio. Dois dias depois da chegada, nasceram os primeiros nove leitões naquelas bandas. Até Aruru apareceu para conhecer a família suína. Ele estava maravilhado, pois sempre quis ter uma criação de porcos. As crianças mimavam aqueles filhotes tão rechonchudos e simpáticos. Cada um tinha pelagem diferente; todos tinham muita fome e só queriam mamar.

Diante de tanto entusiasmo, Catarina encontrou coragem para falar para os filhos sobre a causa de sua barriga estar tão grande. Por instantes, as crianças permaneceram sérias, concentradas. Depois, começaram as perguntas. Seriam também nove bebês?

Quando que eles iam sair da barriga? O pai já sabia que ali dentro tinha um bebê? Qual seria o nome dele?

TÉTANO

Entre curiosidades e novas vidas, a trabalhadeira aumentou para Benedito, pois ficava com todo o serviço por conta dele. Para piorar ainda mais, na pressa de fazer tudo correndo, pisou num estrepe e o pé começou a inflamar, a ficar de uma cor estranha. Ele procurava esconder de Catarina, para que ela não ficasse preocupada e, em consequência, isso prejudicasse o filho que deveria nascer a qualquer momento.

Quando já não conseguia conter a aflição, apareceu ao lado dele o amigo Aruru. Só que viu o pé, saltou e correu procurar no mato algumas folhas de plantas. Já ia a meio caminho, quando lembrou do poder que tem o sal de matar os micróbios. Voltou e fez sinais de que iria pegar um pouco de sal, que ele sabia bem onde era guardado. Trouxe e cobriu bem o corte, sempre repetindo uma cantilena ritual. Fazia sinais de que, se não fizesse a benzedura, a ‘doença ruim’ poderia matar.

Depois desse tratamento emergencial, saiu em disparada para buscar as ervas curativas. Delas, retirou um sumo verde escuro, que passou por sobre o ferimento; depois, cobriu tudo com folhas de outras plantas. Por fim, pegou o cachimbo de bambu, colocou dentro dele um outro tipo de folha e buscou uma brasa

para colocar em cima. Catarina quis saber o que estava acontecendo, mas ele só fez um gesto de despreocupação e voltou ao enfermo, para continuar o tratamento. Chupava e soprava a fumaça sobre o curativo, sempre repetindo as rezas cerimoniais.

Benedito sentia alívio crescente, menos nos olhos, que lacrimejavam de tanta fumaça. Mesmo por entre as lágrimas, despejava ternura por aquele inesperado enfermeiro, mais fiel e companheiro do que qualquer outro que teve até então. Durante o tratamento, Aruru fez os trabalhos do sítio e até aprendeu a ordenhar a Mimosa. Porém, Benedito tinha de ficar por perto, cuidando para que o amigo não bebesse todo o leite que caísse na cuia.

Quando Benedito conseguiu finalmente firmar o pé no chão e retomou as responsabilidades diárias, nasceu Antônio, o terceiro filho do casal. E, novamente, o bugre impôs suas pajelanças. Passava os dias amuado, se movendo lentamente, com cuidados excessivos, como se tivesse sido ele a parir o ‘curumim’. De início, os pais ficaram preocupados com o comportamento estranho; depois, acostumaram com os rituais, pois entenderam que, daquela forma, ele demonstrava envolvimento familiar.

Com a convivência que intensificava, aprendeu várias palavras em Português e já manejava bem o facão, a foice e a enxada que foram compradas para ele. Já construía melhores armadilhas que Benedito e levou a porcada para o pé-de-serra acima de sua oca. Levou dizendo que tudo ali era deles e que lá estariam mais

distantes da estrada, onde passavam as manadas e que poderiam levar todos de uma vez.

A parceria dos dois vizinhos rendia cada vez mais aprendizagens. Aruru conhecia muitas plantas usadas tradicionalmente pelos bugres de tribos do litoral e de tribos da serra, pois, naquela região, os indígenas se encontravam desde tempos ancestrais. Segundo ele, o Caminho das Tropas transpunha o costão da serra pelas mesmas trilhas do Caminho Peaberu, utilizados pelos nativos há milênios; logo adiante do lugar em que residiam, iniciava a subida do Guatá. Na língua indígena, Guatá significava 'do caminho'. De diferentes nações indígenas, ele aprendeu segredos de folhas e de raízes que curam, desde indigestão até picada de cobra. Menos da coatiara; esse veneno era mortal.

Numa segunda visita à oca de Aruru, Benedito estranhou a cor de algumas pequenas labaredas que saíam do meio da lenha que queimava no fogo-de-chão. Admirado, perguntou ao amigo, o que era aquilo. O bugre explicou que a lenha seca queima muito rápido e que a lenha verde faz muita fumaça. Então, para manter o fogo por longos períodos, mesmo que com pouco calor, ele colocava umas pedras pretas que sujavam as mãos. Delas, saía pouco fogo, mas mantinha brasas por vários dias.

Benedito quis saber mais, pois, também eles enfrentavam problemas para acender o fogo diariamente. Aruru contou que os pais dele já usavam pedras para que o fogo durasse bastante tempo, porque dava muito trabalho para conseguir acender

novamente o fogo. Outra vantagem era que as pedras resistiam bem à umidade. Benedito quis ter umas pedras para experimentar o efeito delas. Então, Aruru prometeu que levaria o amigo até o local do qual ele retirava as pedras e carregava nas costas dentro de um patauá feito com dois ramos de palmeira, entrelaçando as folhas, até formar tranças nas duas beiradas. Depois de colocar algumas pedras dentro, o saco era carregado nas costas, preso aos ombros pelas alças.

Essa conversa de carregar coisas resultou em mais aprendizagens para Benedito, que descobriu outras formas de fabricar pequenos cestos, que serviam para depositar líquidos, como o mel e a água. Depois de trançar as folhas de palmeira, Aruru forrava o recipiente com cera de abelha silvestre. Ele sabia também onde havia ninhos dessas abelhas e como aproveitar a cera. Algumas folhas grandes de plantas que nasciam nas barrancas dos rios também poderiam ser usadas para apanhar água para beber. Além dos tubos de taquara ou de bambu cortados com lascas de pedras afiadas feito um serrote.

TRANSIÇÃO

Os meses formaram anos, que ultrapassaram uma década. O isolamento inicial foi substituído pela carestia; a abundância de frutos silvestres e de caça cedeu lugar à competição por alimentos. Muitas das famílias que vieram de São Vicente para Laguna e, principalmente, os filhos delas, decepcionados com as

promessas não cumpridas nos assentamentos do litoral, migravam para o interior do continente, em busca de liberdade, fugindo dos impostos e das perseguições políticas. A povoação ao longo das margens do rio e à beira do Caminho das Tropas abriu clareiras na floresta, amiudou os espaços e repartiu as coletas naturais. As dificuldades aumentaram.

Antônio, o caçula da família, carregou as últimas esperanças de Benedito; foi o companheiro do pai e seu herdeiro no gosto pelas coisas simples. Catarina, depois do último parto, perdeu o entusiasmo pela vida, porque seu ventre secou. A filha, nascida ainda lá no litoral, cresceu sem companhia de outras meninas e sonhava poder andar pelos caminhos dos tropeiros. Quando passava uma comitiva, ela sentava numa pedra à beira da estrada e espichava olhos com vontades de seguir com eles. Logo, um jovem tropeiro, filho dos bugres lá de Serra-acima, se encantou pela moça e começou a parar para uma prosa, com desculpas de pedir água ou de perguntar coisas já sabidas.

O filho mais velho também desgostou da vida dura, sem confortos e sem perspectivas. Quando passou por ali um alemão a serviço do imperador e propôs trabalho, o rapaz aceitou abrir picadas a foice, na busca das pedras pretas que soltavam graxa. Quando ele encontrava um amontoado delas, o patrão colocava marcas no papel e nomeava a mina descoberta. Voltou, algumas vezes, para pedir a benção dos pais e depois sumiu no mundo. Nos primeiros tempos, ainda chegavam notícias de que estava bem; depois, os pais tiveram de sossegar as preocupações com o filho

ausente. Na companhia deles, restaram o filho Antônio e o amigo Aruru.

Os vizinhos passaram a ser mais concorrentes do que aliados. Novas levas de migrantes tomavam cada vez mais espaço nas beiradas das estradas, abertas sempre adiante; vinham com as mesmas necessidades e com ilusões semelhantes às que eles próprios trouxeram muitos anos atrás. Quem conseguisse assentar um casebre já virava proprietário de imóvel rural.

Pelo sistema de posse adotado na tradição portuguesa, os lotes de terra eram medidos pelo comprimento da faixa fronteira à estrada, indo aos fundos até algum confrontante que questionasse a propriedade. A cada inventário de bens, o solo era subdividido em faixas cada vez mais estreitas para cada herdeiro. Em seguida, as novas famílias abriam estradas sobre as compridas faixas de terra a partir de sua testada, reduzindo ainda mais os espaços para plantar ou pastorear.

Na ausência de direitos para a ocupação do terreno, valia mais a resignação educada dos vizinhos e a caridade dos assentados para com pessoas ainda mais pobres que eles.

Mesmo assim, Antônio se apegava ao chão em que nasceu, contando sempre com o aconchego familiar e com a amizade de Aruru. Quando chegou a idade de casar, trouxe para si uma galega que encontrou numa de suas idas até o Armazém de Raposa; sem sonhos maiores do que continuarem a viver como seus pais, sem grandes exigências e sem se importarem com os

que preferiam fazer fortuna. Iam sobrevivendo com lavouras de subsistência e com a coleta de frutos silvestres, com a pesca e com a caça, cada vez, mais escassas. Viviam quase como os bugres que se escondiam nos matos. O rancho da família ficava na encosta da serra, em uma área de pouca madeira de lei, de solo já fraco de formação e mais ainda esgotado pelas queimadas e pelas enxurradas. Plantavam o de-comer; sem sobras para vender. Logo, sem dinheiro para comprar um calçado ou uma roupa.

O movimento crescia constantemente no Caminho das Tropas e chegavam notícias com cada leva que passava. O Brasil estava em guerra com os castelhanos do Rio da Prata e com os guaranis do Rio Paraguai. A filha do imperador tinha casado com um francês e o governo da província construiria uma estrada de ferro para carregar mais carvão que as mulas carregavam em suas cangalhas. O carvão substituía a lenha nas fornalhas que aqueciam as caldeiras dos trens e dos navios movidos a vapor d'água. Os padres planejavam catequizar os posseiros para colher dízimos e para ajudar os governos na coleta de impostos.

Os caboclos resistiam o possível, mas, as autoridades cercavam por todos os lados. Os padres ameaçavam com o fogo do inferno e os políticos com promessas de progresso. Logo abaixo, formou-se um agrupamento de casas de madeira e o povo se organizava para construir uma capela.

Uma das vantagens de viver no mato, além de não pagar impostos, era estar livre das revoluções e das

guerras. O pai dele e muitos outros homens jovens se livraram da caça militar porque não tinham documento ou porque se enfiavam no mato até que a leva de 'Voluntários da Pátria' tinha seguido viagem. A maioria dos que ficaram esperando as autoridades para pedir dispensa acabou sendo 'convocada' e sofreram as consequências das longas caminhadas e das batalhas. Poucos voltaram para casa e, mesmo assim, bem estropiados.

QUILOMBO

Numa das excursões em que Antônio acompanhava Aruru, encontraram com um negro, parecido com os negros que, às vezes, acompanhavam as comitivas que passavam no Caminho das Tropas. Parecido, mas um pouco diferente, no formato do rosto, no tipo de corpo, no jeito de falar e nos comportamentos.

Os tropeiros negros passavam com cara alegre, sem medos no olhar, mesmo que seguissem humildes, sem alardes, discretos. O negro que cruzou com eles parecia muito desconfiado, evitando o contato, sumindo como uma sombra pelo meio da mata. Antônio percebeu reações estranhas também em Aruru, que evitou prolongar comunicações com o homem.

Dias depois, a lembrança ainda teimava em manter acesas as curiosidades de Antônio. Por isso, insistia com o velho bugre para que contasse tudo o que sabia sobre aquele negro diferente; de onde vinha, o que

estaria fazendo ali, o que ele representava para os índios dispersos e para os índios aldeados.

Aruru resistia, mas acabou cedendo e relatou, em etapas, o que sabia sobre essa gente 'escondida'. De fato, havia um povo que se escondia na floresta. Não era nem branco, nem índio. Chegaram aos poucos, fugindo do morubixaba deles. Evitavam entrar em conflito com os bugres e viviam quietos, sem gritarias e sem erguer fogueiras que pudessem chamar a atenção dos tropeiros que passavam pela estrada ou dos caçadores que tivessem coragem de andar pelo mato.

Na opinião dele, os que viviam no mato precisavam respeitar uns aos outros, pois os espaços e a comida diminuía cada vez mais. Mesmo os bugres, que, por muitas gerações, mudavam para outro lugar cada vez que escasseava a caça e as frutas se resignavam com os limites que apertavam por todos os lados e admitiam que os forasteiros também tinham direito à vida. Sofriam com isso e muitos se revoltavam com os invasores, entretanto, o melhor seria conviver em paz.

Os negros, porém, viviam sem angústias ou revoltas; só queriam sobreviver em liberdade. Como escravos, no cativeiro, recebiam comida dos donos, para que tivessem forças para trabalhar como animais domesticados. Conheciam a escravidão na prática; preferiam passar fome em liberdade.

Muitos bugres que caíram em conversas ou em emboscadas também foram escravizados e sofreram muito nas mãos dos fazendeiros. Os que conseguiram fugir se escondiam nos grotões com medo dos

bandeirantes. Melhor viver livres num cafundó, em taperas ajuntadas, com roças ao redor, dormindo sem sustos. Chamavam a taba deles de Quilombo: um povoado pobre, muito simples, mas bem protegido por estacas fincadas no chão, umas encostadas nas outras.

Como eles, permaneciam ao redor da aldeia deles, sem caçar pelas redondezas e sem guerrear com os vizinhos. Os bugres respeitavam os negros e eram por eles respeitados. Ninguém atacava as lavouras ou roubava mulheres deles. Por isso, Aruru pouco sabia daquele povo. Sabia apenas da existência de mais alguns quilombos em grotões das encostas e mesmo da Serra-acima.

Instigado por essas revelações, Antônio passou a perguntar para os pais, para os vizinhos e para os tropeiros o que eles sabiam daquela gente.

Os portugueses agiam de forma bem diferente: denunciavam os fugitivos e desprezavam a 'negrada', como se fossem animais sem serventia. Evitavam o contato com eles; muito menos, relações de amizade ou negócios. Preferiam casar com uma bugra que com uma negra. Desprezavam aqueles pagãos, uma gentilha não batizada que realizava cultos estranhos, nas noites em que se vestiam de branco, batucavam em tambores e repetiam cantilenas profanas.

Os engenheiros, ao contrário, se sentiam atraídos por aquelas pessoas exóticas; logo arranjavam uma daqueles moças de corpos macios e com elas viviam como se casados fossem. Até aceitavam comer as feijoadas que eles preparavam e devoravam em festas

regadas a cachaça. Alguns negros trabalhavam para eles, abrindo picadas a foice.

Outros estrangeiros que começavam a abrir roças pela região também valorizavam o trabalho dos negros, pois eles se contentavam com pouco e viviam ao redor das casas deles, sem importunar os patrões ou sair em caçadas barulhentas.

Antônio, então, aquietou as curiosidades e assentou ideia de que os negros eram gente como os outros e que poderia ter amizade com eles, principalmente, porque procuravam ficar quietos no canto deles.

CONVERSA CONJUGAL

— Pedro, nossa filha Isabel concluiu os estudos e podemos procurar um esposo para ela.

— Será uma missão tão difícil quanto governar o Brasil. A começar pela inexistência de outras monarquias e de qualquer príncipe na América. Por isso, ficamos na dependência de infantes europeus, mesmo sendo aparentados nossos.

— Parentes e rivais nas disputas dos tronos e das heranças. Os casamentos contratados podem gerar os mesmos embaraços pelos quais passou o senhor seu pai e nós mesmos.

— No entanto, a Monarquia depende das habilidades diplomáticas e militares deles, pois nossa filha jamais iria para a guerra e nem mesmo por política se interessa.

— Talvez, senhor meu marido, foi por falta de incentivo, por falta de oportunidades. Se ela fosse convidada para participar de eventos políticos e acompanhasse o imperador em visitas oficiais... para ter uma ideia dos ritos governamentais. Como poderia se interessar por política se nunca participou das reuniões da Assembleia ou do Conselho de Estado? Se jamais teve acesso a documentos do Governo? Como poderia se interessar por ‘assuntos proibidos’? – questionou Teresa Cristina.

— Ela parece despreparada até para lidar com os problemas pessoais...

— E como poderia? Teve só duas amigas e trocou algumas palavras com um menino que é quase um irmão para ela. Viveu trancada como se fosse uma freira carmelita...

— Faço o melhor que posso por minha família... – desculpou-se Pedro de Alcântara.

— E pela política... E sozinho...

— Evito levar comigo uma moça desatenta, que fala o que pensa, dispensa meias palavras e que pode se incendiar diante da mínima contrariedade – argumentou o imperador.

— Mais uma razão para encontrar um príncipe consorte para defender as ideias dela e dar continuidade à Dinastia Bragança-Duas Cecílias.

— Com certeza. Porém, com extremos cuidados para evitar que a família caia novamente em uma carlotada.

Bastam as tragédias vividas por meu avô e pela minha mãe.

— Se oferecermos um bom dote, poderemos colocar algumas exigências...

— Mesmo com o atendimento de muitas exigências, a felicidade de nossas filhas estará á mercê da sorte. Nós que carregamos os destinos das monarquias temos que casar com bons governantes, mesmo que não despertem nossas paixões; sacrificamos nossas vidas para satisfazer as ambições das cortes e das famílias reais. Mas, concordo que a oferta de uma boa sesmaria sempre pode dar ao casal ‘arranjado’ uma possibilidade maior de harmonia conjugal. Mesmo que forçada, entretanto, ainda melhor que a união de duas vidas sem objetivos em comum.

— Então, será possível. Sua Alteza Imperial tem vastas áreas de terras ricas em minerais e em florestas que podem tornar amorosos os pretendentes.

— Vou oferecer duas sesmarias para escolha dos pretendentes; uma na região de clima tropical e outra, mais ao Sul, onde o clima é semelhante ao europeu. E vamos rezar para que nossas filhas, ao menos, sejam felizes ... já que, dificilmente, serão rainhas do Brasil. A Casa de Bragança caminha para a extinção...

— O ideal seria dar um dote que pudesse ser transportado para outros países. Na Áustria e na Itália, os dotes são compostos por joias e metais preciosos...

— Os portugueses são mais espertos: usam como dote uma porção de terra inculta, um território ainda por desbravar. Assim mantemos a integridade de nossos

territórios e ampliamos os impérios por conta do trabalho gratuito dos genros.

— Além de nos darem netos, que serão os príncipes do Brasil e de nos entregarem parte dos minérios que arrancarem do chão.

— Ganhamos pequenas porções, mas perdemos a Província Cisplatina e os vizinhos aqui dos fundos querem retomar uma faixa de terras ricas que tomamos deles no passado. Além de pais para meus netos, preciso encontrar um comandante para minhas tropas. Ah! Se os meus dois filhos tivessem aqui para tomar a espada com as duas mãos...

— Meu marido, os brasileiros – o Senado e o Exército – jamais entregarão o comando das tropas militares para um estrangeiro. O senhor bem sabe os mexericos que andam pela boca do povo...

— Nesse caso, os dotes poderão ser tomados por esse mesmo povo que despreza os príncipes-consorte...

— Se o dote fosse em dinheiro ou joias...

— Como não temos joias ou dinheiro, melhor oferecer terra alheia, sem custo. Os jovens são conquistadores que cobiçam terras. O Brasil é tão grande que, com sesmarias, poderíamos casar muitas princesas.

— Pedro, mas há brasileiros vivendo nessas terras... Eles serão expulsos?

— Com certeza. Isso ocorre desde que o primeiro Pedro aportou por aqui. O Álvarez Cabral veio com a missão de conquistar essas terras de além-mar para Portugal. No Primeiro Reinado, meu pai impôs nossa

soberania até para além da linha de Tordesilhas. Precisamos ocupar esses territórios com ‘gente nossa’.

— Mas, isso parece guerra e não uma colonização...

— A população dessas áreas disponíveis para oferecer como dote matrimonial é gente que nada produz para venda. Por maior que seja nosso senso humanitário, o Estado precisa de rendas e, na Europa, existe uma multidão de pessoas empreendedoras que querem produzir bens de consumo e enriquecer.

— Senhor meu marido, sua alteza imperial, foi o próprio governo português que proibiu o povo brasileiro de produzir bens de consumo. A própria rainha Dona Maria I gritava: “Queimem todos os teares.” Como é que o povo iria desenvolver a agricultura e a indústria se a metrópole proibia o livre comércio e, ainda, impunha a importação de manufaturados de Portugal e da Inglaterra?

— Isso foi no passado. Foram as cortes de Lisboa. Quando meu avô, Dom João IV, chegou aqui, abriu imediatamente os portos às nações amigas... – titubeou Dom Pedro II.

— Sim. Somente às nações amigas... que tinham muito para vender e nada compravam...

— Se não pudermos exportar nossos produtos, então, vamos, ao menos, trazer para cá os imigrantes europeus que já foram treinados para consumir...

DRAMA IMPERIAL

Os dois filhos-homem do imperador tinham falecido quando ainda crianças. Restava a possibilidade de conseguir um genro que desempenhasse as funções de regente e que gerasse algum neto-homem que pudesse colocar a coroa imperial em sua cabeça. A imperatriz Dona Teresa Cristina desejava ver Isabel casada com um marido amável; o imperador Dom Pedro II procurava um príncipe-consorte capaz de governar o Brasil com autoridade e ponderação até que um herdeiro legítimo do trono assumisse a Monarquia Brasileira.

No entanto, tiveram de se contentar com parte de seus sonhos. As buscas, as negociações e os arranjos resultaram no casamento de Isabel com o ‘mais militar’ dos dois pretendentes, com aquele eu tinha pretensões e condições de liderar os brasileiros. Leopoldina casou com o mais amável, divertido e festeiro dos candidatos e passou a residir na Europa. Teve, porém, vida breve, mesmo deixando três filhos, que foram considerados herdeiros enquanto a Princesa Isabel, sua irmã, não conseguia engravidar e gerar herdeiros diretos do trono. Do trono e de todos os bens pessoais da Família Real. Com o nascimento de Dom Pedro de Alcântara, tudo o que fosse doado à Princesa Isabel permaneceria ‘da família’.

AS MINAS DE CARVÃO

Desde tempos imemoriais, os aborígenes conheciam e utilizavam as ‘pedras que queimam’ para alimentar o fogo, principalmente, a céu-aberto. No Século XVIII, os tropeiros foram informados da existência ou descobriram as minas de carvão no Sul de Santa Catarina.

A diferença é que os tropeiros pensaram imediatamente no valor econômico da ‘mercadoria’, levaram adiante a notícia sobre essas pedras que queimavam, despertando o interesse de empreendedores. E até da Corte, pois, logo, o governo imperial mandou um naturalista estudar a qualidade e estimar a quantidade de minério.

No início do Século XIX, foram formadas empresas com o objetivo de explorar a riqueza mineral e, em 1884, foi inaugurada a Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, com a finalidade principal de transportar o carvão mineral que seria vendido no exterior. Grande parte dos colonos trazidos para ocupar as ‘terras devolutas’ do Vale do Rio Tubarão trabalhou na construção da ferrovia, ganhando, talvez, mais dinheiro do que se cultivasse a terra.

Ao longo de cento e cinquenta anos, o carvão mineral atraiu, para o extremo sul catarinense, exploradores, políticos, investidores e empresários, que consumiram grandes volumes financeiros sem nunca ter obtido retorno compensador. Quem imaginava encontrar

ouro no ‘el dorado’ catarinense estava iludido. A busca ao ouro se reduziu à possibilidade de que houvesse prata e ao contentamento de ter encontrado o minério preto, que, ironicamente, passou a ser denominado ‘ouro negro’.

A descoberta e a exploração das jazidas de carvão contribuíram para a povoação da Região Sul de Santa Catarina, provocando o desmembramento do território de Laguna, sucessivamente, em novos municípios: Piedade (Tubarão), Araranguá, Orleans, Urussanga, Lauro Müller,...

À sombra das ilusões de riqueza fácil e farta, desenvolveu-se uma rede de colônias europeias com diversificada produção agrícola e industrial, que se consolidaram em progresso contínuo e abrangente. A produção agrícola proporcionou o desenvolvimento de pontos comerciais diversificados e o surgimento de povoações urbanas, com igreja, escola e hospital.

O REINO POSSÍVEL

O Governo Imperial sempre esteve interessado nas potencialidades das províncias meridionais, como possível celeiro de alimentos e como jazida de minerais. D. Pedro II seguia atentamente os trabalhos de naturistas, geólogos, engenheiros e agrimensores contratados especialmente para identificar e mapear as áreas carboníferas, com vistas a garantir o domínio real sobre as minas e sobre as receitas futuras.

Ciente de que seria o último monarca do Brasil, o imperador tratou de tomar posse do que considerava mais valioso no território nacional, através de doação de sesmarias como dote às princesas Isabel e Leopoldina. Foi uma tentativa bem elaborada de entronar um dos netos como seu sucessor ou, ao menos, garantir rendas para o sustento da Família Real.

Assim, de comum acordo e preservando seus interesses, o casal imperial doou aos noivos vastas e promissoras extensões de terras, na região carbonífera catarinense e na Amazônia. Coube à Princesa Isabel e ao príncipe-consorte Conde d'eu, uma sesmaria de doze léguas quadradas, na mesopotâmia entre os rios Tubarão e Braço do Norte.

A colonização das terras do patrimônio dotal iniciou dezoito anos mais tarde, com a instalação da Colônia Grão-Pará; assim intitulada em homenagem ao primogênito do casal, Pedro de Alcântara Orleans e Bragança, Príncipe de Grão-Pará. Com o título de nobreza, a família real brasileira pretendia legitimar o domínio sobre a Província de Grão-Pará, que abrangia toda a atual Amazônia e grande parte do nordeste brasileiro, além das minas de carvão, é óbvio.

A escolha do local para a instalação da nova colônia resultou da análise feita por agrimensores, engenheiros e naturalistas, segundo critérios técnicos. Porém, a ferrovia e o príncipe-regente jamais chegaram ao local. A Grão-Pará catarinense foi sede do empreendimento por breves dois anos e prosperou

por esforço próprio. Em 26 (ou 27) de dezembro de 1884, o Conde D'Eu visitou a mina de carvão, um pouco adiante da última estação da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, e se encantou com o lugar, determinando que fosse planejada e construída uma nova cidade-sede, com o nome de sua família: Orleans.

A 'CIVILIZAÇÃO' PENETRANDO O SERTÃO

O casamento de Antônio e Maria completava dois anos quando nasceu José. Já estavam morando na casa de pedras que eles mesmos construíram. Aruru estava velhinho e quase não saía da oca. Sem florestas, a caça minguou. A pesca predatória e o carvão acabaram com os peixes dos rios. As terras esgotadas produziam cada vez menos alimentos. A vida dos posseiros independentes definhava. Com o aumento da família, cresciam as dificuldades, com colheitas ainda disputadas com ratos, quatis e gafanhotos. Isso, quando as enxurradas e as estiagens permitissem o desenvolvimento das lavouras.

Além dessas carestias, outro fato abalava a tranquilidade dos caboclos. Cada vez com mais frequência, apareciam homens com uns aparelhos esquisitos, protegidos com cuidados para que ninguém tocasse neles. Usavam óculos e falavam palavras que ninguém entendia. Entretanto, tinham dinheiro e contratavam gente para roçar e abrir picadas no mato. Depois de muito olhar, riscavam num papel grandão e

colocavam números, em algarismos escritos da mesma maneira que os caboclos conheciam.

Vez em quando, aparecia um doutor acompanhado de vários ajudantes, fuçando numas pedras pretas. O povo comentava que eram engenheiros e que trariam muito dinheiro para todos os que quisessem trabalhar para eles. Esses, além de desenhar sobre os papeis enrolados, fincavam estacas pelo terreno e cavavam enormes buracos no chão.

José cresceu de olho nessa gente estranha, aguardando oportunidades de ganhar alguns trocados, com intenção de deixar a roça, onde o sol era quente e o cabo da enxada calejava as mãos. Ainda moço, cismou de sair de casa, trabalhar por dinheiro e morar na vila. Começou trabalhando para um agrimensor que estava a serviço de um homem importante da Capital. Soube que eles estavam medindo as terras do filho do rei e que metade dessas terras seria vendida para colonos que chegariam de navio.

Pelo Caminho das Tropas, continuava passando gado e porcos vindos de Serra-acima. Na volta, os tropeiros levavam sal, tecidos e ferramentas para vender nos campos de Lages. Algumas vezes, aparecia algum mascate oferecendo roupas feitas, talheres e panelas. O armazém de Raposa ainda servia a toda a região, apesar do surgimento de outros pontos de comércio nas margens das estradas fornecendo os alimentos básicos e tecidos rústicos; para as compras maiores, principalmente de ferramentas e as sementes, precisava ir até lá.

José podia ser considerado um rapaz de sorte, pois trabalhava para o agrimensor e recebia um bom salário. Além de gozar o prestígio de trabalhar com o 'dotor', aprendia muito sobre como funcionava a escrituração de terras. Os agrimensores e seus ajudantes mais próximos conversavam entre si, sem dar muitas explicações para os caboclos que trabalhavam na foice ou carregando peso.

No entanto, sempre dava para entender como procediam. Antes de começar as medições, eles especulavam sobre a qualidade do solo e sobre os locais com maior possibilidade de serem encontradas minas de carvão, de prata ou, até, de ouro.

Se houvesse evidências de que uma determinada área pudesse fornecer esses minerais, logo ela era demarcada e reservada a alguém importante. As demais áreas, sem perspectivas de bons lucros, aguardariam por colonos que trouxessem em mãos algum dinheiro. Para os caboclos sobravam apenas os peraus e os banhados. Quando nem isso sobrasse, eles eram empurrados para o interior da floresta, morro acima ou acabavam indo para outras regiões em que os demarcadores ainda não expulsavam os posseiros.

Antônio e Maria, os pais de José, viviam despreocupados porque ocupavam uma área de encosta, imprópria para a agricultura e sem vestígios de minérios. Entretanto, muitos dos vizinhos estabelecidos nas vargens de terra fértil ou nos pontos das margens das estradas que despertassem o interesse de algum comerciante tiveram de assinar uns

papeis e deixar suas casas no prazo de um mês. Assinavam escrituras de desistência; as terras eram ‘devolvidas’, por isso, denominadas ‘terras devolutas’.

Os jovens, filhos de caboclos, logo entendiam que não sobraria um pedaço de terra nem para construir uma pequena casa para morar; muito menos, espaço amplo para plantar uma roça ou cercar uma pastagem para criar gado. Restava, então, procurar emprego e conseguir um lote nos povoados.

Depois de trabalhar durante dois anos para o agrimensor, quando abriram um grande buraco na montanha para arrancar daquelas pedras gordurentas, José conseguiu emprego como mineiro, com a função de empurrar os carrinhos carregados até a boca da mina. Prometiam um bom dinheiro, que seria pago apenas quando os patrões recebessem o dinheiro da venda do carvão, que era o nome que davam para aquelas pedras pretas que queimavam feito lenha. Prometer... prometeram, porém, a parte dos empregados pouco chegava ao bolso deles.

Naquela época, surgiam muitos empregos. Além das minas de carvão, a Colônia Grão Pará e a Estrada de Ferro Donna Thereza Christina atraíam braços para trabalhar e para conseguir concluir as obras dentro dos prazos estabelecidos. Com a inauguração da ferrovia, o campo de trabalho aumentava, pois os donos das minas precisavam arrancar a picareta as duas mil toneladas de carvão que foram vendidas para a Argentina. Começavam chegar as famílias vindas da Europa e faltavam estradas e casas para abrigar os

imigrantes. Além do que o príncipe-consorte resolveu mudar a sede da Companhia Colonizadora.

Todos os chefes desses empreendimentos e os agrimensores que vinham da Europa a serviço da Corte recebiam uma casa de madeira para morar e um escritório, que servia de base operacional, onde guardavam as coisas deles, as máquinas e a papelada. Quando iam para o mato demarcar terras, mandavam construir uma choça de ramos entrelaçados, coberta com folhas de juçara, onde se protegiam da chuva e pernoitavam.

Para essa atividade, José contribuía com o conhecimento das técnicas aprendidas com Aruru, que ensinava muitas maneiras de armar um abrigo simples com o que a natureza oferecesse. Como, por exemplo, procurar por moitas de maracanã ou de guatambu, que crescem retas e possuem caule flexível. Se encontrasse, ele arcava duas dessas varas que estivessem de dois a três metros fronteiros, amarrando as pontas entrelaçadas com cipó resistente, formando arcos paralelos, unidos entre si por varas de bambu ou taquara e cobria a armação com ramos da palmeira jerivá. Ele dizia que, na falta de ferramentas, poderiam pegar lascas de pedra que tivessem as bordas cortantes e usar como machado ou como serra.

Porém, os europeus evitavam dormir ao lado dos nativos, exigindo, sempre que possível, que fossem construídos dois abrigos, separando assim a equipe por nível de importância. Mesmo nos povoados, os empregados dormiam e deixavam suas coisas num

ranchinho aos fundos da casa dos ‘doutores’ e dos assistentes diretos.

Se o trabalho se prolongasse em área próxima, os rapazes procuravam construir ranchos individuais, porque sempre havia alguma moça interessada neles, que, quase sempre, acabavam ‘roubadas’ e ... grávidas. Não obrigatoriamente nessa ordem de acontecimentos. Mesmo sendo, apenas e por tempo indeterminado, empregado do agrimensor, José, ainda assim, poderia ser considerado ‘um bom partido’ para as jovens casadouras das circunvizinhanças.

CASADOS

Por isso, antes de completar um ano de serviço, ele já morava com Margarida, num ranchinho construído às pressas, pois ela já estava grávida. Gravidez que deixava os dois felizes e orgulhosos.

Com o casamento, José recolheu-se ainda mais à vida privada, deixando de acompanhar os amigos de infância nas pescarias, nos banhos de rio e, principalmente, nas festas animadas a cachaça. Passou a viver para a amada e para dar melhorias à pequena moradia. Com enxoval e utensílios domésticos que satisfaziam apenas parte das necessidades, precisavam equipar melhor o lar e, ainda, preparar roupas e um berço para o bebê que crescia no ventre de Margarida. Por isso, ela buscava materiais e ajudas com as mulheres mais velhas e mais experientes. Assim,

quando o menino nasceu, encontrou um pouco mais de conforto que seus pais no início da vida em família.

Uma das primeiras providências foi batizar a criança com o nome de Manoel. Para padrinhos, os pais convidaram o dono da venda, pois, assim, poderiam contar com crédito na caderneta nas épocas de pagamento atrasado. E o comerciante aceitou de bom grado, pois, com esse gesto tão bondoso, garantia freguesia em número sempre crescente, dada à perspectiva de que o afilhado teria muitos irmãozinhos.

Além disso, as relações de compadrio criavam a estrutura social necessária para que compadres, comadres e afilhados pudessem viver com uma organização social mínima e em paz.

Seguindo o modelo açoriano de ocupação do solo, também nos povoados, a regra da testada fragmentava os espaços urbanos, formando cortiços servidos por ruelas de servidão. Com a chegada de parentes ou com o casamento dos filhos, o morador cedia os 'fundos da casa' para mais um habitante. Assim, se apertavam; primeiro em construções laterais, depois, em crescimento vertical do edifício.

A fragmentação dos espaços físicos se estabelecia também nas mentes tomadas pela ganância, pela intransigência, pela inveja e pela maledicência. Ao invés de favorecer a cooperação entre as pessoas, o ajuntamento gerava conflitos e desentendimentos, agravados com a proliferação das proles.

Com a intenção de evitar esses problemas, os agrimensores projetavam as colônias rurais e as sedes urbanas com estradas e ruas largas o suficiente para garantir acesso das pessoas e dos meios de transporte previstos para o futuro. As estradas gerais, denominadas linhas, recebiam o nome de identificação e, para as áreas destinadas à urbanização, continham praças e lotes específicos para os prédios públicos, como escolas, hospitais, igrejas e prefeituras. Evitavam os terrenos íngremes, as margens dos rios e os banhados, que deveriam permanecer como áreas de preservação ambiental.

IMIGRANTES

A Empresa de Terras e Colonização de Grão Pará vendeu glebas rurais para imigrantes italianos, alemães, escravos e de outras nações europeias. Os ‘brasileiros’ aguardaram as oportunidades de comprar ‘seu pedacinho de terra’ de ‘segunda mão’. E não precisaram esperar muito, pois os colonos logo perceberam que, mesmo que as lavouras prosperassem nos solos pobres, faltaria quem comprasse os produtos, pois, eram todos concorrentes entre si. Além do que, para plantar, teriam de derrubar a floresta e preparar o solo.

Como havia madeiras em abundância e dificuldades para transportar as toras, muitas vezes, os colonos ateavam fogo nas árvores derrubadas, que ardiam por até semanas, provocando, inclusive, o extermínio de

cobras, escorpiões, formigas e sementes nativas. As cinzas contribuíam com nutrientes para as plantas; nas 'roças de queimada' vicejavam melhor as lavouras e não restavam obstáculos para caminhar.

Porém, os animais selvagens, os índios e os caboclos, 'vendidos' junto com as glebas agrícolas, continuavam nas florestas e precisavam ser afastados ou ... abatidos. Pela Lei de Terras, os habitantes nativos, os descendentes dos primeiros posseiros e os oriundos do litoral poderiam legalizar o domínio territorial, mediante a emissão de Escritura Pública. Contariam, para isso, com a 'ajuda' de agrimensores, advogados e tabeliões a serviço dos governos.

Os agrimensores, formados na Europa, detinham o poder de mapear, de indicar a utilidade de cada área e de determinar a quem caberiam os direitos legais. Os advogados e os tabeliões eram indicados pelas autoridades dentre os homens que soubessem ler e escrever, por critérios de subserviência, de lealdade e de concessões recíprocas. Os analfabetos, as mulheres e os desvalidos dependiam da boa-vontade desses profissionais letrados.

Advogados, agrimensores e tabeliões trabalhavam de comum acordo para favorecer as autoridades, os coronéis e a eles próprios. Assim, as minas, as melhores terras e os pontos comerciais eram mapeados e registrados antes de desenhar as glebas a serem vendidas aos imigrantes.

Os posseiros que conseguissem provar o domínio sobre uma dessas 'áreas nobres' eram convidados a

assinar uma “Escritura Particular de Desistência” que transformava a posse em ‘terras devolutas’. Isto é, terras devolvidas ao Estado para assentamento de colonos, de comerciantes, de industriais e de autoridades.

Os que resistissem à ‘solução pacífica’, seriam expulsos com violência, juntamente com os mais desvalidos. As piores e mais violentas agressões consistiam em cercear os direitos, aviltar o preço dos produtos, criar acusações sobre supostos crimes, atribuir defeitos inexistentes, desmoralizar a família. Os poderosos conspiravam entre si, de comum acordo, cada qual ameaçando os posseiros com as armas que dispusessem. Os homens corriam o risco de serem assassinados e as mulheres ficavam à mercê dos estupradores.

José compunha a equipe de um agrimensor e estava, portanto, ‘do lado da lei’, contando com proteção e vantagens. Entretanto, o pai e os irmãos dependiam da sorte ou da pouca valia de suas propriedades: terras áridas, nenhuma reserva florestal ou minério valioso. Situação bem diferente de muitos de seus vizinhos e de seus amigos que tiveram de abandonar tudo, inclusive as casas, os paióis, as cercas e as roças, por cultivarem terras férteis ou por estarem sobre alguma mina lucrativa.

Mesmo estando em situação vantajosa, Margarida e José nada reivindicavam, continuando a viver sustentados pelos salários dele. Ela apenas atendia a casa e os filhos, que cresciam livres pelas ruelas do

povoado. Manoel, o primogênito, liderava as brincadeiras e as excursões. Numa dessas andanças, conheceu uma das colônias de italianos e meteu na cabeça que, logo que tivesse idade, iria morar com eles, trabalhando como agregado.

A maioria dos imigrantes manteve em suas terras os posseiros que encontraram ali instalados e estabeleceu com eles boas relações de convivência, quando possível. Os caboclos trabalhavam sem pressa, mas eram fieis e dedicados aos ‘donos das terras’, passando a ser ‘gente de fulano-de-tal’. Os caipiras sempre viveram à sombra de algum coronel, então, apenas mudavam de chefia e continuavam a sobreviver como a maioria dos nativos da região: dependentes de algum fazendeiro ou de algum colono.

Logo que completou dezesseis anos, Manoel mudou-se para um rancho de costaneiras, nas proximidades da casa da família Lavorese, para quem passou a trabalhar. Logo se afeioou aos animais domésticos, que via de longe durante a infância e a adolescência. Aprendeu a montar a cavalo e, com alegria juvenil, guiava a carroça puxada pela junta de bois. Aprendeu a ordenhar as vacas e se deliciava com o leite recém-tirado.

Manoel trabalhava com prazer, mesmo nos trabalhos braçais, como roçar as capoeiras, carpir o inço das roças ou colher as lavouras. Aplicava na lida diária a energia que jogou fora nos anos anteriores. Montou uma pequena cozinha e aprendeu a preparar as refeições e a cuidar da própria roupa, comprada com o

salário que apurava toda a semana. Dinheiro pouco, mas bem aplicado.

PEREGRINO

De tempos em tempos, aparecia nas terras dos Lavorese um homem solitário, de conversa mansa. Chegava montado em um cavalo pequeno de cor baia, manso e bem conservado, seguido de uma mula branca, puxada a cabresto por uma corda amarrada a uma argola no arção traseiro da sela da montaria. Sobre ela, em cargueiros e sacolas de couro feitas a capricho, balançava a tralha tropeira composta de trempe, panelas e chaleira de ferro, pratos, canecas, talheres, latas para guardar cereais, capa gaúcha, manta de algodão cru, alguns pelegos e ferramentas de trabalho. Ladeando a marcha, um cachorro malhado farejava as moitas, como sentinela da pequena tropa.

Peregrino chegava com a naturalidade de que é de casa. Recebido como se fosse algum dos agregados, pois era considerado um amigo leal e prestativo. Os colonos o conheciam de longa data e contavam com as habilidades artesanais dele para talhar madeira, fabricar uma gamela ou uma canga nova para os bois.

Manoel conheceu o homem logo que começou a trabalhar para a família Lavorese. No início estranhou os hábitos do solteirão que chegava sem temores e acampava em local próximo a uma fonte de água potável, erguendo rapidamente uma cabana de ramos cobertos com folhas de palmeiras. Bem cedo,

madrugada ainda, ele acendia um fogo-de-chão, colocava a chaleira preta com água sobre as chamas e preparava o chimarrão, um tipo de chá dentro de uma cuia bebido por um canudo de metal.

Uma manhã, o patrão pediu que Manoel fosse até o forasteiro e encomendasse um balaio para carregar pasto e uma cesta para colocar o pão sobre a mesa. Disse que bastavam estas informações para que as encomendas saíssem conforme o esperado, pois ele sabia qual a necessidade do patrão.

Manoel foi direto ao assunto, despejando os pedidos, literalmente. O Peregrino sinalizou com movimentos da cabeça que havia entendido e ficou com o olhar fixo sobre o agregado, que se sentiu perturbado, sem saber como reagir. Depois de alguns minutos, perguntou:

— Você chegô há pouco por aqui? Não lembro de ter te encontrado da última vezz...

— Sô novo aqui...

— Nem te contaro que, volta-e-meia, apareço por aqui...

— Não – respondeu o rapaz.

— Pois, fique tranquilo que conheço bem as exigência do patrão.

Manoel assentiu com a cabeça e foi se afastando devagar, deixando olhares para trás, de esguelha, como quem percebe que está sendo observado. Saiu mais perturbado do que chegou, pois identificou uma força diferente no olhar daquele homem; algo de liberdade, de determinação e de paz.

Mais tarde, no eito, perguntou quem era o estranho e recebeu muitas informações.

— Ele assustô você? – riu um dos filhos do patrão.

Manoel se sentiu constrangido, pois tinha opinião muito recente e os outros poderiam fazer ele de bobo. Se sentia atraído pela curiosidade de conhecer, de conversar com o estranho, porém, jamais sentiu medo dele. Por isso, optou por permanecer em silêncio enquanto a rapaziada troçava dele.

— O Peregrino passa um tempo em cada estância; conforme o trabalho que encontra. Tão logo se sinta devarde, carrega as tralha na mula branca e segue pr'outra propiedade... – completou o peão mais velho do grupo.

E outros assuntos encobriram as curiosidades, mas, só que tivesse oportunidade, o jovem agregado retornaria ao assunto.

No dia seguinte, à tardinha, Manoel passou pelo carreador próximo à cabana e parou para observar o homem trabalhando com os braços sobre as pernas: estava trançando as folhas murchas de palmeira jerivá para fazer a pequena cesta onde seria depositado o pão-nosso-de-cada-dia. Ele estava sentado de costas e, sem mudar de posição e sem erguer a cabeça, perguntou:

— Curioso?

Manoel estremeceu dos pés à cabeça. De fato, estava muito curioso. Sentia uma certa atração pela serenidade e pela segurança daquele homem, mesmo

num ambiente de meias-palavras e de desconfianças; alguém parecia imune à competição mesquinha, de intenções veladas, de falas comedidas. Garrou coragem e caminhou para lá, de cabeça baixa, envergonhado. Parou a alguns passos e ficou admirando a habilidade com que o homem tecia as fibras verdolengas.

— Se achegue e se abanque – permitiu ele.

Ainda calado e sem tirar os olhos das mãos que trançavam as fibras, Manoel abancou-se num tronco colocado à porta do rancho. E continuou observando o trabalho do artesão.

— Curioso? – voltou a perguntar.

— O senhô me adesculpe... Tô curioso memo. Queria aprendê fazê cestinha pra agradá os patrão – justificou o rapaz

— Facinho. Só arreará umas duas vêiz e já pode começá a treiná sozinho ... nos dias de chuva, quando tivé devarde.

Manoel olhava com atenção, mas carecia de perguntar o que não entendia. E cadê a coragem? Continuava olhando calado. Então, o homem deu corda à língua:

— Facinho? Ou tá difíci?

O rapaz limpou a garganta e ensaiou a pergunta:

— Pode sê fáci pra quem sabe... Mais, comé qui começa?

— É a parte mais simples: basta encaixá as folha formando um xadrez como esse da tua camisa.

De fato, o fundo da cestinha estava semelhante ao conjunto de quadrados, brancos e azuis, da camisa que ele usava. Então, era fácil mesmo e ele poderia tentar sozinho, escondido, sem que ninguém visse a besteira que poderia sair. Mas, aí, lembrou que era hora de trabalho e o patrão poderia não gostar que ele perdesse tempo com o estranho. Levantou-se, desculpou-se e saiu de fininho.

Naquela noite, após a reza do terço, ao sair para ir até a ‘casinha’, ouviu uma canção dolente que vinha das bandas do rancho. Quis muito ir até lá, porém, faltou coragem. Foi, no entanto, favorecido pela sorte, pois, no dia seguinte, o patrão mandou ajudar o estranho a consertar o telhado da casa. Aí, “juntou-se a fome com a vontade de comer”. Pouco demorou para a conversa fluir, saciando as curiosidades.

— Os telhados de taboinha duram poco mais que os de folha de palmera...

Manoel firmou ouvido enquanto alcançava mais uma pequena tábua de madeira que haviam sido rachada pela manhã, batendo com um pau sobre um facão com cabo de bambu, que mais parecia uma foice sem curva.

— Lá no Litoral, o pessoal fabrica telha de barro. Tem de tê cuidado com elas, porque quebram com facilidade. Mais, não apodrecem.

Como jamais viu telhados que não fossem de palha ou de madeira, o rapaz não conteve a exclamação:

— Telha de barro!!!

— De barro, sim. Barro vermelho, argila – informou o Peregrino.

E continuaram a substituição das tabuinhas que estivessem com sinais de podridão. Como seriam essas ‘taboinhas de barro’? O barro derrete com a chuva...
Difícil de entender...

Uma semana depois dessa conversa, Peregrino chamou Manoel para mostrar uns pote de barro que secavam ao sol.

— Fiz esses pote com barro de barranco, bem amassado até virá ‘massa de pão’. Peguei uma cabaça bem redonda e, em cima dela, assentei uma bola do barro mole e fui esparramando até cobri tudo c’um dedo de argila. Pra deixá lisinho, fui passando a mão molhada. Por fim, com um caco de pedra, cortei as rebarba. Precisa secá devagar: primeiro, só na sombra, pra enxugá parelho; agora, fica no sol até secá por dentro. Daqui uns dia, quando a patroa aquecê o forno de pedra, vô colocá os pote lá dentro logo que ela tirá o pão assado. Já não vai tá tão quente... Da vêiz seguinte, os pote vão pro forno antes que o pão, com muito calor, que é pra queimá o barro e a cabaça que tá por dentro. Vosmecê pode pegá um deles na mão ... mais, sem apertá e nem dexá caí.

Manoel segurou o pote com o cuidado de quem pega um ovo de casca mole: com todo o cuidado. Olhou, apalpou de leve, tomado de admiração. Estava absorto na análise quando o artesão complementou:

— As telha pode ser feita do mesmo barro e de jeito parecido. Só que usa um tronco no lugá da cabaça.

Falqueja o toco de árvore, desbastando, afinando dum lado, afunilando assim...

— Mais, aí, precisa de muito barro... – arriscou Manoel.

— Isso mesmo. Muito barro. Muito trabalho. Mais, vale a pena. Rachá taboinha também dá muito trabalho. E elas apodrecem de vereda. O barro – se bem queimado – nunca mais apodrece.

Quanta coisa por aprender, para melhorar a casa, para fazer melhor. A mente de Manoel ruminava essas ideias enquanto as mãos ajudavam sem prestar atenção ao que fazia. Trabalhava desligado do mundo. Acabou despertado pelo artesão.

— Ei! Acorda.

O ajudante voltou à realidade e alcançou mais uma tabuinha.

As semanas foram ficando para trás e quando Manoel se deu conta o rancho estava vazio; o Peregrino tinha sumido. Como ninguém comentasse o sumiço e ele temesse perguntar, o vazio permaneceu por longo tempo, até uma tarde em que o pessoal do eito se entreteve com o assunto.

Comentavam que o Peregrino deveria ter rumado ‘pras banda de Araranguá’, pois teriam visto os rastos da tropilha indo para aquela direção. Pelas conversas desencontradas, dava de entender que o Peregrino seria um gaúcho que foi ficando pela região depois da revolução dos maragatos. Vivia sozinho, sem incomodar. Sabia muita coisa, desde os costumes dos bugres até as tramoias dos governantes. Sabia ler e

escrever e ensinava quais as plantas que curavam e quais eram venenosas. Vivia pouco tempo em cada lugar: um cigano.

Essas informações fermentaram por um ano, até que Manoel notasse movimentação no rancho abandonado ao lado da fonte. O Peregrino estava de volta e teria oportunidades de aprender mais com aquele homem tão diferente dos outros. Até o cachorro dele era diferente: muito calmo, mas, valente; esperto, mas, educado. Respeitava e era respeitado pelos animais selvagens. Se houvesse sossego, passava o dia dormindo ao lado do rancho, para estar descansado à noite, quando assumia a responsabilidade sobre os vivos e os pertences do dono.

No dia seguinte, Manoel aproveitou um momento de folga para ir até lá, dar as caras e demonstrar interesse. Foi chegando muito humilde, com cuidados para não incomodar o artesão que dava acabamento a um cabo de ferramenta. Ainda inseguro diante do homem que admirava, arriscou uma saudação:

— Seo Peregrino, que bom que o sinhô vortô!

Antes de corresponder à gentileza, ele, por uns minutos, sorriu complacente.

— Peregrino. É. Me chamam de Peregrino, como de fato sô. Não crio raiz. Mais, meu nome é Aparício. Que não dexa de sê a mesma coisa. Bem! Como ninguém nunca perguntô antes, foram dizendo que eu era peregrino e Peregrino eu fiquei.

O jovem agregado se contorceu em curiosidades, sem coragem para perguntar o que significavam as palavras

desconhecidas peregrino e aparício. Mesmo assim, o homem deve ter entendido, pois, emendou:

— Meu pai era mascate e mantinha boas relações com gaúchos e castelhanos. Se arranchava onde fosse alcançado pela noite. Se desse certo, chegava nas estância e pernoitava nos galpão. Minha mãe se apaixonô por ele, mas ele não quis levá mulié no carroção. Quando voltô, depois de mais de ano, eu tinha nascido no mesmo dia em que minha mãe morreu. Meu pai me carregô co’ele, ainda sem batismo. Cresci vagueando pelos pampa entre entreveros e escaramuças. Enquanto ele negociava, eu saía atrais de algum passarinho, tomava banho de rio, ... Depois de vagar escondido, aparecia de repente; daí ele me batizo co’esse nome: Aparício, aquele que aparece de repente com novidade. Novidade é que não faltava, tando um dia em cada lugar... Do que ouvia por onde a gente ia passando, fui aprendendo muita coisa. Menos criá limo. Vivo como um cigano, acampando onde encontro trabalho para ganhar uns mirréis.

— O sinhô me ensina fazê laço de corô?

— Si vancê tivé um corô curtido...

— O patrão matô uma rêis i tirô, salgô i secô o corô na sombra. Ele qué tirá uma açoitera e fazê uns par de tamanco...

— Intão, vamo falá co’patrão – convidou o Peregrino. Era a oportunidade de conviver e de aprender com o *artigiano*; com o ‘artidiano’, que era como o patrão pronunciava. Oportunidade de aprender com o artesão.

Pelo caminho, Aparício foi comentando:

— Felicidade é tê serventia. Se a gente sabe trançar um coro o fabricá um tamanco, sempre encontra o que fazê, ganha uns trocado e vive folgado.

— Intão, ganha muinto dinheiro?

— Cativa amigos, conquista amizade; dá alegria vê alguém andando c'um tamanco que vancê feiz... Oia lá o telhado que consertei ano passado... Dá gosto de vê. Isso vale mais que dinheiro.

— I tamanco? Como é que fabrica?

— Começa pela madeira falquejada no tamanho do pé. A gente corta a caxetera, dexa secá... Às veiz, já teim madeira seca... Aí, põe o pé da pessoa im cima i risca im redor. Dos dois pé. Aí, fica do tamanho certo. Depois de falquejado no capricho, a gente corta e prega o coro.

Manoel bebia aquelas palavras como se fosse água fresca brotando da pedra. Ele também queria ter serventia e viver sem preocupações. Sonhava construir um ranchinho, casar com a italianinha, ter meia dúzia de filhos e ajudar todo mundo que precisasse. Nada mais desejava da vida.

Planejava isso enquanto via o cabo ser socado para dentro do olho da enxada a golpes na pedra do chão. Por fim, a lâmina foi afiada com uma pedra de amolar. A ferramenta estava pronta para ser entregue e eles seguiram para a casa do patrão.

Continuaram a conversar pelo caminho.

— Vejo que vancê tem cabeça e pode aprendê muitas coisa. Então, procure pensar no que faiz, no que os outro fazem, como fazem e por que fazem.

— Quem me vê aqui de pé no chão pode pensá que sô um rocerro, um matuto que nunca foi pra vila. Mais, meu pai trabalhô pro dotô agrimensô e eu nasci na vila... – advogou para si Manoel.

Peregrino, que sabia disso e muito mais, ergueu as sobranceiras e arregalou os olhos. Então, o rapaz guardava orgulho de ter nascido na freguesia. No entanto, escolheu viver na roça.

— Agrimensor? Padre? Dotor? – instigou o artesão nômade.

— Sim. Minha casa ficava nos fundo dos iscritório e da capela – vangloriou-se o rapaz.

— Pois, tome cuidado, que padre, advogado, tabelião e agrimensor são gente do governo, a serviço dos coroné. Mais que c'os milico e c'os jagunço. Os trabuco causam menos estrago...

Manoel acreditava nas autoridades e temia as garruchas. Entretanto, o Peregrino falava com tanta convicção... parecia saber mais do que as demais pessoas...

— Mais, o padre e os dotô viero das Oropa... – vacilou o rapaz.

— Viero tirá vantage.

Nisso, chegaram à casa do patrão, que estava sentado na sombra, se espreguiçando da soneca após o almoço.

— Boas-tarde – saudaram os que chegavam.

— Boas-tarde!

Os dois mais velhos divagaram por assuntos de pouca importância para o rapaz que desenhava paisagens sobre o pó do chão. Até que o patrão indagou pela açoiteira.

— Pois é. Se o coró tá curtido, posso trançá os tento e prepará um bom cabo de maracanã.

— Vá bene. Dopo, tu puoi fare uns par di tamanco pra fameia, que tamó quagi descalço.

— Tive pensando – se o senhor concordá – que esse rapais podia muito bem aprendê e, assim, arresolvia enquanto tô fora.

— Quel è próprio um curioso... Si. Va bene! Incomincia già.

— Como o patrão autorizou, vamo começá já.

O senhor Lavorese indicou onde havia guardado o couro curtido ao sol e as pranchas de caixetera seca. Depois, determinou os detalhes da açoiteira desejada e encomendou tamancos para todos da família, permitindo também que fossem atendidos os pedidos de alguns dos agregados.

ALÉM DO TRABALHO

Os filhos dos Lavorese trabalhavam desde crianças, ajudando em tudo o que estivesse ao alcance deles. Luiz, o primogênito da família, tinha a força de um

homem adulto e uma inteligência admirável. Manoel virou fiel seguidor do ‘patrãozinho’, compartilhando tanto dos afazeres quanto das diversões, como caçadas, pescarias e aventuras juvenis.

Além da amizade com o ‘patrãozinho’, o jovem agregado admirava com devoção a segunda das irmãs dele, a Cecília. Aos poucos, crescia uma paixão correspondida em segredo, porque os italianos jamais aceitariam um caboclo como genro. Eles ainda alimentavam o orgulho de ter apenas ‘sangue europeu’ na família.

Mesmo assim, Manoel alimentava a esperança de um dia casar com a moça de pele branca e de cabelos loiros. Nas roças, procurava trabalhar ao lado dela e estava sempre atento a alguma ajuda que pudesse prestar à amada. Ela retribuía os galanteios com sorrisos disfarçados e com olhares de ternura. Porém, no seu íntimo, ela também considerava que os caboclos trabalhavam sem vontade; o suficiente apenas para comerem e se divertirem. Faltava a eles o ímpeto dos desbravadores que punham abaixo as florestas, plantavam roças e construíam fábricas.

Apesar da intensidade dos sentimentos, nunca houve, entre eles, uma conversa clara, direta sobre o amor que os unia. Trocavam amabilidades e navegavam naquele encantamento inocente, sem ultrapassar os limites invisíveis das permissões sociais.

Aos domingos, todos iam para a igreja, confessar os pecados, assistir a ‘santa missa’ e conversar com outras pessoas da comunidade. A maioria dos encontros entre

moças e rapazes em idade para casar acontecia ao redor da igreja, principalmente, nos dias de festas religiosas. Nessas ocasiões, Manoel seguia todos os passos de Cecília, como se, com isso, pudesse evitar que ela encontrasse outro pretendente.

Talvez por isso ou apenas por acaso, os irmãos foram casando e ela ainda permanecia solteira, em uma idade em que as moças da colônia já carregavam dois ou mais filhos.

Casado há muitos anos, Luiz Lavorese construiu uma boa casa, sobre as terras férteis que comprou com as rendosas safras conseguidas com a ajuda da esposa, mulher trabalhadeira e cheia de projetos para o casal e para a prole. O irmão e as irmãs poderiam ser considerados exemplos de sucesso entre os colonizadores, mas Cecília permanecia ‘solteirona’. Os pais arranjavam encontros dela com rapazes de bom caráter e trabalhadores, sem, no entanto, conseguirem desencadear um namoro promissor.

VISITA AO PASSADO

Quando criança, Manoel tinha acompanhado os pais – José e Margarida – para participarem das bodas de prata dos avós dele, Antônio e Maria. A oportunidade de viajar entusiasmava, mas a situação deprimente em que viviam os parentes deixou marcas profundas na mente do menino. Por isso, por anos, evitou visitar os ‘velhos’.

Porém, sempre lembrava com ternura da acolhida dos avós e da alegria que manifestaram ao ver o neto que, como eles, gostava da roça e da vida simples. Agora, homem feito, queria abrandar a saudade e retribuir o carinho. Era época de festas e ele teria alguns dias de folga. Aproveitou para ver como eles estavam e levar pequenos presentes.

Logo ao chegar, notou que o melhor presente era a presença dele. Eles deram pouca importância aos mimos comprados. Entretanto, choravam de alegria cada vez que o neto os abraçava. Faziam de tudo para agradar, mesmo na penúria em que viviam. O neto procurava valorizar o esforço deles e contribuía com pequenos trabalhos, que seriam um sacrifício para eles, mas não para um jovem forte e esperto.

Manoel consertou os telhados, refez o galinheiro que estava caindo, colocou estacas de cerne nas cercas ao redor da horta e substituiu as varas por lascas de bambus maduros; limpou a fonte de água e cortou rente ao chão o mato ao redor; roçou as beiradas dos caminhos e reconstruiu o forno de barro.

Além dessas ajudas, quis promover uma verdadeira festa de Natal. Para o almoço, convidou os tios e os primos que moravam pouco distante dali. Antes, foi até a venda e comprou carne para o churrasco, café e açúcar.

Durante a refeição festiva, conversou muito e ficou sabendo que na encosta da serra onde viveu Aruru havia crescido uma ‘aldeia indígena’. Os parentes dele vieram para ali pressionados pelos caçadores de

escravos. Ao lado do 'seo' Antônio, se sentiam protegidos e retribuíam com pequenos agrados, como balaio de taquara e cordas de cipó.

Movido pela curiosidade, Manoel aproveitou os últimos dias de folga para subir a encosta e ver de perto a fileira de casebres que ladeava a picada que servia de pátio para a criançada brincar. Os bugres viviam em condições ainda piores que os posseiros ao derredor; mal tinham o que comer e uns trapos para 'cobrir as vergonhas'.

No entanto, sabiam muitas coisas da natureza, cultivavam pequenas roças e utilizavam ervas para preparar beberagens com as quais combatiam dor de dente, problemas estomacais e inflamações.

Na viagem de volta, a mente fervilhava, misturando imagens de sua vida na colônia com o que viu na casa dos avós e com as condições precárias em que viviam os parentes de Aruru. Muitas vezes, ele e os demais agregados do italiano se queixavam do trabalho pesado e do pouco dinheiro que ganhavam. Porém, os caboclos sobreviviam na carestia como os pais e os avós dele, comendo o pouco que plantavam e usando as roupas até o último fiapo. Pior ainda a penúria dos bugres, que mal tinham o que comer e vestir e tinham que viver escondidos, temerosos dos ataques dos caçadores de escravos e de outros malfeitores. Eles, que foram senhores da imensidão das florestas, estavam acuados numa grota de terras pobres.

Durante a infância e a juventude, Manoel brincou e correu pelas ruelas da vila, sem preocupações ou

planos para o futuro. Os amigos e os pais jamais comentavam sobre a existência de outros modos de vida que não aquela rotina semanal: os homens trabalhavam, as mulheres cuidavam das casas e a criança festejava a liberdade. Aos domingos, todos se reuniam na capela para rezar. Todos viviam alheios ao que acontecia longe da vila.

Agora, assumindo as responsabilidades de homem adulto, assustava-se com os contrastes sociais: os doutores semeavam o progresso, as modernidades, e os colonos conseguiam enriquecer com boas safras, enquanto os caboclos continuavam a sobreviver com pequenas lavouras de subsistência e os bugres e os canheboras (*escravos foragidos*) viviam na miséria.

Os agrimensores recortavam planícies e montanhas, escolhendo as melhores terras para si, para as autoridades e para os estrangeiros; os engenheiros abriam minas e estradas; os endinheirados instalavam moinhos, engenhos, atafonas, ferrarias, serrarias e casas de comércio; os colonos construíam casas, paióis, estrebarias e chiqueiros; enquanto que os caboclos continuavam vivendo em taperas de madeira lascada e os bugres, em choças de barro e palha. Os ricos mandavam e pagavam pelo trabalho dos pobres; os poderosos trabalhavam com a boca e os governos comandavam a todos. Quem conseguia emprego nas minas de carvão ou na estrada de ferro recebia salários mensais; os agregados dependiam da boa vontade dos patrões; os escravos foragidos sobreviviam; e os bugres nem roupas tinham para esconder as vergonhas. Os colonos fabricavam e usavam

ferramentas apropriadas para cada função (enxadas, foices, gadanhas, enxós, martelos, marretas, bigornas, arados, carroças, ventiladores, fornalhas, ...); os caboclos faziam tudo a facção; e os bugres plantavam com pedras lascadas e saraquás. Apareciam os primeiros automóveis e caminhões, quem morava em locais próximos à estrada de ferro viajava de trem, os colonos andavam a cavalo e dispunham de carros de boi e charretes, os bugres e negros andavam a pé mesmo. Situações, portanto, muito diferentes.

Tomado por tantas inquietações, venceu as distâncias sem perceber. E, ao se aproximar das terras da família Lavorese, sentiu a crescente alegria de quem chega em casa, onde se sentia útil e protegido. A partir dessa viagem de fim-de-ano, valorizou ainda mais a oportunidade de trabalhar e de poder realizar alguns sonhos.

VIDA NA COLÔNIA

Durante a semana, os colonos trabalhavam com entusiasmo, reservando o sábado para afazeres domésticos; pela manhã, faxinavam a casa, os abrigos dos animais e os pátios; depois do almoço, todos tomavam banho, vestiam roupas limpas e realizavam pequenos desejos, como passear, caçar, pescar, cantar, ouvir músicas e dançar.

O domingo era 'dia santo de guarda'. Trabalhar e negociar eram pecados a serem confessados ao vigário, que, com isso, conseguia controlar toda a comunidade.

Depois de tratar os animais e de tirar o leite das vacas (esses trabalhos não ofendiam a deus...), a família deleitava-se com guloseimas especiais e iam pra igreja para cumprir as obrigações religiosas.

O almoço dominical era farto como todos os almoços, porém mais sofisticado, preparado com requinte. Às vezes, os homens assavam carne sobre as brasas e as mulheres compunham os complementos vegetais, como saladas e batatas com maionese. Nos ‘dias santos’, também eram servidas as melhores bebidas e a família permanecia mais tempo ao redor da mesa.

Durante a tarde, as mulheres visitavam parentes e vizinhos, levando as crianças para brincar com outras da idade delas. Os rapazes e os homens participavam de ‘tardes dançantes’, de jogos com bola, de jogos com cartas, de corridas de cavalos ou de torneios de laço. Todos se divertiam e procuravam refazer os ânimos para a labuta semanal.

Mesmo aos domingos, mantinham-se as diferenças entre patrões e agregados, cada classe social com seus espaços e suas funções. Havia ainda clara distinção no comportamento dos solteiros e dos casados. As regras nem precisavam ser escritas para que todos respeitassem e cumprissem.

Regras que valiam também para Cecília e Manoel, que permaneciam submissos à moral social, aos costumes e à opinião alheia. As esperanças de felicidade a dois não passavam de autoengano. Nunca tentaram violar as regras e concretizar as fantasias amorosas.

Por outro lado, Filomena, a filha de outro agregado, seguia de perto a situação na certeza de que o casamento jamais seria realizado. Moça morena de olhos negros, carinhosa com as mãos e hábil com as palavras. Ela enjeitava outros pretendentes na esperança de ser o ‘prêmio de consolo’ do jovem agregado da família Lavorese.

Sem as pretensões de construir fortuna ou mesmo de viver em melhores condições em que sempre a família dela viveu, Filomena se contentaria com um casebre, o amor de Manoel e meia dúzia de filhos. Tudo o que ela queria era uma vida simples, sem luxos e sem todo o trabalho para enriquecer. Por essas condições, ela representava o oposto das exigências da família de Cecília.

No final de um verão, época de colheita de milho, o fiel agregado trabalhava na companhia do agregado mais velho e de Filomena, a filha dele que ‘ficou pra benzer tormentas’. Esse o destino das mulheres que envelhecessem solteiras. E virgens. Enquanto eles quebravam o milho, enchiam os balaies e iam carregando a carroça, os bois haviam sido descangados para que comessem o inço que vicejava nas restevas.

A expressão ‘quebrar milho’ significava dobrar a espiga do milho contra o caule da planta para romper a haste; trabalho feito com as mãos, sem proteção. Muitas vezes, as fibras da haste não se rompiam completamente, ficando as espigas presas por tiras cortantes e os agricultores podiam, acidentalmente, sofrer acidentes graves.

Nesse dia, o velho agregado dos Lavorese sofreu um corte profundo na mão direita e teve de correr para casa, à cata de panos para estancar a sangria. Não havia tempo para completar a carga, cangar os bois e seguir para casa no ritmo da carroça. Então, ele pediu à filha e ao companheiro de lida que concluíssem o serviço, tomando o cuidado de não se cortarem também nas fibras que prendem as espigas.

Os dois retomaram o trabalho em silêncio, num primeiro momento. Depois, meio sem jeito, começaram a falar da situação deles, que não se casaram por causa da filha do patrão. Ele almejando o impossível; ela aguardando o desenlace. De tudo, já sabiam. Nem carecia falar. Por isso, poucas palavras foram necessárias.

Bastou um roçar de braços nas idas e vindas para a carroça com os balaio para desencadear as sensualidades represadas há anos. Ele prosseguiu até entornar o milho do balaio, enquanto ela deixou cair a vasilha, tomada de extrema excitação. Ao retornar da descarga, as narinas dele captaram no ar os feromônios envolventes, que aumentavam à medida que se aproximava da moça resfolegante. Primeiro e grande encontro. Abraçaram, beijaram e aprenderam a amar na tepidez da meia-tarde, sob o olhar complacente dos bois que devoravam os capins tenros que cresceram à sobra do milharal.

Depois, enfim pacificados, aceleraram o trabalho para completar a carga antes do crepúsculo. Podiam

continuar trabalhando em silêncio, porque nada mais precisava ser anunciado.

Em maio, mês das noivas, casaram na capelinha do povoado. As vestes nupciais disfarçavam, um pouco, o avançado da idade dos noivos. Os demais irmãos dela já haviam casado e debandado da colônia. Por isso, Manoel passou a morar com os sogros, já idosos. Depois de um ano, nasceu a primeira filha deles, a Gertrudes.

Logo depois do casamento do agregado, Cecília aceitou o pedido de casamento de um vizinho que ficara viúvo recentemente. A esposa dele havia falecido durante o parto do quinto filho e as crianças precisavam de alguém que substituísse a mãe morta. Mais que um grande amor, ela abraçava a sagrada missão de ser mãe dos órfãos.

Após casados, Manoel e Filomena continuaram trabalhando lado a lado nas roças e no trato da criação. Enquanto os trabalhadores mais velhos reduziam a carga diária de atividades, eles alcançavam a plenitude física e acumulavam experiências úteis para dirigir a equipe de agregados. O patrão supervisionava os serviços e dava as ordens.

Também em casa, eles tiveram de assumir o lugar dos pais dela, já idosos e sem forças para trabalhar o dia inteiro todos os dias. Logo vieram outros filhos, preenchendo todos os minutos das vidas deles. Os avós passavam grande parte do tempo cuidando e se distraindo com os netos. Os dois primeiros eram meninas e, devido às exigências dos novos tempos, não

iriam com os pais para o trabalho pesado; seriam educadas para assumir trabalhos mais delicados, como cuidar da casa e das roupas.

O terceiro a nascer foi Sebastião, inicialmente, chamado carinhosamente de ‘Tiãozinho’. Cresceu bem diferente do pai, com pouco ou nenhum interesse pelas lidas na colônia. O pai logo percebeu que esse deixaria a família tão logo conseguisse um emprego na vila, onde viveria como José, o avô dele. Além de detestar a vida na roça, ele desprezava as palavras e os conselhos dos pais e dos avós. Tinha pensamentos estranhos, defendidos com teimosia.

Para piorar a situação, o patrão velho entregou o comando para o último dos genros. A filha caçula do Lavorese havia casado com um homem de difícil trato, que falava as coisas pela metade e nunca estava contente com o trabalho feito com todo capricho.

Em casa, também enfrentavam tristezas. Com a morte dos pais de Filomena e com o casamento das filhas mais velhas, passaram um par de anos na companhia do filho descontente e da caçula. Por pouco tempo, porque a caçula casou ainda adolescente e foi morar na vila. Logo depois, Tiãozinho arranjou serviço da mina de carvão e saiu de casa. Manoel e Filomena aproveitaram a velhice para gozar da tranquilidade do lar.

AVERSÃO AO CAMPO

Desde criança, Tiãozinho detestava a vida na colônia. Os adultos diziam que só poderia comer quem trabalhasse, por isso, ele passou a ser levado para a roça tão logo conseguiu carregar a enxada. Saíam antes de clarear o dia, para trabalhar bastante, antes que o sol torrasse. Durante a ‘folga’ do meio-dia, limpavam os chiqueiros e as estrebarias, consertavam ferramentas, moíam milho, pilavam arroz para tirar a casca, descascavam amendoim, trançavam a palha da cebola e do alho ou cumpriam as intermináveis tarefas possíveis de fazer à sombra.

Trabalhavam como escravos, sem receber um vintém, pois, os patrões disponibilizavam apenas moradia e alimentos como pagamento dos serviços prestados em regime de dedicação exclusiva, nas vinte e quatro horas dos dias ‘úteis’. Além de receberem a cabeça dos animais abatidos e uma medida diária de leite, os agregados poderiam cultivar um pedaço de roça para si mesmos, sem pagar ‘às meia’ da produção. As famílias deveriam ser agradecidas pela proteção, sem direito a ‘acertar as contas’ entre os salários e as compras da venda.

No entanto, os agregados desempenhavam importante papel social, dando conta das tarefas rotineiras e gerando muitos filhos, que garantiam mão-de-obra abundante e de baixo custo. A maioria dos filhos cresciam inconscientes da servidão, sem revoltas ou

impulsos libertários. Uns raros se rebelavam contra a exploração e buscavam alternativas que consideravam melhores. Dentre eles, o Tiãozinho que queria fugir do trabalho escravo, das intempéries e dos perigos reais ou imaginários.

Além do sol no verão e do frio no inverno, na primavera e no outono, as tempestades chegavam com relâmpagos, trovões e ventanias, a qualquer dia e a qualquer hora, assustando as mulheres que acendiam velas a Santa Bárbara e queimavam ramos bentos. As aranhas, as cobras e os escorpiões se escondiam no terreiro, nas estradas, nas roças, no mato e até nas barrancas do rio. Uma nuvem de mosquitos famintos rodeava, zunindo dia e noite. Além dessas ameaças comprováveis, sapos, corujas e graxains, visagens e lobisomens também perturbavam e serviam para intimidar as crianças ‘que não obedecessem’.

Ao anoitecer, a mãe acendia o fogo no fogão a lenha e recolhia os filhos, temendo que eles fossem carregados por alguma onça ou cobra gigante. O pai chegava muito depois, cansado da longa jornada, que terminava com o trato da criação e a ordenha das vacas, tudo na penumbra, pois deveriam economizar querosene, reservada apenas para alumiar a cozinha.

Vez em quando, chegavam notícias da vila, dando conta que lá os homens trabalhavam menos e recebiam salários todo o mês. Por isso, Tiãozinho planejava mudar pra lá tão logo conseguisse uma oportunidade de trabalho que possibilitasse se manter sem depender de ajudas dos pais.

E a oportunidade não tardou. As minas consumiam muitas vidas e, continuamente, convocavam ‘novos braços’ para extrair o carvão de pedra. Com o auxílio do cunhado, o rapaz, ainda imberbe, conseguiu o tão sonhado emprego.

VIVENDO SEM PERSPECTIVAS

A vida de um mineiro tinha pouca luz, tinha pouco sol. Ou ele estava trabalhando no escuro da mina ou, estava em casa, dormindo as canseiras da jornada. A escuridão reinava debaixo da terra. As lanternas alumiam apenas os perigos e os rostos enegrecidos pelo pó de carvão. O suor formava um visgo gorduroso que trancava os poros e impedia a transpiração da pele. O ar saturado precisava ser puxado com força e, junto com o oxigênio, trazia a poeira mineral, que empedrava os pulmões. Por isso, os trabalhadores cansavam muito mais rapidamente.

A picareta pesava mais que a enxada e que a foice; o carvão pesava bem mais que os balaies de milho. Se, nas roças, ele cansava de tanto caminhar, nos tuneis estreitos e baixos da mina, sentia as pernas e as costas enrijecerem porque precisava trabalhar agachado ou de joelhos por longos períodos. Em alguns trechos, as galerias tinham pouco mais que um metro de altura; os trabalhadores passavam agachados para não bater a cabeça no esteio que sustentava o teto para não cair.

Se no roçado, o sol escaldante e a chuva fria se alternavam em castigos, na mina, vivia com os pés

imersos na água pegajosa e com a roupa encharcada pela alta umidade ambiente.

Os mineiros mais velhos, com maiores problemas nos pulmões, ganhavam a regalia de sair da toca para transportar o carvão até os vagões do trem. Algumas vezes, ele era destacado para carregar o minério da boca da mina para fora ou até a Estrada de Ferro. A céu aberto, o ar era mais leve, porém, voltava a trabalhar sob a inclemência do Sol ou debaixo de chuva. Os pulmões, então, desacostumados com as doses de oxigênio, estranhavam e provocavam mais tosse ainda. Além disso, o operário perdia o direito ao adicional por periculosidade. Portanto, mais valia arrancar carvão no fundo das galerias.

Nem por isso, as dificuldades diminuía. Os capatazes cobravam com rigor o cumprimento das obrigações.

— Tinha de cavá e carregá cinco carrinho. Bem cheio. Passava no esteio e cortava reto a carga. Se não cortava reto, o encarregado mandava voltar e completar a carga. Na volta, tinha de ajuntá o que tinha caído.

— Por que tinha de juntar?

— Pra não atrapaiá os outro; pra não dexá trabaio pro outro que vinha depois.

Apesar dessas desilusões, a vida de mineiro parecia melhor que a vida de agregado; aranhas, escorpiões e cobras fugiam da graxa preta do minério e o salário caia no bolso todo mês, para comprar o que desejasse e para se divertir no boteco ou na gafeira. Favorecido pela cara de malandro e pela ousadia, logo encontrou

namoradas sedutoras, com interesse em assegurar uma renda mensal através do casamento.

Na vila não havia emprego para moças ou mulheres; todas dependiam de arranjar um homem que entregasse a elas algum dinheiro, para as necessidades básicas ou para comprar uma peça de roupa. Ali, nada se plantava e, mesmo que colhessem alguma coisa, não haveria para quem vender. As que permanecessem solteiras dependeriam pra sempre dos pais ou dos parentes.

Mesmo assim, a concorrência pelas melhores fêmeas ainda era grande, motivo pelo qual Tiãozinho procurou garantir só para si os carinhos de Rosa, a mais faceira das namoradas dele. Com a desculpa de que andava muito cansado, livrou-se das outras e passou a se encontrar com ela às escondidas, prometendo construir um ranchinho para os dois morarem.

Nessa empreitada, foi favorecido pelo acaso, pois uma pedra do teto caiu sobre seu companheiro de galeria e ele ficou inválido para o trabalho. Precisava ainda que alguém cuidasse dele, pois era homem sozinho, sem ter a quem recorrer. O rapaz aceitou morar com o homem, com a condição de herdar a choça e o lote. Durante três meses, foi companhia noturna, manteve o estoque de lenha seca e colocou alguma comida para dentro de casa. Era o pouco que conseguia fazer.

Porém, logo o enfermo caiu de cama e passou a depender de ajuda até para levar a colher até a boca. Então, Rosa aproveitou a situação para pedir ao pai que deixasse ela fazer companhia para o doente

durante o dia. O pai, também ele alquebrado pelos acidentes de trabalho, concordou, sabendo que logo mais estaria em situação igual ou ainda mais deplorável.

Assim, Tiãozinho e Rosa se encontravam, praticamente a sós, todos os finais de tarde. O entrevado nada falava. Se estivesse acordado, só espiava com o canto do olho. O casamento se consumou sem que a moça precisasse ser roubada em uma noite de lua nova.

Logo em seguida, o homem morreu e os dois se tornaram uma nova família do povoado. Em questão de meses, uma criança chorou e o lar estava completo.

O trabalho exaustivo continuou, outros bebês nasceram, o rancho ganhou mais uns metros de costaneiras e o casal, em poucos anos, contava com meia dúzia de comadres e de compadres.

Entretanto, os sonhos do rapaz nunca se realizaram. Tinha imaginado que, na vila, teria muito tempo livre para se divertir, roupas sociais e que poderia viajar de trem até a beira do mar, na terra de seu tataravô.

Nas poucas vezes que ia até a colônia visitar os pais, Tiãozinho passava o tempo calado, fumando um palheiro, sentado num cepo encostado na casa. Tossia o tempo todo. A mãe Filomena balançava a cabeça com tristeza, mas o pai Manoel mantinha a opinião de que a culpa da miséria era do próprio filho, que sempre desprezou a vida camponesa, a alimentação farta e o sossego do lugar.

As crianças, indiferentes às opiniões dos adultos, corriam pelos pastos e tomavam banho no riacho.

Depois, engoliam com prazer as comidas feitas pela avó, que se desmanchava em agrados para com os netos.

A choradeira começava na hora de ir embora. Os pequenos preferiam ficar mais tempo na casa dos avós e voltavam para a vila sob protestos.

A casa deles mal passava de uma choça com um fogão de pedra, uma mesa tosca e estrados para dormirem enrolados nos trapos. Nada parecido com a mansão em que residiam os engenheiros e os donos da mina.

Entre os mineiros que trabalhavam próximos uns dos outros, corriam muitos comentários maliciosos sobre o comportamento das mulheres da vila. Diziam que, algumas delas, sabendo que os homens passariam o dia no fundo da mina, aproveitavam para se divertir com os vadios que andavam à solta. Tiãozinho ria dos outros, que eram traídos, confiando que Rosa nunca dera demonstração de tamanha deslealdade.

Porém, numa semana em que choveu demais, o carregamento dos vagões estava atrasado e, no dia que saiu o sol, o feitor convocou todo pessoal para transportar carvão até o trem. A maioria almoçou na boca da mina; alguns, na estação. Tiãozinho se dispôs a caminhar alguns quilômetros para, pela primeira vez, almoçar em casa num dia de serviço. Tomou a marmita e saiu quase correndo.

Chegou em casa e encontrou as crianças na maior confusão. As mais velhas estavam almoçando, enquanto as menores choravam pelo chão ou brincavam pelo terreiro. Os filhos desconheciam o

paradeiro da mãe, mas afirmavam que ela ‘saía quase sempre’. Ele roeu a comida fria que levava pela manhã, sem vontade de trocar pela que estava nas panelas, que era pouca e estava menos que morna.

Furioso, voltou para o trabalho disposto a exigir que ela explicasse o sumiço. Onde já se viu uma mãe deixar as crianças por conta, justamente na hora do almoço? Queria uma explicação.

Até que ela, à noite, apresentou uma explicação. Mas... estranha. Tinha ido conversar com uma prima que morava no fim da rua.

— Ué! Assim, nessa hora? Quando tavam almoçando?

— É que tinha uma coisa pra conta pr’ela...

A partir daquele momento, Tiãozinho perdeu a tranquilidade. Não bastava trabalhar como um escravo, empedrando os pulmões; além disso, precisava vigiar a mulher? Seria uma ingrata, uma desalmada? Ele vivia só pra ela e agora perdia o sono por causa dessa dúvida.

Rosa continuava sorrindo, com cara de anjo. De fato, sem provas, de nada poderia acusar. Perdeu a confiança. Mas foi ele. Problema dele. Porém, suficiente para agravar o já debilitado estado físico.

Ironicamente, mais um agravante para piorar o desempenho sexual e motivar novas aventuras da esposa.

PALAVRAS DO PEREGRINO

Quando recebia a visita dos filhos, Manoel ouvia o que tinham a dizer e respondia com franqueza sobre o que fosse perguntado. Procurava conversar; contudo, evitava falar sobre a vida deles, sobre as preocupações da mãe Filomena ou de alguma dificuldade que estivessem passando. O casal comentava entre si a sina dos quatro filhos, seus casamentos sem companheirismo e das dificuldades financeiras deles, mas evitava intervir, mesmo que fosse apenas com opiniões. A vida era deles; que se virassem.

Entretanto, tinha um assunto sobre o qual os dois gostavam de conversar: as ideias do Peregrino.

De tempos em tempos, o artesão solitário passava alguns dias nas terras da Família Lavorese. Poderia ser só uma ou duas semanas, mas, dali a alguns meses, estava de volta. Com o avançar da idade, ele delimitou a área 'em que morava', se deslocando apenas pelo sul catarinense. Nada de longas viagens e de novas explorações. Escolheu os hospedeiros dentre os que mais valorizavam o trabalho dele e que concordavam com o modo de ele pensar.

Diminuiu, também, o ritmo dos trabalhos manuais e evitava as tarefas arriscadas, como subir em telhados. Os dedos teciam com mais vagar, mas com redobrado capricho. As reconhecidas habilidades se aprimoraram com as sabedorias acumuladas ao longo dos anos. Além das antigas técnicas usadas para trabalhar a

madeira, o couro e os metais, ele desenvolveu artifícios, perícias e outras soluções para antigos e novos problemas.

No entanto, a grande diferença para o ‘novo peregrino’ estava nos pensamentos, nas visões filosóficas, nas verdades liberadas sem discursos barulhentos.

Preferia semear sua doutrina em prosas desprezíveis, como propostas de vida; jamais como verdades vaidosas, gabolices.

Peregrino denunciava os abusos das pessoas, das empresas e dos governos; se indignava ao saber de qualquer desmando e criticava a exploração dos mais fracos, dos pobres e, principalmente, dos ingênuos. Por outro lado, elogiava qualquer atitude dos que lutavam por melhores ganhos, por justiça, por mais trabalhos comunitários. Defendia que as riquezas deveriam ser compartilhadas por todos, independente de serem mulheres, homens, portugueses, castelhanos, negros, colonos, bugres, cristãos ou selvagens.

Com palavras simples e com fatos evidentes, Peregrino demonstrava que as autoridades e seus mandatários abusavam do poder concedido pelo povo, mesmo que fosse inconscientemente. Acusava os agrimensores e os tabeliões de reservarem para si os melhores pedaços de terra, através de artimanhas, como apresentar papéis falsos de propriedades que queriam confiscar. Muitos caboclos que viviam em cima do chão que fora de seus avós e, até, de seus bisavós, perdiam suas roças e suas casas para dar lugar para algum pretendente ‘oficial’.

Nos cartórios, as pessoas humildes eram tratadas com desdém, exploradas e ainda ameaçadas como se criminosas fossem. Porém, os rábulas, os engenheiros e os políticos tinham sempre a preferência e nem precisavam pagar os selos do governo. A maioria das pessoas que sabia ler e escrever usava o conhecimento para tirar vantagem e amealhar mais posses e mais poder.

O Peregrino dizia que os grandes trocam favores entre eles, por isso é que se mantinham no poder. Porém, os pobres não se organizam e acabam ‘pagando o pato’.

Aos poucos, Tiãozinho foi se interessando por essas ideias, porque, também na vila, “os tubarões devoravam as sardinhas”. Ou seja, os donos das minas, os doutores e os comerciantes agiam da mesma maneira e sempre levavam vantagem em tudo. Os operários trabalhavam, adoeciam e morriam à mingua. Por isso, passou a perguntar ao pai e à mãe sobre o que o Peregrino pensava sobre a situação na vila, sobre as questões dos mineiros. Pediu que os pais avisassem quando o homem aparecesse na colônia.

E, logo no mês seguinte, recebeu recado do pai de que o artesão havia chegado e que aguardava uma visita do filho.

Tiãozinho chegou cedo no domingo, que era o único dia de folga dele. Chegou ansioso, mas ressabiado, envergonhado por se sentir um traste sem valia. Temia ser questionado do porquê de ter abandonado a roça e se ter perdido na escravidão da mina. Mesmo assim, se

deixou arrastar pelo pai até a cabana do recém-chegado.

Ele estava sentado num banco entalhando uma canga para junta de bois.

— Bons-dias, seo Peregrino!

— Bons-dias, amigos!

Pai e filho ficaram contemplando em silêncio o trabalho artesanal feito com agilidade e leveza, como se estivesse cortando um queijo e não uma prancha de angico. A machadinha e o enxó desbastavam a madeira, arrancando cavacos que se amontoavam no chão.

— Fazia tempo que não via vosmecê... – falou Peregrino, sem tirar os olhos do trabalho.

Tiãozinho estremeceu como quem desperta, tão distraído estava. Demorou encontrar o que falar e acabou perdendo a oportunidade de explicar o desaparecimento.

Dali a pouco, o homem retomou a instigação:

— Da última vez que lhe vi, vosmecê era ainda um rapaizote...

— É. Faiz tempo... – concordou Tiãozinho, meio sem ter o que dizer.

E voltaram ao silêncio coletivo. Os dois, apreciando a arte do falquejador, esperavam chance para estabelecer uma conversa que descambasse em algum sermão de proveito. Por isso, Manoel comentou:

— Meu fiio assunta o que o senhô falô. Depois, escuita bem o que lhe conto.

Peregrino descansou o enxó sobre a canga e fixou o olhar em Tiãozinho, procurando nele algum sinal da vontade de mudar de vida.

— Falo muito, mas é de pouco proveito...

— Não concordo com o senhô – contrapôs Manoel.

Aprendemo muito com seus conselho e acreditamo nas suas palavra.

Ainda segurando a ferramenta sobre o lenho e olhando para os interlocutores, Peregrino assentiu com leve movimento de cabeça. Depois de refletir, contemporizou:

— Todos nós ensinamo e aprendemo alguma coisa todos os dia. Talvez, eu aprenda mais porque converso mais, com mais gente e em muito lugá. No entanto, sô caboco como vosmecês. Vivo de otro jeito, penso diferente, mais sô óme comum, sem importança.

— Seo Peregrino, fale aí pro meu fiio daquelas malandrage dos dotô c'os roceros.

— São muitas malandrage. Desde as conversa até os papel. Veja o pai e avô de vosmecês; José trabalhô pro agrimensô, durante muito tempo. Trabalhô duro, trabalho direito. Não logrô ninguém. Mais, quanto caboco saiu da terrinha dele depois de um tempo?

Manoel estava chocado, pois nunca o Peregrino havia mencionado que alguém da família deles também participava das malandragens oficiais. Teria o pai dele ajudado a expulsar um sitiante que lhe deu água para beber? E a conversa despertava ainda mais a curiosidade de Tiãozinho. O avô dele ainda era vivo e

nunca mencionou que houve descontentamento dos moradores da região. Porém, melhor nem questionar, mesmo duvidando que o avô José tivesse praticado alguma maldade.

— Sabe como funciona a malandrage?

Eles não sabiam. Nem imaginavam. Não sabiam perguntar; muito menos, responder. Por isso, o próprio interrogador respondeu:

— O Governo manda o agrimensô medi as terra e fincá estaca onde escreve uns número. Faiz o serviço e vai embora. Passado um tempo, chega um estranho, com um papel na mão, dizendo que tem documento daquela terra; que vai tomá conta, porque é dele. Quase sempre, o vivente tem que fazê a troxa e pegá a estrada. Às veiz, recebe permissão pra ficá, mais sabendo que a terra não é dele. Que que aconteceu? Aconteceu que, lá na Capitá, nos escritóro, colocaro no papel aqueles número que tinha nas placa que ficaro fincada na terra e fizeram um desenho que eles chamam de mapa. No mapa, fica claro o que vale mais e o que vale menos; os trecho de perau e de banhado, os trecho de terra boa e de minério. Aí, sai a partilha: o melhor pro Governo, pros agrimensô, pros devogado, pros que vai banca comércio; as terra mais afastada vende pros colono das Oropa e, si a terra não vale nada, que ninguém qué comprá, intão, nela o caboco pode ficá.

Pai e filho respiraram aliviados. Os posseiros eram expulsos bem depois de José ter ajudado o agrimensor a marcar as divisas. Ele nem ficava sabendo das desgraças; ele não sabia de nada; ele nunca tinha

expulsado um vizinho ou um amigo de alguém. Os malandros eram os de fora, os da Capital. Mas como faziam isso? Como conseguiam roubar a terra dos pobres?

— Qué dizê qui, da Capitá, dá pra vê quem mora aqui?

— Claro que não. Na cidade, eles reparte o que sobra dos interesse do rei. Primeiro, o rei, os grande lá do Rio; as mina de oro e de carvão já fica de fora, fica pro rei e pra famia dele. Adespois, os dotô, os oficiá. Por último, vende o que sobra. A maioria dos grilero nunca teve aqui antes e nem se importa com quem tá im cima do chão. Só vem pra tomá posse e vendê o pedaço de chão pros fazendero o pros coroné.

Aí, pai e filho começaram a lembrar de umas conversas sobre pessoas que se mudavam para o interior, assim 'do dia pra noite'. Coisa complicada. Aquelas ideias de malandragem encheram a cabeça deles, que ficou tonta. Os olhos perderam até a vontade de apreciar a bela canga que surgia da prancha de angico. Os olhos giravam tanto quanto as ideias na cabeça e eles ficaram muito cansados. Melhor voltar para casa e não falar nada para as mulheres. Filomena e Rosa não iam entender mesmo. Melhor nem falar para elas.

Tiãozinho juntou a filharada, mais a mulher, e voltou para o povoado; precisava descansar para o trabalho da semana. No cabo da picareta, tinha tempo para ruminar as palavras que dançavam na mente.

Aos poucos, Manoel foi assuntando com o patrão sobre as malandragens, procurando saber se ele sabia alguma coisa. Conversou também com os outros

agregados. Nenhuma resposta, nenhum sinal. O patrão nem deu importância, porém, os colegas de eito se afastavam balançando a cabeça; pareciam considerar que tudo não passava de maluquices de caboclo velho, sem juízo. Eles preferiam continuar de cabeça baixa e sem asneiras.

DE DENTRO DA TERRA PARA DEBAIXO DA TERRA

Depois de saber que a mina era do rei, Tiãozinho quis saber se os engenheiros eram filhos do rei e perguntava isso para todo mundo. Vivia inquieto, agressivo. Os colegas de trabalho estranharam a mudança e atribuíam as revoltas do colega ao efeito da poeira que saía do carvão. Porém, para Tiãozinho, quem tinha mudado era a mina: antes uma dádiva divina de riqueza infinita; agora, um monte de pedra que dava lucro ao rei, aos engenheiros e aos feitores de turma.

O lucro produzido por cada mineiro diminuía à medida que ele envelhecia e ia adoecendo, vítima da poeira, da umidade, da escuridão e do peso das ferramentas sobre o corpo encurvado. A agilidade das mãos, a velocidade dos braços e a força dos músculos iam se reduzindo aos poucos, até o limite mínimo de produção diária, quando o operário era descartado como máquina imprestável. Restava aceitar a desgraça e se trancar em casa, sem dinheiro, com muitas doenças e nenhuma esperança.

O rendimento do trabalho de Tiãozinho havia decaído o suficiente para ser despedido como improdutivo e, agora, começava a incomodar com resmungos e exigências descabidas. Por isso, duas semanas depois de saber de quem era a mina, foi mandado embora, sem agradecimentos ou algum dinheiro extra. Pagaram apenas os últimos dias trabalhados e avisaram que calasse a boca, principalmente, na bodega e na rua.

Nada de acerto de contas, de indenização ou de aposentadoria. Depois de doente e velho, se transformou num peso para a família. O pai que trazia o dinheiro para pagar a conta na venda deixava de ganhar o salário e, ainda, gastava o que não tinha em cachaça para amortecer as mágoas. No povoado, não havia serviço nem para os jovens cheios de energia; muito menos para um mineiro alquebrado. Não havia terras para plantar. E, mesmo que houvesse, ele sempre detestou o trabalho de roça e já nem sabia afiar uma enxada. Não havia peixes por pescar, nem frutas para colher.

Tiãozinho chegou a pensar que poderia voltar para a colônia, mas não foi aceito como agregado, pois já nem podia trabalhar. Os pais ficavam com dó, porém, mal tinham, eles mesmos, o que comer. Assim, se deixou ficar, à mercê de doenças, respirando com dificuldades, se arrastando sempre que precisava caminhar. Por fim, se fincou na cama, sem forças para reagir.

A morte teve pena dele e carregou sua alma. A família e os vizinhos levaram o corpo até o cemitério da encosta

e enterraram a carcaça, dando fim a uma existência inglória. A luta havia durado breves trinta anos.

Livre da vigilância do falecido, Rosa procurou garantir o sustento dela e dos filhos, fazendo o que ela de melhor sabia fazer. Havia muitos interessados... que entregavam pouco dinheiro. A renda mal dava para uma ração minguada. Além do que, as crianças ficavam sem uma mãe que os orientasse e colocasse um pouco de disciplina na casa.

ÓRFÃOS ANDARILHOS

Jão seguiu o irmão mais velho que saiu andando pela estrada à procura de comida. Passaram pelo pequeno trecho de território conhecido. As paisagens percorridas durante a infância, atrás de passarinhos, de peixes e de mel de mandaçaia foram ficando no passado. Os espaços estranhos despertavam a curiosidade dos dois guris famintos e ofereciam alguma pequena fruta, de tanto em tanto. A comida de encher barriga deveria estar adiante, pensavam eles.

Quando a fome já roía por dentro, avistaram uma morada um pouco afastada da estrada. No pomar ao lado da casa, frutas maduras pendiam dos ramos. Tanta fruta que nem os passarinhos davam conta de comer. Parecia que as frutas estavam esperando por eles.

Andaram alguns metros pelo carreador que ia dar na casa e tiveram de parar; pois dois cães vieram ao

encontro deles, ameaçando com dentes bem pontudos. Para sorte deles, uma mulher ralhou com os animais e perguntou o que eles procuravam.

— Tamu cum fome...

— Não tenho nada pra vocês comerem... Nem um pedaço de pão.

— Podemo pega fruta naquela arve? – perguntou o irmão mais velho.

A mulher olhou para a árvore como se nunca a tivesse visto; nem lembrava das frutas, pois, para ela, aquilo não era comida, não enchia a barriga.

— Tamu cum fome... – repetiu choroso o João.

— As fruta, vocês podem comê à vontade. Deixa eu prender os cachorros...

Os dois órfãos ficaram um bem juntinho do outro, esperando que a dona da casa prendesse os guardas barulhentos, que, tinindo as correntes, ameaçavam ainda mais. Em seguida, dando a volta pelo lado da horta, ela chegou e levou os guris para debaixo do pomar. Ali, eles conseguiram encher a barriga, mesmo que a dona da casa dissesse que frutas não fossem alimentos.

Depois de satisfeitos e de terem enchido os bolsos com uma reserva para comerem mais tarde, eles foram agradecer a bondosa mulher e se ofereceram para ajudar em algum trabalho que pudessem fazer. Ela pensou um pouco e lembrou que a estrebaria estava ainda por limpar e que ela tinha muito por fazer ainda.

Não custava tentar. Levou os dois até o trabalho e explicou como deveriam proceder.

Com a colaboração, pensavam eles, talvez pudessem conseguir um lugar para morar, mesmo que fosse ali junto com as vacas. Estavam ainda sonhando com um abrigo e com frutas à vontade, quando o dono da casa chegou da roça e, ao perceber a presença dos guris, criticou violentamente a mulher, acusando que ela tinha recolhido dois moleques que só esperavam oportunidade para roubar a comida deles. Os filhos do casal ficaram ainda mais irritados que o pai.

Por isso, os dois guris voltaram para a estrada e continuaram a caminhada interrompida para comer frutas.

No entanto, a parada serviu para que organizassem uma estratégia de abordagem. Na próxima casa que encontrassem à beira da estrada, iriam contar a história deles e se ofereceriam para trabalhar, sem mencionar a fome, o medo e a tristeza. Precisavam conquistar a confiança para, depois – só depois – pedir alguma coisa para comer.

Seguiram conversando pelo trecho de uns dois quilômetros. Cansaram tanto que parecia muito mais. Conversaram como nunca tinham conversado antes; através das palavras, construíam um novo modo de estar no mundo. Reconheciam que a infância vivida no povoado, à sombra da proteção da mãe e livres para brincar sem pensar no de-comer teria de tomar novos rumos; dali por diante, teriam de prover o próprio

sustento e construir a própria proteção. Pelas necessidades, se sentiam mais unidos, mais amigos.

Com esse novo olhar, enxergaram um telhado no meio de um bosque. Visto de longe, da curva do caminho que começava a descer para o vale levemente ondulado.

Golfadas de fumaça branca saindo da chaminé indicavam que alguém acendia o fogo com lenha úmida. O sol espichava sombras pelas pastagens cortadas por um riacho pachorrento que descia até a estrada e passava por debaixo de uma ponte de madeira. O bosque e a casa ficavam logo acima desta bela pastagem. A entrada para lá ficava logo adiante.

Os dois pararam diante das flores que ladeavam a trilha usada para subir a encosta. Antes, eles queriam organizar as ideias para que a conversa rendesse um lugar seco para dormir, protegidos do sereno e dos bichos peçonhentos que rastejavam à noite.

Combinaram falar pouco e concordar com as condições oferecidas. Estavam convictos que seriam ouvidos.

Movidos pela esperança, caminharam até a casa.

Diante do portão, ficaram em silêncio tentando captar ruídos que indicassem a presença de alguém. Nada. Só ouviam a algazarra dos passarinhos e o farfalhar das folhas das palmeiras. Bateram palmas. Ninguém apareceu ou falou. Voltaram a bater palmas. Minutos depois, uma mulher apareceu por entre as flores do jardim, segurando o avental pelas bordas para conter alguma coisa. Parecia ser vagens de feijão. A dona da casa olhava para eles, talvez procurando algum traço na fisionomia ou algo no corpo que pudesse indicar

quem eram. Não encontrando indícios e como eles nada falavam, avançou mais uns passos e apertou os olhos para ver melhor. Continuou sem saber quem eram os meninos. Então, Jão cutucou o irmão para que falasse.

— Tamo procurando serviço. Queremo trabaiá.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e continuou analisando os dois visitantes. Jão se encostou no irmão, como quem pede proteção. Essa busca de aconchego despertou o amor maternal e as palavras:

— Meus filhos, de onde vocês estão vindo?

Os dois economizaram a resposta. Apenas se abraçaram e continuaram esperando um sinal de acolhida.

— Vocês estão sozinhos? Cadê o pai e a mãe de vocês? – perguntou ela, já com ternura no olhar.

Os dois continuaram calados e abraçados, em atitude espontânea de meninos carentes. Ela se comoveu e caminhou até o portão. Continuava a balançar a cabeça positivamente. Parecia compadecida da penúria deles. Disposta a ouvir os queixumes e os pedidos.

— O pai morreu... – começou a falar o mais velho. A mãe não tem comida pra gente... Queremo trabaiá. A senhora tem trabaio pra nós?

Comovida, agora, ela balançava a cabeça negativamente, inconformada com a desgraça deles, órfãos e famintos.

— O que que eu posso fazê? Vô vê o que posso fazê.

Foi retrocedendo alguns passos em direção da casa. Depois, voltou as costas e sumiu por entre as flores do jardim. Deve ter ido depositar o que carregava no avental, porque voltou limpando a roupa com as mãos. Abriu o portão, entrou na varanda, indicou um banco de ripas, onde os dois deveriam sentar e sumiu cozinha adentro.

Então, um olhou para o outro com alegria nos olhos, comemorando que a estratégia tinha funcionado; eles tinham despertado a caridade da mulher. Quando ela voltasse, eles precisavam continuar demonstrando vontade de ajudar, disposição para trabalhar. Se o trabalho agradasse, (Quem sabe?) eles teriam um lugar para dormir sem medo de aranhas e de chuva.

Estavam sentados um juntinho do outro quando a mulher retornou acompanhada do marido. Os dois tinham a idade da avó Filomena e do avô Manoel. Tinham também um pouco do jeitinho deles, jeito de pessoas boas, de pessoas simples.

— Veja, meu véio. São esses dois...

O homem olhou bem para eles, analisando cada um da cabeça aos pés. Com olhar de aprovação, com sinais de que acreditava neles. Não aproveitou para reforçar a pedido.

— Queremo trabaiá. O que podemos fazê?

O casal entreolhou-se e voltaram para dentro de casa, conversando em voz baixa. Os dois se achegaram ainda mais. Quietos e humildes. Até o casal voltar. O homem na frente, resoluto.

— Tem bastante feijão pra descascá. Ali no paiol...

E já foi andando para lá, como quem convida que o acompanhe. O paiol, bem velho, ameaçando cair, tinha um forno de barro ao lado e algumas braçadas de feijão em rama. Cada um recebeu um pequeno balaio de taquara onde deveria depositar os grãos que tirasse das vagens secas. Os dois se entreolharam, confirmando o trato que havia entre eles. Sentaram-se no banco de tábua bruta e se puseram a debulhar feijão.

Em instantes, a mulher também chegou, apanhou um feixe de ramos secos, que colocou sobre o avental feito uma rede, sentou-se numa cadeirinha e pôs-se a debulhar os grãos. Todos trabalhavam em silêncio. Os donos da casa, de quando em quando, desviavam o olhar para observar se os guris procediam corretamente, sem deixar grãos nas vagens e sem derrubar grãos no chão. E, satisfeitos, voltavam a atenção para os movimentos das próprias mãos.

Os dois irmãos debulhavam com maior rapidez que os idosos e se mantinham concentrados na responsabilidade. Por isso, logo as cestinhas de taquaras estavam cheias de grãos. Então, a mulher colocou de lado seus apetrechos, buscou a produção e depositou os grãos numa caixa de madeira. Ao devolver as vasilhas, exclamou:

— Bom trabalho! Continuem assim.

O homem acompanhou tudo em silêncio. Ele também parecia admirado da presteza dos meninos.

Depois de algumas cestinhas de feijões debulhados, o homem se espreguiçou e falou que já era “hora de tratar a criação”. Em seguida, se levantou e saiu. A mulher então falou:

— Vamo debulhá o que tivé na mão. Depois, vamo ajudá na estrebaria.

Seria uma estrebaria igual aquela que eles estavam limpando quando foram enxotados pela manhã? O que teriam de fazer para ajudar?

As respostas chegaram logo: a estrebaria era bem diferente, mais organizada, mais limpa, bem fechada, aconchegante, aquecida pelo calor dos animais que comiam com apetite. Próximo da porta de entrada para os animais, estavam amarrados os bois de canga; depois deles, as vacas leiteiras; num cercado junto da parede dos fundos, os terneiros. O trabalho deles era pouco: apenas alcançar o que fosse solicitado ou carregar os utensílios usados na ordenha quando o ordenhador esgotava o úbere de uma vaca e se dirigia à seguinte.

Jão prestava atenção em tudo, para aprender como é que se tirava leite. No povoado, via vacas à distância; jamais havia pensado que o litro de leite que compravam na porta de casa era ‘ordenhado’ num final de tarde ou numa madrugada. Percebeu também que havia bastante palha de milho depositada no largo espaço em frente os cochos das vacas. Pensou que ali poderia ser um bom lugar para dormir. Comentou isso com o irmão e decidiram fazer o pedido.

— Podemo dormi ali hoje de noite? – perguntou o irmão mais velho, indicando com o dedo a direção da palhada.

Mais uma vez, o casal se entreolhou sem respostas, pois tudo era muito recente: a aparição dos meninos, a ideia de dar serviço a eles e, ainda mais, a necessidade de hospedar duas crianças de fora, desconhecidas. Entretanto, a realidade exigia uma decisão: ou mandavam os dois embora ou arranjavam um canto para eles dormirem.

Os filhos fixaram residência no litoral, logo depois dos casamentos. Vez em quando, um deles aparecia com a mulher ou com o marido e os filhos pequenos; no último Natal, estiveram todos juntos, filhos, genro, noras e netos. Uma única vez. Eles viviam ‘na cidade’ e enjeitavam a ‘vida na roça’. Vinham visitar ‘por obrigação’. Por outro lado, o casal de idosos se sentia bem morando onde sempre moraram e só viajavam para o litoral por causa dos familiares que lá residiam.

Agora, essa novidade: aparecem dois guris, vindos de não-sei-de-onde, pedindo serviço. Eles sentiram dó das crianças e aceitaram a ajuda deles, sem pensar que a noite viria, que eles teriam fome e que procuravam um canto para dormir. Por um lado, tinham o que comer e camas para dormir; por outro, colocavam dois estranhos dentro de casa, arriscando até a própria vida. Nunca se sabe...

A resposta dependia de conversas, de análises, de ponderações. Conversas do casal, pois os pequenos sabiam muito bem o que queriam: casa e comida; um

ambiente familiar, conforto, segurança. Por isso, a pergunta permanecia no ar, aguardando solução.

Concluídos os trabalhos ‘de fora’, foram para a despensa em que era desnatado o leite e fabricados os queijos. O Vô foi acender o fogo no fogão a lenha, enquanto a Vó explicava o como e os porquês de cada etapa de processamento do leite. Os dois irmãos, que nunca tinham tido diálogos e explicações, acompanhavam tudo com vivo interesse.

No entanto, nem tudo estava resolvido. A roupa que os guris usavam há semanas cheirava a chiqueiro, a sujeira espiava por debaixo das unhas, a craca dominava os pés e o cheiro de suor ardia no nariz. O marido e a mulher cochicharam bastante antes de tomar uma decisão. Logo, os meninos perceberam que seriam abrigados dentro de casa. Ao menos, por aquela noite. Pois, a mulher colocou esquentar água na panela grande e falou que eles precisavam de um bom banho antes de ir para a cama. Estavam tão acostumados sem tomar banho, que, pra eles, nem fazia diferença. Porém, se sentiram bem melhor após a lavação intensa. Depois de limpos, receberam para vestir o que havia de mais próximo para o tamanho deles. A roupa deles precisava ficar de molho, para amolecer a sujeira, afirmou a mulher.

Com o restabelecimento da higiene, a Vó pode se dedicar ao preparo da sopa. Depois de tantos acontecimentos diferentes naquele dia, todos estavam famintos e o aroma que saía da panela ainda aumentava a fome. Para os dois irmãos, mesmo um

toco de pão velho seria um banquete; muito mais, um caldo fumegante e substancioso.

Depois de lavarem e secarem a louça, os dois se enfiaram na cama, sobre o colchão de palha de milho e debaixo da coberta de penas, com a recomendação de que procurassem ficar quietos e que chamassem se tivessem algum problema durante a noite.

Os dois guris dormiram sem sobressaltos, despertando apenas no clarear do dia com os ruídos dos gravetos que estavam sendo quebrados para acender o fogo. E acompanharam a rotina do casal ancião durante todo dia. No final da tarde, a roupa deles, lavada pela manhã, já estava seca e pronta para usar. Para eles, a vida estava mais que boa.

RETORNO À NORMALIDADE

Em poucos dias, os efeitos benéficos da aparição dos meninos foram se diluindo, pois havia pouco trabalho excedente às rotinas que o casal cumpria há anos: a manutenção da casa e da horta e o trabalho cíclico da produção de laticínios. As energias deles eram suficientes, em volume e intensidade, para realizar as atividades cotidianas no sítio.

Além disso, a fragilidade da saúde dos meninos demandava cuidados frequentes e, permanecendo com eles, precisavam de roupas para cobrir os corpos que cresciam em ritmo acelerado. E os sitiantes, devido à idade avançada, se desgastavam tendo de atender as

tosses e os desarranjos dos enjeitados. As noites, que tinham sido de descanso, passaram a ser de vigília.

Aos poucos, também, o trato de colaborar cedeu lugar à liberalidade anterior, de quando viviam à solta, sem horários ou obrigações. Os trabalhos deixaram de ser realizados com boa vontade; os piás aplicavam o vigor juvenil em peraltices que desgostavam quem os hospedava. Não prestavam atenção ao serviço e aproveitavam a sesta dos donos da casa para aprontar confusões. À noite, faziam guerra de travesseiros e perturbavam o sono dos outros com algazarras.

Além das dificuldades crescentes com os dois hóspedes, o casal teve de enfrentar a opinião contrária dos vizinhos e da comunidade em geral, que consideravam ‘um perigo’ manter dois moleques estranhos dentro de casa. Com risco de vida, inclusive.

Para completar, o filho do casal chegou de visita e ficou alarmado com ‘a bondade excessiva’ dos pais, que abrigavam dois moleques desconhecidos e dissimulados. Por que deixaram de contar isso para a família? Ademais, os herdeiros legítimos corriam o risco de perderem as heranças.

Estavam no ponto em que a caridade e a bondade já empatavam com os desconfortos e com as decepções. Por coincidência, apareceu por ali o Peregrino, velho conhecido da família. Também ele aconselhava que os piás fossem encaminhados para alguma instituição destinada a abrigar órfãos.

Peregrino havia chegado como de costume: ‘despacito’, no tranco da marcha do animal, puxando uma mula

carregada de tralha tropeira. O guaiepeca vinha por frente, sondando o terreno. Diante do portão, gritou um “Ô de casa!” e aguardou a permissão para acampar ao lado da nascente, onde a cabana construída quando da passagem anterior ainda resistia às intempéries. Autorizado, subiu pelo picadão que ladeava o córrego próximo da casa.

Jão se sentiu envolvido por forte atração pelo homem estranho que chegava como se fosse de-casa.

Acompanhou cada movimento dele, sem piscar os olhos, hipnotizado. Depois, despistou o irmão e os adultos, fingindo que ia para a estrebaria, e seguiu os passos do cavaleiro. Se aproximou cauteloso, ouvindo com atenção, espichando o pescoço para ver melhor. Ouvia o resfolegar dos equinos e, pelo meio das folhagens, via um vulto se movendo.

Caminhou mais um trecho, cuidando para se manter escondido. O homem descarregava a tralha, conversando com os animais. Organizava alguma coisa no interior da cabana e voltava buscar mais coisas. Agia sem pressa; com determinação. A segurança e a habilidade com as mãos encantavam o piá, que permaneceu escondido atrás de uma árvore, para poder melhor espiar. Foi dali que ouviu claramente a denúncia de seu esconderijo.

— Pode saí daí... Não carece bombeá detrás da moita. Se achegue.

Jão estremeceu; quase fugiu. E cadê a coragem de chegar mais perto? Precisou de um segundo e de um

terceiro convite para sair do esconderijo e, com cuidados exagerados, se aproximar.

Peregrino continuou o trabalho dele, sem nem mesmo olhar para o lado. Assobiava e cantarolava, enquanto colocava ordem no entorno da choça. João seguia tudo com atenção redobrada. Em silêncio.

Silêncio rompido por uma advertência.

— Com certeza, deram por tua falta. Melhor vortá pra casa. Outra hora, podemo conversá. Avise o patrão sempre que vié pra cá.

O piá se sentia arrelhado, sem a mínima vontade de sair dali. Porém, pensou: “Melhor obedecer e receber atenção depois, que, agora, insistir e ser considerado ‘um chato’”. Foi saindo devagar, com olhadelas para trás. E um dedo na boca.

De fato, estavam procurando por ele. Depois dos alertas de perigo, o casal de idosos procurava manter os dois ao alcance dos olhos, para poder vigiar e controlar. Até o irmão ralhou com ele por ter saído sem avisar, pois, qualquer descuido poderiam ser expulsos dali. Almoçou de cabeça baixa, em silêncio, determinado a escapulir em seguida.

No entanto, tentou em vão, pois estavam de olho nele. Já sem esperanças de rever o estranho, escutou a voz dele saudando o filho dos velhinhos. Se aproximou do canto da casa e ficou ouvindo a conversa. No dia seguinte, o homem iria consertar os telhados da casa, da estrebaria e dos paióis e, depois, amansar uma novilha que estava para criar dali a dois meses. Assim, poderiam tirar o leite dela sem levar coices e chifradas.

Naquela noite, os dois foram mandados para cama logo depois da reza do terço. O quarto ficava longe da cozinha. Mesmo prestando bastante atenção, não conseguiam entender o que falavam.

Os dois irmãos acordaram cedo, todavia, continuaram quietos sob as cobertas. Porém, tão logo ouviram o barulho dos gravetos quebrando para acender o fogo no fogão a lenha, saíram do quarto e procuraram mostrar serviço. O mais velho encheu a chaleira de água e pôs sobre a chapa. Jão segurava paus de lenha ao alcance da mão do 'avô'. Quando a avó apareceu na porta, desejaram um bom-dia vibrante, permanecendo em pé, para demonstrar o desejo de ajudar, de ser útil.

Só depois que a água chiou e que o cheiro do café coado tomou conta da casa é que o filho que morava no litoral levantou da cama. Ao chegar na cozinha, abraçou os pais, mas nem olhou para os piás.

A refeição matinal transcorreu sem revelações do que tinha sido conversado na noite anterior. Em seguida, os dois irmãos foram para a estrebaria para ajudar na ordenha, tratando as vacas ou alcançando alguma coisa. Tudo como acontecia desde que chegaram. Parecia que o perigo de serem mandados embora havia passado.

No entanto, a ameaça estava no ar. Dava para sentir. Quando o Peregrino começou o conserto do telhado da estrebaria, solicitou que os piás alcançassem as telhas e outros materiais. Sem muita conversa, no começo. Depois, à medida que os dois conversavam entre si, o homem começou a dar as opiniões dele.

— Ô Jão, segure c'as duas mão.

— Tô segurando...

— Se for pesado... diga. Mais, num dexe caí.

E dali a pouco:

— Preste atenção pra aprendê.

Jão prestava atenção mesmo sem ser mandado. Tudo o que o Peregrino fizesse era do interesse dele.

O trabalho continuava e a conversa entre os dois irmãos repassava assuntos que pudessem atrair a participação do homem. E conseguiram:

— Vejo que vancês têm interesse no trabaio...

— Queremo aprendê a consertá teiado... – confirmou o mais velho.

— Quando ficá grande, vô subi no teiado – prometeu Jão.

— Pra isso, é perciso tê cuidado. Vancê pode caí e quebrá a cabeça.

Jão nem tinha pensado nisso. Queria agradar para conquistar um lar, uma família. O irmão disse, na noite anterior, que se eles fossem mandados embora, teriam de dormir no mato. Ele tinha muito medo de dormir no mato. Nas capoeiras do povoado, tinha rato e barata. Os cachorros afastavam os bichos grandes, que poderiam atacar as pessoas. Porém, pelas estradas por onde passaram, as árvores encobriam tudo e eles escutaram gritos estranhos, assustadores. Juntou coragem e perguntou:

— Bicho do mato come criança?

A pergunta ultrapassou as expectativas do adulto. Era bem diferente dos perigos de subir em telhados. Mesmo que não engolissem crianças, havia bichos peçonhentos que matavam com uma pequena picada. Peregrino parou de cobrir a estrebaria e olhou demoradamente para aquele que fazia uma pergunta difícil de responder. Uma criança poderia sobreviver e até viver para sempre no meio do mato. Se desse sorte de encontrar comida e deixasse cobras e escorpiões em paz. Por outro lado, o mais comum era morrer de fome e de frio logo nos primeiros dias de abandono.

— Pode comê. Pode não comê. Depende de muita coisa...

— Tenho medo de escuro.

— Ainda bem que escuridão não come gente – afirmou Peregrino, voltando ao trabalho.

Lá no seu íntimo, João discordava. A escuridão envolvia tudo; engolia vacas, cavalos, árvores e até casas. Ainda mais em noite de chuva. Será que só as crianças entendiam de ‘medo da noite’? Lembrava que a mãe também tinha medo da noite... Será que os homens fingiam não ter medo da noite?

Durante o almoço, o filho que veio lá do litoral falou para os dois piás que os pais dele estavam muito velhos para ficar cuidando de crianças. Por isso, ele ia levar os dois para um lugar em que havia muitas crianças da idade deles, onde poderiam brincar o dia inteiro, sem precisar trabalhar. O irmão mais velho olhou bem sério para o homem e parou de comer, deixando quase toda a comida no prato. João comeu

tudo, porque estava com muita fome. Enquanto isso, ia pensando: “Se tem bastante criança, deve ser bom.” Na casa dele, no povoado, tinha algumas crianças e ele dormia sem medo.

Assim, os piás ficaram sabendo que, no dia seguinte, quando o filho voltasse para o litoral, eles iriam junto com ele até aquela casa com muitas crianças.

Durante a tarde, os dois irmãos conversaram bastante sobre o que aconteceria no dia seguinte.

Rememoraram a história deles, a infância sem maiores preocupações porque tinham uma casa, mesmo que pequena e feia; havia o que comer e um canto para dormirem. Jamais pensavam que um dia teriam de sair à procura do que comer e de onde dormir.

Eles fugiram do povoado, porque a mãe tinha abandonado os filhos e estava vivendo com um homem que tinha raiva deles. Permanecendo no povoado, estariam condenados à miséria e à violência.

Decidiram sair de casa e andar pela estrada, comendo o que encontrassem e dormindo ao relento. Tinha encontrado um bom lugar... em que não tinha lugar para eles.

Como seria essa ‘casa com muitas crianças’? Nunca tinham ouvido falar em casas assim. Entretanto, deveria ser bem melhor do que viver na estrada ou, pior ainda, no meio do mato.

Estavam sentados debaixo de uma árvore quando viram o Peregrino chegar na varanda da casa. João levantou-se e saiu caminhando; o mais velho ralhou

com o irmão, que continuou andando decidido e parou em frente ao homem.

— Quero morá na tua casa.

Peregrino balançou negativamente a cabeça. O piá mostrava coragem e despertava compaixão. Não poderia ter culpa de ser filho de pobre, da morte do pai e do abandono da mãe.

— Nem casa tenho... vivo um pouco em cada poso.

Jão que via pela primeira vez o homem e nem sabia de nada, tomou a resposta como desculpa para se livrar dele. Onde já se viu um homem daqueles não ter uma casa para morar? Lá de onde veio, por certo teria uma casa, com mulher e filhos.

— Num tá aqui só passiendo?

— Não. Sô sozinho. Sem casa; não tenho famia. Me arrancho hoje aqui, amanhã lá... Passo uns tempo em cada lugar que trabaio.

Nisso, chegou o dono da casa. Jão sentou no chão. Desanimado. Os dois homens começaram a conversar como se ele nem estivesse ali. Depois de uma hora, quando se levantou para sair da varanda, Peregrino deparou com o piá, como se o estivesse vendo só naquele momento. Ficou com dó, pois sabia que os dois irmãos seriam levados embora no dia seguinte.

— Venha comigo; vô lê umas história pra vancê.

E, dando uma olhada para o dono da casa, como quem confia compaixões, tomou a criança pela mão e subiram até a cabana em que estava arranchado.

Jão aproveitou o acolhimento para demonstrar gratidão. Foi conversando alegremente, como se nada preocupasse. Chegando à cabana, foram recebidos pelo guaiepa com suaves latidos e corridas buliçosas. Os animais de montaria suspenderam a catação de capim, assoaram os narizes e ficaram olhando, como quem estranha o dono estar acompanhado de um piazote.

Peregrino adentrou à cabana e depositou, sobre o banco, as coisas que carregava. Abriu a arca de madeira e pegou um livro bem usado.

— Aqui, nesse papel, tá escrita uma história...

Foi a primeira vez que Jão viu um livro. Nem imaginava que as palavras se escondiam ali. No entanto, só que foram abertas as páginas, as palavras começaram a voar pela boca do homem. Talvez, as palavras entrassem pelos olhos e saíssem pela boca... “Joãozinho e Maria ...”

O piá escutava fascinado. Parecia a história deles. Sem ter o que comer, saíram de casa e andaram sem rumo, à procura de alimentos.

Ao final da leitura, Jão quis olhar para as páginas de papel, na esperança de ver ali a imagem dos pequenos órfãos. Nada. Só fileiras de sinais uniformes e repetidos. Suspirou, então, e fixou o olhar no homem capaz de arrancar palavras do papel do livro.

— Parece com tua história... Vanceis é que deve encontrá a saída – sentenciou Peregrino.

Jão era criança demais para entender aquela sentença. Apenas continuou fitando o rosto do homem, que mudou de assunto:

— Agora, vancê percisa vortá pra casa... Logo, anoitece.

Jão foi saindo aos poucos, sempre olhando para trás, até sumir grota abaixo.

Chegando, contou para o irmão a impressionante história das crianças que estavam sendo engordadas para o almoço da bruxa. O irmão, que nem sabia da existência de livros, considerou que a história tinha sido inventada pelo irmãozinho assustado. Porém, durante a noite, sonhou que estavam trancados numa gaiola, comendo a comida que era dada aos porcos.

Ao amanhecer, o nevoeiro tomou conta da paisagem. Logo depois do café, os 'avós' colocaram numa sacola as roupas que os piás tinham usado naqueles dias que ali viveram e encaminharam a dupla para o filho deles que estava encilhando os cavalos, prendendo o embornal nos arreios e fechando a mochila de garupa.

— Vocês sabem montá a cavalo?

Os piás se encolheram e baixaram a cabeça. Nem negar negaram. Era a primeira vez que chegavam perto de um cavalo. Para chegar em cima, faltava pouco. Ou muito. Para permanecer em cima...

— Vou colocar vocês em cima do cavalo. Ele é bem mansinho. Mesmo assim, se agarrem com força nos arreios. Você que é maior vai na frente e teu irmãozinho abraça tua cintura. Não vai precisar

segurar as rédeas, pois levarei o cavalo preso à chinha pelo cabresto.

Antes de subir no seu cavalo, o filho que ia para o litoral se despediu dos pais. Entretanto, os pais dele não se despediram dos piás, nem os piás tiveram coragem de se despedirem dos donos da casa em que estiveram hospedados.

Peregrino deixou amarrado o animal que domava e também veio se despedir. Ficou meio de longe. Quando a comitiva passou por ele, falou:

— Boa viagem. (E, diretamente, para João,) Boa sorte!

A CAMINHO DO DESTINO

O compasso dos cascos batendo no chão da estrada ecoava nas matas laterais. Vez em quando, um dos animais assoava o nariz. Fora isso, a viagem seguia em silêncio.

Passaram por florestas, riachos e rios. Algumas casas depois de um terreiro de chão batido e, próximo delas, pequenas roças e cercas tortas em volta de pastagens. Subiam encostas, desciam peraus e seguiam sempre em frente. O sol que, no primeiro trecho, emprestava luz para as gotas de orvalho, foi aquecendo a passarada que saltitava nas ramagens.

Pouco antes do meio-dia, avistaram um aglomerado de casas em cada lado da estrada. Logo mais, outras estradas saíam da principal, espalhando casas para a direita e para a esquerda. Casas a perder de vista. No

meio delas despontava uma torre acima dos telhados das casas. Quando chegaram mais perto, vendo o campanário à direita, deixaram a estrada principal e atravessaram outras duas estradas, até pararem em frente de uma igreja bem maior da que havia no povoado onde eles nasceram.

Ao lado dela, havia uma construção grande que se alongava para os fundos. No terreno cercado ao redor, havia jardim na parte da frente e hortas pelas laterais do prédio. Ficaram esperando, um pouco, que alguém aparecesse, mas tudo continuava em silêncio. O homem, então, apeou do cavalo e bateu com o cabo do relho na madeira do portão.

Passados alguns minutos, uma freira veio atender. O homem disse para ela que trazia dois órfãos que encontrou abandonados na estrada. A freira convidou para entrarem, pois estavam almoçando e poderiam comer e conversar depois. O homem aceitou o convite. Puxou os cavalos para perto da igreja e amarrou as rédeas na trave colocada ali para esse fim. Desceu os piás do cavalo e, juntos, seguiram a freira por um corredor, até o refeitório.

Sentados em bancos ao lado de uma mesa comprida, um homem e algumas crianças almoçavam em silêncio. Os três foram convidados a lavar as mãos e a ocuparem uma pequena mesa junto da janela, sobre a qual estavam três pratos com comida em quantias adequadas para o tamanho de cada um. Enquanto comiam, os demais terminaram a refeição e saíram, deixando o prato e os talheres sobre a mesa.

Logo em seguida, eles também levantaram e saíram para o pátio aos fundos. A mesma freira que convidou para almoçar veio ter com eles; pediu que os piás esperassem sentados debaixo da árvore, enquanto a superiora da casa conversasse com o homem.

— Peço que o senhor informe sobre a família das crianças.

— Infelizmente, nada sei. Alcancei os menino na estrada. Fiquei com dó e resolvi procurá ajuda.

— Meu senhor, nós socorremos apenas órfãos pequenos, até encontrar alguma família que possa ficar com eles – esclareceu a irmã superiora.

— Os meninos contaram que o pai deles faleceu e que a mãe abandonou o lar, indo morar com outro homem; um homem malvado que nem quer saber deles.

— Nesse caso, são órfãos. Mas, são bem grandinhos e não podemos ficar com eles.

— Um deles é bem criança... – insinuou o homem.

— Os nossos têm, no máximo, três anos de idade... O menor dos irmãos deve ter sete anos...

— Penso que não. Deve tê cinco ou seis...

— Vamos supor que tenha seis. Ainda é um inocente; mas, logo atingirá a idade da razão. Nós não podemos ficar com uma criança depois disso.

— Os padre talvez possam... Eles sempre procuram vocações sacerdotais...

— Talvez. Porém, não temos padre residente aqui; só recebemos o celebrante uma vez por mês. Ele deve vir na próxima semana.

— Então, irmã, as senhoras poderiam abrigar os meninos até a chegada do pároco – sugeriu o homem.

— Quem sabe? Temos poucos alimentos e não temos camas para eles. Cuidar de meninos crescidos é bem diferente de lidar com bebês...

— Posso deixar algum dinheiro para ajudar na alimentação...

— Sim. Com a sua ajuda, talvez a gente possa alimentar os meninos por uma semana... O senhor não quer levar os dois com o senhor?

— Não. Não tenho como cuidar deles – declarou o homem, tirando do bolso uma quantia razoável em dinheiro.

A irmã superiora apressou-se a pegar as moedas, dando como encerrada a negociação. O homem, então, aliviado por ter se livrado dos dois piás que poderiam importunar os pais dele, foi até os cavalos e trouxe as roupas que a mãe dele havia mandado. Entregou tudo para a freira que estava à porta, despediu-se e ganhou a estrada sem mais delongas.

As freiras trocaram ideias sobre a situação. Já estavam sobrecarregadas com o atendimento de recém-nascidos e de crianças pequenas, que dependiam delas para tudo. Porém, ingênuas, obedientes. Como controlar piás crescidos, com cara de malandro? Eles poderiam morar com alguma família e trabalhar para

pagar a comida, ao menos. Decidiram oferecer os dois recém-chegados para um casal que tivesse algum trabalho para eles.

As famílias com muitos filhos recusavam alegando conflitos que haveria com os filhos deles, os casais jovens preferiam aguardar por filhos legítimos e os poucos que ficavam indecisos só aceitariam ficar com um deles. Mesmo assim, pediam ‘um tempo para pensar melhor’. Assim, as freiras tiveram de alimentar os piás e de arranjar acomodação para eles passarem a noite.

Felizmente, uma mulher caridosa se apresentou na manhã seguinte, concordando ‘ficar com o menor, por uns dias, para ver como ele era’. E, naquela tarde, um colono levou o mais velho para ajudar na lida com os animais. Assim, “Graças-a-deus!”, os velhinhos do sítio, o filho deles que morava no litoral e as freiras ficaram livres dos dois órfãos.

AINDA MAIS ÓRFÃO

Jão passou a ser mais um a correr e a gritar em redor da casa da ‘senhora caridosa’. O marido trabalhava duro para colocar comida sobre a mesa, a casa era pequena, mas, com o espírito cristão, conseguia superar todas essas dificuldades. O pequeno órfão voltou a viver sem preocupações; se sentia alegre como nos tempos em que corria solto pelas ruas do povoado. Com os novos companheiros de algazarra, aprendeu muitas brincadeiras e participava de jogos

que não conhecia antes. Algumas vezes, até conseguia ensinar alguma coisa que havia praticado nos primeiros anos de vida. Aprendeu também que as estradas dentro da vila recebiam o nome de rua.

Entretanto, o marido da ‘senhora caridosa’ cansou de trabalhar tanto para alimentar mais uma boca e para vestir mais um corpo que insistia em crescer continuamente, exigindo roupas novas a cada mês. Por isso, procurou a irmã superiora e expôs a sua contrariedade. Não bastassem os filhos que Deus lhe mandava todo ano, agora tinha de sustentar um filho dos outros. Estava zangado e, apesar de não dizer diretamente, insinuava que fora a freira quem colocara essa carga excedente sobre os ombros dele.

A irmã superiora procurou administrar a revolta do homem, pois, ele era um dos principais colaboradores na manutenção da casa das religiosas. Mesmo sabendo que seria empreitada difícil, prometeu que falaria sobre o assunto quando o padre viesse celebrar a Santa Missa; com a condição de que o casal também participasse do encontro, demonstrando claramente a impossibilidade de ficarem com o menino.

Ao chegar em casa, contou para a ‘senhora caridosa’ do pedido feito à irmã superiora e do compromisso assumido de participar da conversa com o padre solicitando que levassem o piá para o seminário. Ela ficou ressentida por não ter sido consultada e porque nutria imensa compaixão pelo menino órfão. Se pudesse, ela mesma iria trabalhar para ganhar o

dinheiro que precisavam para alimentar e vestir aquela e também as demais crianças.

Enquanto isso, João continuava a brincar com os novos amigos sem nem mesmo imaginar que estavam negociando a ida dele para o seminário.

Semanas depois, o padre veio rezar a missa e recebeu os três inventariantes do pequeno órfão. Ouviu e adiantou que não era assim tão simples. Mas, para colaborar, pediria ao bispo que falasse com o reitor do seminário da possibilidade de abrir uma exceção recebendo uma criança entre os adolescentes que lá estudavam.

Mais algumas semanas depois, o padre voltou a visitar a capela e, após a missa, chamou os mesmos três que participaram da reunião anterior para comunicar que o menino, para entrar no seminário, teria de estudar em uma escola particular até completar o Ensino Primário, necessário para que o candidato pudesse acompanhar o restante da turma. Então, estaria com a idade mínima exigida pela Igreja. O homem estava indignado com a recusa; parecia que nem Deus queria ficar com o órfão extraviado.

Mesmo reconhecendo as razões alheias, o marido da 'senhora piedosa' remói a ideia de se livrar do piá. Se o padre, o reitor do seminário e o bispo se negavam a praticar a caridade cristã, ele – um simples pecador – estaria ainda mais desobrigado das virtudes teológicas. Por isso, resolveria a situação do jeito dele. Carregar filho dos outros é que ele não iria.

Conversa com um, pede opinião de outro; o homem estava procurando um jeito de reduzir o número dos que comiam às custas dele. Nos domingos em que havia missa na capela, vinham famílias de toda a redondeza; apareciam até algumas de longe, como um casal jovem, sendo o rapaz até parente próximo dele. Tempos atrás, tinham comentado da dificuldade de a esposa acompanhar o marido nos trabalhos de roça, porque não havia quem ficasse tomando conta dos filhos pequenos. Coincidiu de, nessa época de angústias, o casal participar de uma missa. O marido da ‘senhora caridosa’ conversou com eles. Estavam interessados; queriam conhecer o menino. Conheceram e simpatizaram com ele.

Ao casar na igreja, eles haviam assumido o mandamento de produzir novos cristãos: “Ide e multiplicai-vos.” Porém, ninguém da Igreja se oferecia para passar sacrifícios por eles; sozinhos, cuidavam das duas crianças e lutavam para ganhar o pão de cada dia. Quem sabe Deus estivesse mandando um anjo para ajudar? Entretanto, pegos de surpresa, necessitavam de um tempo para analisar a situação com calma, saber a opinião do restante da família e avaliar possíveis consequências.

Durante mais um mês de esperas, João cresceu mais um pouco. Estava grande o suficiente para ter consciência que era indesejado e de saber das dificuldades para encontrar uma família que o acolhesse. Por ele, permaneceria por ali mesmo, onde vivia contente e sem nada exigir para si. Quando o assunto tinha sumido no esquecimento, o casal mandou avisar que

ficaria com o piá, por uns tempos, para experimentar se dava certo. Que ele estivesse preparado para ir com eles após a próxima missa que o padre viesse celebrar. Vieram o padre e o casal.

Depois da missa, João iniciou mais uma etapa da sua peregrinação em busca de um lar. Mais uma vez na estrada, procurou apreciar a natureza em volta. A morte do pai, o abandono pela mãe, a fome, o irmão que convidou para saírem em busca de comida e os amigos da vila sumiram da mente como se nunca tivessem existido. Ia tão distraído que nem mesmo prestou atenção no bebê carregado pela jovem mãe e na menina que ia na garupa do pai. Apenas, apreciava as árvores e a passarada, sem pensar em nada.

Porém, ao chegar na morada daquela nova família, foi logo encarregado de segurar a mão da menininha, enquanto o pai dela levava os cavalos para desencilhar. As novidades eram tantas que mal dava tempo de olhar. Poderia ter acompanhado com os olhos para aprender como a porta da casa deveria ser aberta e qual a maneira correta de carregar o bebê, pois, segundo ouviu, ele deveria tomar conta das crianças quando a mãe delas fosse para a roça com o marido.

Ainda distraído, seguiu a mulher com a criança no colo, subiu a escada, passou pela varanda e entrou na cozinha. Ali, deu poucos passos e ficou aguardando ordens. Porém, a menina, tão logo se sentiu em casa, desvencilhou-se da mão que a segurava e correu para o quarto dela, donde voltou com uma boneca de palha de milho.

Nisso, a mulher que havia sumido por outra porta, voltou já sem o menino nos braços.

— João, preciso acendê o fogo e prepará almoço. Cuida da Sorella. Não deixe que ela saia pro terrero – recomendou, olhando bem nos olhos dele.

João entendeu e comemorou a notícia de que logo teriam almoço, pois estava com muita fome. A Sorella – seria esse o nome da menina? – falava com a boneca como se estivesse falando com outra criança da idade dela. João preferia brincar com crianças mais crescidas, como ele, que gostavam de jogos e de disputas. Porém, estava com fome e queria agradar aquela que estava preparando a comida.

Aos poucos, começou a achar graça das fantasias da menina, que conversava com amigas imaginárias e tratava a boneca com se fosse a filha dela. Então, entrou no jogo. Sim. Não deixava de ser um jogo, uma brincadeira de faz-de-conta. Ele também passou a falar com crianças invisíveis e a planejar um passeio pelos poteiros que via através da janela aos fundos da cozinha. Sorella gostou da proposta e queria de fato sair para a varanda e, dali, descer as escadas e caminhar até a pastagem dos cavalos.

Nesse momento, João sentiu que não era mais ‘tão criança’ e que teria de cuidar de outra criança que não deveria sair pelo terreiro, passar pelo riacho e andar no meio de cavalos, de vacas e de porcos. Entendeu que estava ali como um irmão mais velho que deveria cuidar da irmãzinha que mal sabia caminhar. Lembrou, então, do irmão que foi levado para longe dele, quando

eles saíram da Casa das Religiosas. Onde estaria o irmão? Como estaria o irmão? E os outros irmãos que ficaram na vila? Estariam ainda por lá?

Estava viajando nesses pensamentos quando o marido entrou em casa com uma braçada de lenha picada no tamanho que coubesse na boca do fogão. Andava determinado; parecia estar com pressa. Perguntou pelo menino:

— E Genaro?

A mulher respondeu com palavras que João desconhecia. Mas, o marido entendia bem, pois continuou a conversa falando alguma coisa e ela também deveria estar entendendo; será o que estavam falando? Poderiam falar o que quisessem, desde que não gritassem com ele. Faria qualquer coisa para garantir um teto e a barriga cheia.

O casal continuou conversando e João distraiu-se com as fantasias da Sorella, que logo se acostumou com a presença dele. Esforçava-se para atender os pedidos e as orientações da pequena patroa. Porém, num momento, ouviu o marido pronunciar o nome da esposa.

— Natália, ... - o resto eram falas incompreensíveis.

Então, o nome da mulher era Natália. João pensou consigo: “Vou chamar ela pelo nome e ela vai gostar de mim.” Melhor morar com gente estranha do que vagar pela estrada. Sozinho. Onde estaria o irmão que guiava as aventuras em busca de um lugar para morar?

Sempre havia muito trabalho e, quando anoitecia estavam todos exaustos. Além do que precisavam economizar querosene. Só acendiam o lampião para clarear a janta; o terço podia ser rezado no escuro. Para colocar as crianças na cama, voltavam a acender a chama com um tição do fogão a lenha. Depois, escuridão até o galo cantar pela segunda vez. Daí, saíam da cama e reiniciavam a trabalhadeira de mais uma jornada. O trabalho de João era brincar. Ainda bem. Entretanto, tinha a responsabilidade de cuidar de Sorella, que vivia escapulindo do alcance dos olhos, e de Genaro que chorava quando sentia fome ou quando molhava as fraldas.

Com o tempo, João ficou sabendo de muita coisa: Natália e Vito eram colonos, pois compraram uma colônia de terras, e os vizinhos também eram colonos italianos. Quando o padre celebrava missa na vila, iam todos à missa e encontravam com a ‘senhora caridosa’ e com o marido dela. Eles sempre perguntavam para o casal se eles estavam contentes com o comportamento do piá. Para alegria de João, eles só falavam coisas boas. Enquanto fosse aceito, o lar estaria garantido.

Aos poucos, João foi conhecendo os projetos, as metas, as dificuldades e os problemas dos colonos. As famílias trabalhavam bastante para produzir coisas que pudessem ser vendidas, como trigo, milho, queijos, salames e banha de porco. Com o dinheiro, seriam construídas casas mais confortáveis, comprados implementos agrícolas, ferramentas e, se as safras rendessem bem, mais terras para o cultivo.

Dentre as dificuldades percebidas, estava domar animais para montaria, para arrastar toras, para puxar carroças ou arados, e trançar couros na fabricação de laços, cabrestos e rédeas. Vendo o esforço dos patrões, João lembrou do Peregrino, que era especialista em tudo isso. Poderia resolver todos esses problemas em troca de uns mirréis. Além do que, teria a possibilidade de ouvir os conselhos do homem. Porém, o Peregrino saltava de pouso em pouso e seria muito difícil de encontrar.

Mesmo assim, João falou dele para o patrão. Seo Vito escutou, meio desconfiado; poderia ser fantasia do piá ou, de fato, um auxílio importante para os colonos. Se o homem soubesse mesmo trançar couro e amansar animais, valeria a pena procurar por ele. Comentou isso com os parentes e com os vizinhos e soube que o 'andarilho' era pessoa de bem; que não causava problemas e que também trabalhava bem com madeira, pondo cabo em ferramentas e fabricando gamelas, cangas e tamancos. Logo, seria de imenso proveito convidar o homem para passar uma temporada na colônia.

Para isso, deixaram recados, na vila e com o mascate, do interesse deles pelos trabalhos do artesão; solicitavam que ele passasse pela colônia, para conversar, para negociar os serviços dele.

Enquanto isso, as crianças cresciam e João assumia algumas tarefas além de cuidar dos pequenos. Fugia, porém, do trabalho pesado nas roças; preferia a vida mansa, protegido do sol e da chuva. Em consequência,

crescia a fama de preguiçoso e de muito esperto. Por isso, procuravam manter o olho nele.

Dois meses mais tarde, o Peregrino chegou à casa de um dos colonos, atendendo o recado que recebeu. Soube, então, das dificuldades deles para domar animais e para entalhar madeira e se colocou à disposição no que estivesse ao seu alcance. Seria uma alegria colaborar com as habilidades dele. No entanto, tinha assumido compromisso com um velho amigo que o aguardava naquela semana. Poderia atender dali a uns dias. Se pudessem esperar, só que terminasse o serviço já contratado, voltaria para amansar a junta de bois e para esculpir a canga de açoita-cavalo.

Como de fato veio, construiu uma choupana com folhas de palmeiras na beira do rio, se instalou e iniciou os trabalhos contratados. Nas primeiras horas da manhã e no final da tarde, lidava com os bois, falando com eles, orientando e exigindo obediência; nas horas de maior calor e durante o serão, entalhava o tronco de açoita-cavalo, produzindo uma canga, ao mesmo tempo, forte e bonita. Seo Vito foi ter com ele para contratar, também ele, alguns trabalhos semelhantes. Como Jão não podia ir até lá, precisou esperar por mais algumas semanas para rever o homem que admirava.

Finalmente, Peregrino chegou e se instalou perto da bica d'água, construindo ali mais uma das muitas cabanas que ergueu em cada pouso que fez. As montarias ainda eram as mesmas; o guaieca, também. Chegaram em procissão e em silêncio, parando a poucos metros da entrada do pátio da casa. O homem

apeou, soltou as rédeas no chão e seguiu até o meio do terreiro, onde bateu palmas. O guaieca ficou deitado ao lado dos cavalos, resfolegando de língua de fora.

Como os patrões estavam na roça, foi João quem atendeu. Reconheceu o recém-chegado, antes mesmo dele se apresentar. Aparentemente, também foi reconhecido. Por isso, cumprimentaram-se como velhos conhecidos. João foi logo informando o local que Seo Vito deixou marcado para a construção da cabana, apontando com o dedo a direção de um pedaço de pano que esvoaçava preso a uma vara de bambu.

Antes de voltar aos animais que o esperavam, Peregrino sorriu. Para João, esse sorriso valeu mais que muitas palavras, pois teve certeza que poderia contar com a amizade do recém-chegado.

Quando os patrões chegaram da roça, pela alegria do piá, logo entenderam o que aconteceu. Logo depois do almoço, seo Vito foi conversar com o visitante. Ao retornar, falou para a esposa que pediu que a canga fosse falquejada na varanda do paiol, para que ele pudesse ver e, talvez, aprender como deveria ser feito. Chance de poder falar com o homem, pensou João.

Peregrino trabalhou naquele primeiro dia somente na montagem da cabana e na organização de seus utensílios. O guaieca inspecionou os espaços próximos e, satisfeito com o que viu, deitou-se à sombra para descansar e estar alerta durante a noite. João acompanhou de longe, ouvindo o tinir do facão cortando madeira ou a pancada do malho sobre as estacas fincadas para sustentar o telhado.

Na manhã do dia seguinte, bem cedo, seo Vito deixou os novilhos amarrados pelo lado de fora da cerca. Como foram acostumados à corda desde pequenos, permaneceram ali sem demonstrar rebeldias. Quando o domador chegou, analisou os animais, testou as reações deles e declarou que os dois formariam uma junta parelha, obediente aos comandos e resistente para o trabalho contínuo.

Tão logo recebeu a permissão para iniciar a doma, saiu do terreiro para ensinar os novilhos a caminhar na estrada. Eles nunca tinham saído de dentro da cerca. Por isso, demoraram a entender que deveriam andar no trilho, sem parar nos barrancos para colher o capim ainda coberto de sereno. No início, andar um atrás do outro; depois; um ao lado do outro. E também com inversão de lado, para que aprendessem desde logo a trabalhar dos dois lados do cabeçalho do arado ou da carroça.

Parecia simples, mas os novilhos que, até então, passavam o dia só vagando livremente à cata da grama mais macia que pudessem encontrar, cansaram como se tivessem tracionado o arado durante a manhã inteira. Ao serem soltos no pasto, foram direto ao riacho beber bastante água. Dali por diante, iriam valorizar muito mais as horas de folga.

Quem não teve folga foi o Peregrino. Apenas bebeu um gole de água na bica e já se encaminhou para a varanda do paiol onde o tronco de açoita-cavalo aguardava o artista, que suspendeu a peça de madeira, que mediu e que avaliou a distribuição do peso. Analisou também a

direção das fibras em cada segmento para planejar os cortes de modo a garantir a maior resistência possível.

Nesse primeiro dia de trabalho, João apenas olhava de longe, com um canto do olho, dominando a curiosidade. Depois, aos poucos foi se achegando e acompanhava o sobe-e-desce do enxó falquejando a madeira. Vez em quando, desviava o olhar para observar as crianças que ele havia deixado brincando no terreiro. Algumas vezes, trazia consigo os pequenos, mas segurava as mãos deles para que não se aproximassem demais, impedindo que atrapalhassem o trabalho ou corressem riscos de se machucar. Ele próprio procurava se manter a uma distância que permitisse ver como era feita a canga, sem estorvar o homem.

Um pouco antes do meio-dia, seo Vito chegava da roça e ia direto conversar com Peregrino para saber como se comportava a parelha que estava sendo domada. Enquanto conversava, ia passando a mão na madeira da canga, como que antevendo a peça sobre o pescoço dos novilhos, eles também já prontos para o trabalho.

— Fico imaginando essa canga no pescoço dos boi bem domado, com força para todo tipo de trabalho. Vi aqueles ternero nascê. Foro criado na mão, com bom trato, sem violência – exclamava o colono.

— O sinhô pode contá com a realização do desejo: os novilho são especiá de bom e quero dexe a canga a seu gosto. Pode incomendá os detalhe de sua preferência. Vô fazê do jeito que o sinhô quisé – garantiu Peregrino.

— Os recorte tão de acordo com minha vontade. Essas ponta alta evita que a ligera caia no chão – confirmou Vito.

— Tem gente que pede pra tirá essas ponta pra dexá a canga mais leve. E pra não engalhá nas pranta e im cipó...

— Pra tá do meu gosto, só farta quatro canzil de maracanã no formato do pescoço do boi... – concluiu o patrão.

— Costumo dexá as vara de maracanã envergando no peso de uma pedra...

— Ah! Inté posso fazê despois... Mais não custa já arredondá as cabeça de cansil... – comentou seo Vito.

— O senhor deve já encomendá que o ferrero faça as tiradera... Às vez, ele demora fazê... – pediu Peregrino.

— Pode sê do tamanho das da otra canga?

— C'a argola, pode medi uns trinta e cinco centímetro...

— Intão, mando fazê.

— O senhô quer aprender talhar o açoita-cavalo pra tirar uma canga... Entonces, seria de proveito acompanhar por uns minuto como faço para cortá madeira arrevesada. Veja: aparo no sentido das fibra, atacando pelas costa delas, pra deixar lisinho. Se tento cortar de frente, vou levantá farpa e a superfície fica áspra, arrepiada que nem cachorro raivoso.

Jão ouvia e seguia com os olhos. Assim, também ele aprendia. Por exemplo, como afiar uma lâmina nas costas de uma pedra. Depois, longe da vigilância do seo

Vito e do seo Peregrino, segurava um galho de cambuim e ia cortando com o facão afiado com a ideia de fabricar uma pequena canga para atrelar os gatos nas brincadeiras com os filhos do patrão. Logo, percebeu que as lições do artesão seriam mais que necessárias: a madeira retorcida exigia maior habilidade; ainda precisava praticar muito.

E esses exercícios impediam de acompanhar o treino com os novilhos que acontecia no final da tarde. Primeiro, o domador trabalhava no pasto, acostumando os bois a vir quando chamados e a aceitar a corda na cabeça sem reagir. Quando obedeciam, recebiam um petisco; poderia ser um rastolho de milho ou um bocado de raiz de mandioca. Em seguida, o domador mostrava a canga, deixava os bois cheirarem e, só depois, com muita calma, colocava a armação em cima do pescoço deles. Repetia muitas vezes. Depois, a junta encangada saía para a estrada, para aprender a andar. No começo, seguindo o homem; depois, por diante, obedecendo a ligeira presa na orelha de cada boi. Por fim, puxavam um pau de arrasto.

Para voltar para casa, sempre andavam mais rápido, na esperança de que a sessão de doma pudesse ser encerrada e que eles ganhassem a liberdade do potreiro.

Nesse ritmo, a canga ganhou forma e os novilhos acostumaram com a rotina. Seo Vito sorria de contentamento; o artesão ganhava mais um grande amigo. No entanto, outros compromissos aguardavam

alguns quilômetros adiante e Peregrino precisava retomar sua vida de ambulante. Por isso, num final de tarde, procurou o patrão comunicando que sairia antes de amanhecer o dia seguinte. Ao despedir-se, colocou-se à disposição para outros trabalhos que se fizessem necessários. Quando precisasse, era só mandar um recado, que ele viria de bom grado.

FIM DE INFÂNCIA

As crianças cresceram e aprenderam a brincar sozinhas, por organização própria, dispensando comandos ou vigilâncias. Sendo bem mais novas, tinham ideias e gostos bem diferentes que um piá que tinha o dobro da idade de Sorella. Genaro, então, não era nem companhia para Jão; cada qual tinha interesses lúdicos bem diferentes. Assim, Jão passou a ser mais estorvo que companheiro. Por isso, Natália e Vito conversaram com ele para que deixasse as crianças um pouco de lado e ajudasse nas lidas cotidianas.

Jão concordou. Mais por falta de opção do que por vontade de assumir tarefas repetitivas, pelas quais sentia aversão. Pouco fazia. E, para o mínimo fazer desleixado e pouco produtivo, consumia tempo exagerado. Nunca se oferecia para acompanhar os adultos no trabalho nas roças porque detestava o sol e as picadas de formiga. Nos afazeres domésticos, agia de má vontade.

A situação ficava cada vez mais desconfortável para os três. Ainda bem que as crianças nem notavam os conflitos. Brincavam indiferentes aos desentendimentos dos pais com o piá. Passados alguns meses, Vito e Natália nem mais cobravam tarefas e João fazia o que bem entendia. Se tivesse interesse, limpava o chiqueiro; caso contrário, o chiqueiro virava um chiqueiro. As galinhas continuavam pondo ovos. Porém, sem alguém que recolhesse a safra, não havia ovos para a 'fortaia'. As galinhas construía seus ninhos no capinzal e, depois de três semanas, apareciam com uma ninhada de pintos. Isso, se os cachorros e os lagartos deixassem a choca em paz. Nem de recolher um balde de água era capaz. João se tornara um inútil para a família.

Peregrino chegou justamente numa manhã em que o casal havia discutido por causa da preguiça do piá, 'um estranho' dado a viver sem esforço. Como bom entendedor, logo percebeu os incômodos provocados pela presença de João. Soube também que nem imaginavam que ele apareceria por ali e que não tinham serviços esperando por ele. Mesmo assim, pediu permissão para acampar por uns dias. Se não estivesse incomodando.

Ao contrário, Vito ficou muito feliz com a chegada do nômade, pois teria uma pessoa para conversar, com quem pudesse desabafar. Além do que, poderia aprender novas técnicas, novos modos de resolver problemas do dia-a-dia. Sorte dele que o homem estava de passagem e parou para pedir pousada.

Jão, que estava espiando lá da horta, também se alegrou com a aparição. Ficou tão contente que até trabalhou direitinho naquela manhã. Ele admirava o artista e sonhava ser igual a ele, no futuro. Quem sabe ele aceitasse levá-lo consigo dali a uns dias?

No final da manhã, ao voltar da roça, Vito foi até a cabana ver se Peregrino estava bem instalado e sondar qual a opinião dele sobre os conflitos que viviam. O hóspede sentia-se ‘em casa’ e se oferecia para ajudar em algo que pudesse ser útil. Mesmo que fosse apenas como companhia que não estorvasse. Como a conversa fluiu com grande cordialidade, o colono aproveitou para tocar no assunto que vinha perturbando sua tranquilidade.

Peregrino foi bom ouvinte. Ouviu as confidências com respeito e atenção, confirmando o entendimento com sinais positivos da cabeça. Findo o longo desabafo, aguardou um sinal de interesse nas opiniões dele e, então, contemporizou:

— Tudo nós vivemo alguma angústia. Nossos pobrema parece maior quando não temo com quem conversá das dificuldade. Mesmo que os outro não possa vivê por nós, uma opinião diferente pode ajudá a encontrá as solução que, sozinho, não encontra ou que a gente se sente inseguro pra tomá a decisão. Tenho certeza, o piá também tá descontente. Pra ele, as coisas são ainda mais difíci.

— Imagino. Perdeu o pai e foi abandonado pela mãe...

— João cresceu solto. Sem quem olhasse pra ele. O pai o dia intero trabaiano no fundo da mina e a mãe livre pra batê perna...

— O piá é bem escorregadio. Qué vivê livre, sem compromisso. Foge do cabresto, não qué conversa, disfarça, detesta conflito.

— Bem ao contrário das lei dos colono, que prega disciplina, exige bastante esforço pra progredí na vida... – ponderou Peregrino.

— Nem precisa enricá... Mais, ao menos, tê uma boa casa, um conforto, ...

— O senhô pode até pensar que sô um vagabundo, que desprezo o dinheiro...

— Deusmelivre! Nunca pensei isso. O senhô vive muito bem, do seu jeito...

— Pois então. Cada um vive do jeito que qué... O piá qué sê livre que nem um passarinho.

— Então, que voe c'as asa dele – concluiu Vito.

Era o que João queria mesmo: voar com as próprias asas; viver como um passarinho, em liberdade, no lado de fora da gaiola. Poderia suportar a fome, desde que sem rédeas ou chicote. Se pudesse se sustentar por conta própria, melhor ainda.

A conversa com Peregrino aliviou o peso da culpa que Vito sentia pelo desejo de se livrar dos conflitos em família. Não faria uma maldade, mas também, não iria impedir que o 'passarinho' voasse ... para bem longe. Na época que acolheu o piá, imaginava que ele desenvolvesse gosto pela lida rural e pudesse ser

companheiro de trabalho, companhia na roça. Nada disso aconteceu; além de detestar o trabalho, se fechava em silêncios e desconfianças.

Além de ser um bom confidente, Peregrino poderia ajudar em serviços que aguardavam há tempo, como a manutenção de cercas e de ferramentas. Vito fez o pedido e, no dia seguinte, Jão acompanhou o conserto da cerca da horta, alcançando uma ferramenta ou segurando uma ripa. Assim, teve muito tempo para conversar e especular.

— Como é a Serra-acima?

— Diferente. E muito parecido. Lá, é mais frio, as árvores são diferente, ... Mais, gente é sempre gente. Em qualquer lugar.

— Muito frio?

— No inverno...

O martelo continuava a bater na cabeça dos pregos e as curiosidades a remexer a mente do piá curioso.

Quando morava na vila e tinha oportunidade de conversar com as pessoas, brincava o dia inteiro e não sobrava tempo para pensar como seria em outros lugares. Porém, com a morte do pai e com o abandono da mãe, teve de seguir o irmão pela estrada desconhecida e parou numa casa em que tudo era muito diferente. Mesmo ali na colônia, os costumes eram estranhos.

Além do que não havia com quem conversar. As crianças queriam apenas brincar, como ele também quis na idade delas. Os pais delas não conversavam

nem com os filhos deles; muito menos com um órfão enjeitado. Os adultos nada contavam e as crianças nada sabiam. Quando chegava uma visita, os adultos mandavam as crianças brincarem longe dali. A presença de uma pessoa de muita sabença, que aceitava trocar ideias com um piá, era uma raridade, um milagre. Precisava aproveitar. Queria conhecer as coisas que não conseguiria descobrir por si só.

— Quero aprendê a ganhá dinheiro...

Peregrino deixou o trabalho de lado, endireitou o corpo e olhou para o piá. Como falar com uma criança sobre o sistema de exploração colonial? Se nem os adultos conseguiam ver que os agregados trabalhavam como escravos? Se os patrões acreditavam que agiam como verdadeiros pais, protegendo e sustentando um bando de agregados preguiçosos?

Agregados e peões trabalhavam sem remuneração fixa; ‘de favor’, plantavam pequenas roças na terra do patrão, criavam algumas galinhas e um ou dois porcos; de ganho, só recebiam os alimentos ‘de fora’, o sal, o açúcar, a querosene para o lampião; panos, agulha e linha para costurar roupas à mão. Cortesia que custava caro. Do que produzissem nas terras patronais, nada poderia ser vendido, pois, seria concorrência com o patrão. As contas somente eram acertadas por ocasião de despedida do empregado, que sempre ficaria devendo mais do que gastara e sem direito a nenhum ganho por trabalhos prestados. Restava ao agregado ou ao peão fugir durante a noite e para bem longe, pois os patrões mantinham uma rede de informações a

cerca dos trabalhadores braçais, que eram mantidos cativos e, quando fugissem, perseguidos sem piedade.

Nem para os filhos deles os fazendeiros entregavam dinheiro; os rapazes dependiam de vender pipoca, amendoim, pinhão ou frutas para apurar alguns vinténs; as moças recebiam algum dinheiro por caridade; do pai ou do marido. Também eles viviam ‘de favor’.

Estava ali diante dele alguém que queria aprender a ganhar dinheiro. Dinheiro para comprar um pedaço de terra, um cavalo, uma junta de bois, ... para conquistar independência pessoal. Uma multidão de peões e de agregados nascia e morria obedecendo ordens, sem sonhar com a liberdade de decidir o que fazer, o que plantar ou onde morar.

Para continuarem dominando o proletariado, os patrões se mantinham solidários entre si, pois estavam em menor número, precisavam se unir. Além de barganharem proteção com as autoridades.

Fora fazendeiros, coronéis, peões e agregados, havia raros homens livres, que viviam sem explorar e sem serem explorados. Esse era o único espaço para quem sonhava ganhar dinheiro e viver sem patrão.

— Então, você tem que aprendê a lidá com couro, madeira, pedra ou ferro. Só os sapateiro, os carpinteiro, os pedreiro e os ferreiro escapam do jugo dos patrão – decretou Peregrino.

Jão nunca ouviu falar em sapateiros, carpinteiros, pedreiros e ferreiros. Também, não pensava de trabalhar com couro, madeira, pedra ou ferro. Ele

queria apenas viver livre, sem tarefas e cobranças. Livre e com dinheiro. Como Peregrino, que perambulava por sua vontade, fazia o que gostava de fazer e ganhava dinheiro.

No início daquela tarde, seo Vito acompanhou o trabalho de reformas da cerca da horta. Ele estava contente com as melhorias. Não elogiou, mas a satisfação estava na cara dele. Chegou mesmo para conversar, para negociar mais alguns trabalhos. Que era para manter o homem por ali, para poder trocar mais ideias.

Assim, transcorreram os dias. Pequenos serviços, horas de folga, muitas conversas. Quando seo Vito estava por perto, João ficava de boca fechada. Entretanto, bastava o patrão sair que ele emendava pergunta atrás de pergunta. Queria saber o nome dos passarinhos, como afiar a navalha de aparar a barba, a época boa para catar determinada fruta do mato ou como dar um nó que não soltasse, mas, que fosse fácil de desatar.

Até a manhã em que Peregrino passou rente à casa, montado no cavalo marchador, que puxava a mula presa pelo cabresto. O guaieca caminhava ao lado, bem próximo das patas do cavalo. Seo Vito perdia o confidente e conselheiro. João ficou olhando pela fresta da cortina, com uma imensa vontade de ir com ele.

A MORTE E O RECOMEÇO

Nessa época, a mãe de Natália adoentou e caiu de cama. A filha passou duas semanas atendendo a doente que não resistiu ao tifo e faleceu um mês depois, deixando uma filha temporã, jovem demais para assumir o comando do lar. Por isso, o pai viúvo preferiu ir morar com um dos filhos casados.

Lá, a casa era pequena. Só ofereciam um lugar para ele; não restava espaço para a filha dele. Além do que, a caçula detestava a cunhada e era, por ela, detestada também. Detestaram-se à primeira vista. Antipatia recíproca e consumada.

Acontece que a nora era mulher prendada, trabalhadeira, de convivência agradável e muito dedicada ao marido; considerada pelo sogro como ‘a melhor de suas filhas’. Mimada pela falecida mãe, a caçula fugia do serviço; preferia a vida mansa e as vantagens de ser o bebê da família. Com a orfandade, perdia a proteção materna, teria de querer mudar de comportamento e se esforçar muito para superar as virtudes da rival.

Natália, então, se ofereceu para acolher a irmã caçula, mesmo sem espaço na casa para mais uma pessoa. Assim, contribuía para a redução dos conflitos num momento que o pai enfrentava a perda da esposa e todos estavam de luto. O marido, a contragosto, participou da caridade, pois, também ele tinha convicção de que esta seria a melhor acomodação

inicial. Ao menos, até a cunhadinha encontrar um marido e assumir a vida dela.

A chegada da menina complicou ainda mais a situação de João. Os dois se enticavam o tempo todo e Vito perdia a paciência com eles. Afinal, não eram filhos dele; ele tinha de suportar a presença de pessoas que pouco ajudavam e comiam bastante, por estarem em fase de crescimento. A felicidade do casal estava comprometida por essas confusões diárias. Com a presença da menina-moça, o jovem cheio de energia e de ideias se tornava um estorvo ainda mais indesejável; uma ameaça moral.

O ambiente estava sobrecarregado. João percebia que precisava sair dali, deveria encontrar outro lugar para morar. Nessas horas difíceis, lembrava de Peregrino, da liberdade que ele gozava, de ir e vir quando quisesse. Trabalhava sem atropelos e para quem pagasse melhor. Fazia poucos dias que ele saiu dali, por aquela estrada... Por que não ir atrás dele?

A partir daquele momento, tinha um só pensamento: procurar o artesão e seguir com ele por onde ele andasse. Foi juntando seus pertences e planejando como e a que hora sairia com a trouxa nas costas.

Com o falecimento da avó e com a chegada da nova moradora na casa, negligenciaram a atenção e os cuidados necessários para com Sorella e Genaro; as crianças passaram a andar descalças, no sereno e mal agasalhadas. Em consequência, vieram as gripes, as inflamações de garganta a tosse noturna que

exasperava a mocinha que dormia no quarto dos sobrinhos. Mais incômodos e discussões.

Aproveitando a oportunidade, Vito pediu para Jão dormir no paiol, “por uns tempos”, enquanto a irmã de Natália permanecesse com eles. A desfeita que, a princípio, parecia uma expulsão, vinha a calhar para o piá, pois, teria mais liberdade para ‘fugir de casa’. Por isso, em silêncio e satisfeito, recolheu suas roupas e o pouco que tinha para aninhar-se num canto do paiol. Sem dar mostras de descontentamento, acomodou-se ali por duas noites. Durante o dia, sem muito empenho, cumpriu as tarefas rotineiras. Porém, no final da segunda madrugada, ensacou suas coisas e seguiu pela mesma estrada trilhada por Peregrino.

Nas primeiras horas, Jão caminhou com desenvoltura, movido pela esperança de logo encontrar o artesão nômade, que deveria ser seu mestre e seu protetor. Acontece que Peregrino não acampava do meio da estrada. Nem na beirada, em local visível. Ao contrário, arranchava no meio do mato, escondido entre as árvores. Naquele dia, poderia ser encontrado no início da caminhada, no segundo sítio deixado para trás pelo piá que passou pela entrada rumo à cidade.

CIDADE

A cidade era bem maior que a vila em que Jão nasceu. Havia mais casas e muito mais gente. Pessoas que nem deram conta da chegada de mais um menino sem família. Mesmo tendo encontrado algumas frutas pelo

caminho, a fome apertava e João parou em frente a um bar onde alguns fregueses conversavam em voz alta. Sobre as mesas, havia garrafas vazias e pratos com restos de comida, pedaços de pão e carnes rejeitadas.

João encostou na porta e ficou observando a movimentação, analisando o ambiente. Dali a alguns minutos, um homem se compadeceu dele e ofereceu as sobras que deixaria no prato. Por sorte, o dono do bar nem notou a caridade.

Iniciava assim mais uma etapa na vida dele. Pedindo comida nas casas, se oferecendo para capinar um quintal, roubando frutas, recolhendo comida nas lixeiras em frente das bodegas e dos restaurantes. Gozava de liberdade relativa e logo se enturmou com outros moleques como ele que passavam o dia correndo pelas ruas e se amontoavam em algum canto para dormir. Nem sempre havia o que comer, às vezes, chovia e ocorriam até tempestades, ventanias e frios cortantes. Algum colega sumia, outros apareciam e iam vivendo nas brechas entre a bondade de alguns cristãos e a violência dos policiais e dos comerciantes. Mesmo com todas essas dificuldades, o corpo crescia e as roupas encurtavam antes de se desgastarem completamente. João e os colegas de rua, às vezes, encontravam alguma roupa no lixo das lojas ou ganhavam roupas usadas e mais um tempo passava.

Haviam transcorridos dois anos quando as autoridades municipais resolveram acatar as reclamações dos empresários e das senhoras burguesas que solicitavam que os meninos de rua fossem recolhidos a um

reformatório que os preparasse para o trabalho e para o casamento.

A decisão foi tomada, mas demorou bastante tempo para ser cumprida, pois não havia uma casa tão grande que coubessem todos e pessoas contratadas e treinadas para administrar e manter o novo educandário.

Durante o período de construção do prédio e de treinamento dos funcionários, o número de meninos e de meninas a serem recolhido diminuiu bastante, pois, muitos deles preferiram voltar para a casa dos pais, da qual haviam fugido, ou migraram para outras cidades menores, em que ainda não eram considerados ‘um problema social’.

PIÁ DA VELHINHA

Jão, mais uma vez, se pôs a caminho, mendigando um prato de comida e um canto de paiol para dormir na palha. Nessa viagem, encontrou estrada mais larga, com muitas casas às margens. Nos anos que passou vagando, havia desenvolvido habilidades para perceber detalhes importantes a serem usados nas conversas para convencer as pessoas de que ele era um bom menino e que poderia ajudar em alguma coisa. Se fosse falar com uma mulher de mais idade, poderia provocar piedade; se fosse recebido por um homem, deveria demonstrar que conhecia o trabalho; se fosse um menino ou menina, procurava mostrar amizade. Sentia-se bem mais esperto.

Viveu nessa cidade menor mais um ano e meio antes de ser enxotado como um cão sarnento. Ele próprio se preparava para ir adiante, pois a população era pobre e o comércio bastante reduzido. As pessoas, de um modo geral, realizavam todos os serviços por conta própria e evitavam dar esmolas, mesmo que fosse um pedaço de pão. Além do que, o número de meninos de rua era insuficiente para se juntarem e agirem em equipe.

Se, na migração anterior, havia pensado apenas em seguir adiante, nesta vez, ficou em dúvida se retornava à cidade donde veio ou se continuava a percorrer a estrada pisada para chegar ali. Não havia a quem pedir opinião, no entanto, guardava péssimas lembranças das ameaças nos lugares já conhecidos. Decidiu prosseguir pelo mesmo caminho e encontrou uma pequena cidade, um pouco maior que a sua vila natal.

Poucas casas, comércio fraco, poucos restos de comida e muita dificuldade para conseguir um canto para descansar e dormir. Sentiu-se muito mais desprezado; parecia que as pessoas temiam serem tocadas por ele e de serem por ele roubadas.

Depois de dois meses sobrevivendo com grandes dificuldades, foi recolhido pelo delegado que se via pressionado pelas ‘famílias de bem’ a retirar das ruas aquele enjeitado ‘perigoso’. Por causa disso, João passou uns dias retido na delegacia. Não como preso.

Entretanto, estava proibido de sair dali. Recebia o de-comer e ganhou um cobertor para se enrolar.

Além de encontrar um lugar para esse piá desgarrado, o delegado andava preocupado com uma velhinha que

vivia numa choça, sozinha, sem ter mais ninguém no mundo. O inverno prometia frios intensos e ocorreu ao policial que poderia resolver os dois problemas com uma só manobra. Consultou outras autoridades, que consideraram ‘uma boa ideia’ colocar o piá para ‘esquentar os pés da velhinha’. Assim, ela teria ‘uma família’ e o moleque ganharia comida e uma cama para dormir.

Os donos das casas de comércio e das pequenas indústrias prometeram contribuir com alimentos, roupas usadas e alguns móveis velhos para assentar de vez o andarilho que poderia ameaçar a tranquilidade do empresariado e das famílias. Melhor dar esmolas aos pobres do que ser por eles roubado, pensavam eles.

Jão iniciou assim a segunda parte da juventude. Agora era o ‘piá da velhinha’. Tinha endereço, um lugar para pousar, uma referência comunitária. Comunidade de pequenos sitiantes que sobreviviam cultivando pequenas lavouras de batata, feijão, milho e mandioca. Criavam também algumas galinhas, porcos e vacas. Essas atividades agropecuárias rendiam cereais, legumes, ovos, leite e carnes convertidos em feijoadas, polentas, pirões e sopas. Não faziam fortuna; produziam apenas o suficiente para encher a barriga e garantir um teto para se abrigarem. Porém, a velhinha, de há muito, havia abandonado as plantações e as criações. A capoeira dominava ao redor da choça.

No início da primavera, Jão sentiu-se contaminado pelos entusiasmos dos vizinhos que aproveitavam a

‘estação das flores’ para preparar a terra e semear lavouras. Uma mulher, amiga da velhinha, ofereceu sementes de feijão e ramas de batata e de mandioca, incentivando que o trabalho poderia render alimentos, além de manter o piá ocupado, sem tempo para vagar pelo terreno dos outros fazendo estripulias.

Nos primeiros dias, João reclamou dos ‘trabalhos pesados’. No entanto, deixou de reclamar tão logo o verde da plantação cobriu a terra preparada. A memória ancestral, então, despertou nele o amor telúrico que entusiasmaria o avô e o tataravô dele. De geração a geração, as preferências se alternaram entre o rural e o urbano. O pai detestava a roça. Porém, o gosto pelas plantas e pelos animais renasceu em João. Vendo uma choca comandando a marcha de uma ninhada de pintos, quis criar galinhas. Bastou mostrar interesse e outra mulher bondosa deu uma choca e os ovos para chocar. Depois de três semanas, nasceram os filhotes multicolores, tão engraçadinhos...

Os bezerrinhos também eram muito fofos e alegres...

— Como seria bom tê um bezerro que fosse só meu! – pensou João.

Adiante, seguindo a estrada, havia um criador de gado, que menosprezava as fêmeas porque rendiam pouca carne. Quando nascia uma bezerrinha, ele ficava lamentando porque preferia bezerros machos. Sabendo disso, João se ofereceu para trabalhar uns dias em troca de uma terneira com um mês de idade. Para sobreviver, ainda precisava do leite, entretanto, já pastava um pouco. Por isso, nas primeiras semanas,

berrou muito e emagreceu bastante. Porém, com cuidados e carinhos foi se conformando com a ausência da mãe e se esforçava para encher a pequena barriga com os capins tenros que recebia. Aos poucos voltou a engordar e passou a crescer em ânimo e em tamanho.

Pela primeira vez, João estacionava e assumia o protagonismo em uma situação que, mesmo finita, representava um primeiro assentamento.

Na primavera seguinte, as lavouras aumentaram e, amarrada por uma corda, a novilha passava o dia roendo capim nas beiradas de estrada. Além de aipim, batata, feijão e milho, cultivavam amendoins e pipocas. Mesmo banguela, a velhinha incorporava em carnes as safras que conseguia roer. O corpo de João desenvolvia muito mais ainda, pois estava em fase de crescimento.

No segundo ano de residência, consolidou as lavouras e já contava com uma vaca de leite, uma bezerra brincalhona, uma porca, uma dúzia de leitões e galinhas de todos os tipos: pequenas, grandes, pretas, pescoço-pelado, carijós, com penas nos pés, ... A venda de ovos e de um porco gordo tinham rendido roupas novas e uma botina para se proteger dos espinhos e das pedras. Enfim, o piá se estabelecia como sitiante.

Com tantas coisas boas acontecendo, João esqueceu da infância na vila, dos irmãos e de todos os estágios anteriores de sua vida. Fazia novas amizades e sonhava comprar um pedaço de terra, pois moravam sobre um canto de chão cedido de-favor. Com o tempo, queria

construir uma casa que proporcionasse um pouco de conforto e mais segurança.

Foi então que a velhinha morreu.

Não que ela fosse ‘alguém da família’. Nem que fosse agradável ‘esquentar os pés’ da coitada. Entretanto, já estava acostumado com o cheiro dela, vivia em paz com os vizinhos, tinha projetos para desenvolver ainda mais a pequena propriedade rural. Com o desenlace, teria de rever as estratégias.

Na saída do cemitério, onde a velhinha foi enterrada, o dono da terra e da choça se achegou, falando com voz calma e firme:

— Ti dô uma sumana pra arranjá outro lugá... Vô precisa daquele pedaço de chão.

E agora? As roças estavam a meio termo, sem valor de venda, pois ainda demorariam a produzir. Precisava comprar um pedaço de terra para colocar a criação... Poderia conseguir um pouco de dinheiro vendendo a criação... Com pouco dinheiro, conseguiria comprar pouca terra e ... já não teria criação para colocar em cima...

Jão perdeu o chão em que havia plantado raízes e teria de carregar consigo as esperanças de se estabelecer como agricultor.

A criação e as roças ainda em crescimento foram vendidas em menos de uma semana, que era o prazo dado pelo dono da terra. Com o pouco dinheiro conseguido, uma trouxa de roupas e dois cobertores, Jão retomou o caminho, mais uma vez. O sol nascia e o

orvalho brilhava nas folhas dos feijoeiros. Da estrada, ainda olhou pela última vez o casebre em que viveu o alvorecer da juventude. E tomou a estrada.

EM BUSCA DA FORTUNA

Pisava firme. Já um rapazote, desempenado, destemido, animado. Caminhava para o desconhecido. Queria chegar ao local de que sempre ouviu falar, onde havia muitas pedras. Ali, do jeito que estavam, elas nada valiam. Vender pedras? Pedras que havia aos montes, sem serventia? Porém, se cortadas em tamanhos adequados, poderiam ser usadas nos alicerces de casas, na pavimentação das estradas ou para sustentar cercas de arame farpado e poderiam render um bom dinheiro.

Quem sabia cortar pedras trabalhava por conta própria e poderia vender paralelepípedos, cabeça-de-pedra e moirões para quem deles necessitasse. Quem soubesse... Jão mal sabia o que era uma pedra; nem de longe desconfiava que algumas possuíam veios que facilitam o corte e que outras são pedras ‘podres’.

Caminhava prestando atenção na estrada e analisando as encostas dos morros na procura de sinais dos tais cortadores de pedra. Também, perguntava sobre isso a todos que encontrava. Assim, no início da tarde, encontrou um posto de venda de paralelepípedos. O dono da empresa pouco sabia do assunto. Entretanto, conhecia cortadores de pedra e indicou os locais em que poderia encontrar alguns deles.

Seguindo as orientações, João seguiu uma trilha no meio do mato e subiu um morro alto, que tinha mais pedras que terra. De longe ainda, teve certeza que estava no caminho certo, pois ouvia o repicar de ferros nas pedras.

Chegando perto, viu um homem magro batendo com uma marreta em um pedaço de ferro cravado em um buraco numa pedra bem grande. Talvez, entretido com o serviço ou dominado pelo barulho agudo e seco, o homem não notou a presença de João. Continuou cavando buracos na pedra que se esfarelava, soltando um pouco de fumaça.

Quando concluiu a etapa do serviço, o cortador de pedras entesou o corpo e alongou os braços para descansar da posição incômoda em que trabalhava. Depois, olhou para o lado em que estavam as coisas dele, uma marmita e uma garrafa de água. Foi até lá, saciou a sede e ia voltar ao trabalho quando deparou com o estranho que observava em silêncio.

— Se achegue – convidou.

João, ainda em silêncio, andou até bem próximo do homem, que estendeu a mão para cumprimentar.

— Bom-dia! Quero aprendê a cortá pedra.

— É fáci. É só querê. Fique oiando...

E, segurando com força o cabo da marreta na mão direita, começou a bater num pino de ferro mantido pela mão esquerda mais ou menos livre para cavar a pedra. Apesar da dureza aparente, a pedra foi soldando pó e pedriscos. E, para surpresa do rapaz, o buraco foi

aumentando rapidamente. Quando considerou de bom tamanho a cavidade, iniciou outro buraco ao lado, distante uns dez centímetros. Depois de concluir o terceiro buraco, introduziu pequenos pinos nas três cavidades, sobre os quais desferiu golpes de marrão até surgir uma fenda na rocha: a pedra estava cortada.

O cortador de pedras sorriu orgulhoso de suas habilidades e Jão ficou convencido que era muito fácil abrir uma pedra ao meio.

Como ali havia pouco trabalho, o homem encaminhou Jão para um outro cortador de pedras que morava a alguns quilômetros dali. No entanto, o sol descambava no horizonte, a fome apertava e a tarde já ia ao fim. Jão agradeceu a informação e voltou para a estrada, seguindo adiante.

OLARIA

Depois de meia hora, encontrou uma casa e chegou para oferecer seu trabalho em troca de comida e de um canto para dormir. Informaram que poderia ganhar a janta picando a lenha para o fogão de casa. Picar lenha, ele sabia e até gostava de fazer. Como pagamento, comeu tanto quanto jamais havia comido.

Aquela família fabricava tijolos e sempre havia muito serviço. Se o rapaz quisesse ajudar, poderia ficar com eles por uns dias.

Ficar por uns dias significava ter um canto para dormir e comida. Dormir em segurança, sem sobressaltos era

muito bom. Melhor ainda se a barriga estivesse cheia. Mas... o que seriam tijolos? Alembrou de ter ouvido o avô Manoel contar que o Peregrino fazia vasos de barro, dizendo que poderia fazer também tijolos e telhas.

— Tijolo pra construí casa – disseram.

Todas as casas que conheceu até ali eram de pau-a-pique, de taipa, de barro batido, de madeira lascada ou de madeira serrada. Diante da curiosidade revelada, explicaram que era muito parecida com uma casa de pedras, com blocos de barro endurecido usados no lugar das pedras cortadas. Disseram que os tijolos duravam mais que a madeira e que, mais para o litoral, onde havia pouca madeira para construção, a maioria das casas era feita com tijolos.

Jão, então, aceitou trabalhar para eles em troca de comida e de um canto para dormir. Precisava sobreviver até surgir uma oportunidade de ganhar dinheiro. Poderia deixar para mais tarde o sonho de cortar pedras e ficar rico. Assim, iniciou a aprendizagem de mais um trabalho.

Nunca havia imaginado trabalhar numa olaria, cavar buracos nos banhados para retirar barro visguento e carregar no carro-de-boi que seguia cantando nos eixos até o pátio da olaria; descarregar e misturar com argila, amassar, colocar nas fôrmas; deixar ao sol para secar, queimar num grande forno e retirar os tijolos prontos para serem vendidos.

Pouco sabia; precisava aprender muito. Começou cavando o barro e carregando a carroça. Passava o dia

com os pés na lama. No final da tarde, com o corpo enlameado e dolorido ansiava por dormir uma noite inteira. Porém, nem sempre conseguia descansar, pois, muitas vezes, tinha que passar a noite aticando o fogo na boca do forno.

Os filhos do patrão, encarregados do trabalho noturno encontravam motivos para fugir da responsabilidade, deixando João no lugar deles. Um se dizia gripado, outro sentia uma indisposição e sumiam para alguma festa.

Mesmo quando um dos 'homens' passava a noite na olaria, acordava o João se dizendo indisposto, sem condições de trabalhar. Em consequência, o 'empregado' que tinha trabalhado o dia inteiro carregando barro virava a noite alimentando o fogo. Dava apenas uma cochilada recostado à parede do forno. Para piorar, na manhã seguinte, o preguiçoso mentia dizendo que passou a noite trabalhando e nem viu o 'empregado', que dormia no quartinho dos fundos. João, então, coçava os olhos sonolentos e carregava barro durante mais um dia.

Os filhos do patrão se aproveitavam para colocar alguém fazendo o trabalho, enquanto iam dormir ou ficavam por ali olhando, orientando e corrigindo. De certa forma, se divertiam com o desconhecido que se ofereceu para trabalhar. Nem mesmo se interessavam pelo nome dele; apenas mandavam trabalhar direito.

Durante o período inicial, o trabalho era tanto que João nem reparava nas pessoas da família, quem fazia o que, quem fabricava, quem vendia, quem mandava, quem obedecia. Até porque, isso não era problema dele. E

nem tinha interesse de saber. Tinha o que comer, tinha onde dormir. Que mais ia querer?

Porém, passada a canseira e mais adaptado ao trabalho noturno, algumas coisas ficavam evidentes: os homens mandavam; as mulheres obedeciam. Os piores serviços, aqueles bem cansativos, eram, quase sempre, executados pelas mulheres: colocar o barro no cincho, passar a traça, limpar as rebarbas dos tijolos antes de serem colocados no forno para queimar, encher o forno, acender e manter o fogo durante o dia e retirar os tijolos queimados. Os homens lidavam com as carroças, negociavam e ... guardavam o dinheiro.

As labutas tomavam todo o seu tempo e consumia todas as energias. De que adiantava passar a vida nessa correria só para ter o que comer? Por isso, estava arquitetando cair fora e procurar coisa melhor.

No domingo, que era o único dia de folga, saiu para conhecer a região adiante às margens da estrada. Tinha andado poucos quilômetros quando avistou uma outra olaria. Assim de longe, dava para ver que era bem mais organizada. Chegando perto, viu que, ao lado das pilhas de tijolos, havia uma longa pilha de telhas-meia-cana, como aquelas que cobriam a casa do dono da olaria em que ele estava trabalhando. Enquanto admirava a ordem e a novidade, percebeu que havia alguém no barracão.

Foi até lá e se apresentou. Soube, então, que aquele senhor era o dono da fábrica e que se chamava Manoel.

— Sei que você tá trabalhando na olaria do Dilceu. E que tá chegando de fora.

— Tô vindo do Sul – confirmou Jão. Procurou falar pouco, para evitar confusão com a família que o acolheu.

O senhor grisalho também media as palavras como quem tateia no escuro. Afinal, conversava com o rapaz pela primeira vez; nem sabia dos interesses e das intenções dele.

— Vejo que anda reparando tudo com interesse... Tá gostando daqui?

Jão desviou o olhar. De fato, esteve observando atentamente o pátio, as instalações, as pilhas de telhas e as de tijolos, sempre imaginando como seria o movimento por ali nos dias de trabalho. Via muita coisa diferente do que já conhecia no local em que estava trabalhando.

— Bem arrumado. Tudo quieto.

— É. Nos domingo. Durante a semana, sempre tem barulho, gente andando pra todo lado. Os boi rolando o amassadô, o carro-de-boi cantando nos eixo, gente cantando ou falando... – justificou o senhor.

Jão voltou a olhar para um enorme pião deitado sobre um chão redondo de cor escura, bem curioso por saber para que servia aquilo. O senhor aproveitou todo aquele interesse para dar continuidade à conversa.

— Parece que o moço gostou do amassadô...

— Amassadô? De amassá barro?

— Isso mesmo: um amassadô de barro. Invenção do meu filho – esclareceu o dono da olaria.

— Intão, num percisa mexe o barro c’a inxada... nem pisotιά?

— É. Lá no Dilceu, tudo é feito a muque, com pá e enxada. Aqui, a gente também fazia assim até pouco tempo atrais. Vamo lá vê a engehoca de perto?

O senhor Manoel levantou-se do banco em que estava sentado e, enquanto caminhava, saiu explicando tudo:

— O tronco rola puxado pelo boi. Prende o cambão nesse exo. Antes, coloca o barro na pista e joga água pra amolecê. Veiz im quando, pára o boi pra ajunta a massa que sí’sparrama demais...

Jão atentava para cada detalhe: a ponta do pião presa por uma corrente grossa com desenrolador, o tronco com vergões para quebrar os torrões, ... De fato, facilitava o trabalho de misturar e de amassar o barro.

— O barro pra telha é o mesmo do tijolo?

— Tem de sê melhó, sem grumo, bem amassado, massa bem macia, que é pra podê moldá – explicou o oleiro.

— Coloca no cincho, como tijolo?

— Primero, coloca a massa no chincho, como se fosse um tijolo... só que bem raso, de mais ou menos um centímetro de fundura. Corta c’a trincha e arrasta pra cima da fôrma, pra arredondá e pra dá acabamento – e andando para onde ficavam as mesas usadas na moldagem de telhas e de tijolos – Veja: o chincho pra tijolo é mais estreito e alto; o chincho pra telha é baxinho e mais estreito na banda de cima da telha.

Jão arregalava os olhos e aguçava a audição para captar melhor as explicações. Mesmo assim, era muita

novidade de uma só vez. Mal conseguia entender o que foi dito, já surgiam dúvidas e perguntas.

— Vocês usa cinza?

— É. Misturada c'areia, pra ficá mais solta, pro barro não agarrá.

Uma coisa é ouvir explicações; outra, é fazer. Se pudesse ver como fazia, poderia entender melhor... quem sabe? Por ora, parecia bastante e já estava tarde. Fez menção de sair e foi então que o dono da olaria indagou:

— Quanto o Dilceu te paga?

Jão tinha vergonha de dizer que trabalhava pela bóia. Queria evitar aquele assunto. E foi bem entendido:

— Sei. Problema teu. Não tenho nada com isso... Mais, se interessá, posso paga o salário... E você pode arranja acomodação com algum peão – propôs.

— Agradeço... Mais, tô lá, dei a palavra – ponderou Jão.

— Isso mostra o valor de uma pessoa... – declarou o dono da olaria.

Durante o retorno, o rapaz ficou imaginando como seria morar de pensão na casa de um outro camarada. Se, de um lado, receberia dinheiro, de outro, pagaria pensão, teria de comprar roupas, calçado, ... O que sobraria? Estava trabalhando de agregado de uma família, ainda não como um filho adotivo, mesmo que fosse o mais desvalido deles. Em consequência, pouco cobrado; bastava que trabalhasse no ritmo molenga deles. Para trabalhar em uma olaria bem organizada, teria horário e tarefa medida para merecer o salário.

Durante a semana, quis aprender a fazer tijolo. Se comprovasse habilidade, poderia fazer figura. Chegar lá sem essa experiência seria um desastre. Passou a segunda-feira alinhavando um plano para convencer o patrão de que poderia deixar de coletar barro por uma hora e aprender a fabricar os tijolos. No início da manhã de terça-feira, propôs:

— Já tem bastante barro amassado e eu podia aprendê outra coisa...

O patrão levou um susto. O que pretendia o rapaz? Estaria querendo trabalhar ou ... Quem montava os tijolos eram as mulheres, as filhas dele. O rapaz estaria de olho nas moças? Cismou um pouco e quis desbancar o conquistador.

— Tamém tô folgado e posso te ensiná.

Jão, ao contrário, se sentia muito mais à vontade podendo aprender de um homem do que ser ensinado por uma mulher. Seria humilhante. Assim, sem os travamentos da timidez, aprendeu com muito mais facilidade.

— Fáci... sem pobrema... ligerinho.

O aprendizado durou menos que uma hora e o bom desempenho agradou até ao patrão, pois, num momento de apuro, poderia colocar o agregado na fabricação dos tijolos. Entretanto, começava a escassear o barro sovado e esse foi um bom motivo para mandar o rapaz de volta ao barreiro.

Daquele dia em diante, vez por outra, Jão metia a mão na massa e fabricava uma leva de tijolos. Às vezes,

trabalhava ao lado das mulheres e com elas conversava alegremente. Logo, teve confirmada a opinião dele de que elas trabalhavam a cabresto e que detestavam o serviço. Obedeciam porque deveriam obedecer; reconheciam o mando dos homens e aceitavam o jugo. Se queixavam de dor nas mãos e da pele carcomida pela argila molhada.

Depois de umas semanas em que trabalhou algumas horas, sentia – ele também – as mãos no vivo, sangrando a ponta dos dedos. Essa era uma das reclamações delas. Além da dor nas costas, nos tornozelos e nos pés de ficar tanto tempo em pé, fazendo força. Foi daí que imaginou o que seria trabalhar dez horas naquela posição e com meta de mil tijolos por dia. Cansava só de imaginar, que dirá se de fato tivesse trabalhado uma única vez por dez horas seguida, batendo a massa no cincho, passando a régua, carregando e depositando os dois tijolos no chão para enxugar; empoeirar o cincho, juntar o barro, encher a fôrma dupla do cincho, ... repetindo eternamente aquela rotina.

Pensava durante o dia, pensava muito mais à noite. No barreiro, cavando a trincheira ou carregando a carreta, enchia as mãos de calos e suportava o sol, o frio e a chuva. Trabalho pesado, exaustivo. Nas mesas, cansava ainda mais. E gastava as mãos na massa. Se ali, que trabalhava sem pressa e sem empreitada diária, moeria o corpo em duas passadas, se desgastaria muito mais na outra olaria, onde deveria trabalhar muito mais e controlado pelo patrão. Se quisesse continuar

vivo, deveria voltar para a estrada e continuar procurando quem lhe ensinasse a cortar pedras.

Trabalhou mais duas semanas, enquanto enchia bem a barriga para ter forças de seguir em frente, procurando a fartura para fazer riqueza. Foi juntando as poucas coisas que tinha e, no amanhecer do domingo, ganhou a estrada mais uma vez.

A FORTUNA ESTAVA MAIS ADIANTE

Ao reiniciar a caminhada, prometeu a si mesmo que seria mais esperto. Logo de chegada, deixaria claro que, além de comida e descanso, o trabalho dele deveria render algum dinheiro. Precisava comprar roupas novas, pois as suas estavam gastas e desbotadas. Além disso, se quisesse ter algo de seu, precisava guardar parte dos pagamentos para comprar um pedaço de chão, construir uma casa, (quem sabe?) formar uma família.

La remoendo essas ideias quando alcançou uma carroça carregada de lenha. Os bois se esforçavam sem conseguir vencer a ladeira. O homem gritava e batia nos animais, mas, em momento algum, colocava a mão para ajudar.

Sem ser visto pelo carreteiro, João colocou a trouxa sobre o barranco e juntou toda a sua força juvenil para colaborar com os bois que estavam sendo maltratados.

Ainda com alguma dificuldade, as rodas voltaram a cortar o chão úmido da estrada e, em poucos minutos,

venceram a ladeira. O carreteiro, então, ordenou uma parada para o descanso dos bois, que ainda tinham pela frente um trecho bem inclinado de estrada. Só aí, deu pela presença do estranho e entendeu o que havia acontecido.

Depois de muito conversar, o homem quis saber quem era o rapaz, donde vinha e para onde ia. Jão contou o resumo do período recente de sua vida e disse, entre risos, que seguia pela estrada, esperando encontrar dinheiro.

— Dinheiro caído do céu? Nunca vi chovê dinheiro...

— Não dinheiro caído do céu; dinheiro ganho com meu trabaio. O senhô sabe de alguém que paga bem?

— Se alguém pagá bem, tamém eu vô trabaia pra ele. Mais, inté posso pagá uns trocado, se vancê tivé disposto a trabaia por dia.

— Tô percisando... – confessou Jão, quase que implorando uma oportunidade.

O homem olhou para ele, medindo o tamanho do corpo, avaliando a força e calculando o quanto poderia render o trabalho do rapaz. Fazia isso pensando o quanto poderia pagar para sair no lucro. De repente, interrompeu os cálculos, porque se lembrou da jornada que ainda tinha pela frente. Retomou o comando sobre a junta de bois, que se puseram a andar lentamente.

Jão acompanhou com os olhos o movimento pesado da carroça que andava fácil naquele trecho plaino. Depois, sem pressa, foi até o barranco, ergueu a trouxa nos

ombros e continuou a caminhada atrás da carroça até o primeiro tope, onde as rodas emperraram mais uma vez. Aí, passou pela beirada da estrada e ia seguindo adiante quando o homem se deu por vencido.

— Tá bem. Lhe dô déis mirréis se quisé ajudá a empurrá o carro...

— Combinado.

O Sol chegava a pino quando encostaram na varanda do paiol. Os bois e os dois homens estavam exaustos e sedentos. Liberados da canga, os animais trotaram até o arroio e beberam demoradamente. Os trabalhadores foram até a bica d'água que descia do morro, refrescaram o rosto e saciaram a sede. Apesar de ainda ser agosto, o calor amolecia as forças. O ar abafado prenunciava tempestade.

Da casa do colono, vinha o cheiro do feijão temperado com pé de porco. Jão ficou na expectativa de que seria convidado para o almoço. Espiou por sobre a porteira e percebeu que a cozinheira esbravejava ao perceber a presença do estranho, bem na hora da refeição. O marido deve ter percebido também, porque gritou de longe:

— Muié, bota mais um prato na mesa que contratei um camarada.

Ela sumiu da vista e os dois escutaram o barulho das tampas das panelas caindo; pouco antes das crianças saírem em disparada pela porta dos fundos da cozinha. O marido fingiu não ver nem ouvir. Pendurou o velho chapéu de palha num prego fincado na parede e jogou as botinas na sombra do beiral. Ao transpor a porta,

voltou-se e fez sinal com a mão para que o rapaz também entrasse.

Os dois comeram sozinhos e em silêncio. A mulher havia sumido com seus filhos e com sua raiva. De barriga cheia, os dois voltaram para a varanda do paiol, onde sestearam por uma meia hora. Depois, foram descarregar a lenha.

O combinado era empurrar a carroça a troco de dez mil-réis. Para pagar a comida, João, de bom grado, trabalharia até o fim da tarde. Entretanto, essa poderia ser uma cilada, porque seria hora da janta e, depois, haveria o pedido de pernoite. Por isso, tão logo empilharam a lenha, o homem enfiou a mão no bolso e entregou o dinheiro combinado, indicando que a janta e o canto para descansar teria de ser procurado mais adiante.

O jeito foi erguer a trouxa e continuar a caminhada.

Logo adiante, havia outra casa de colono. Nessa, João chegou para pedir pouso. Pediu apenas permissão para dormir na estrebaria, junto com as vacas de leite.

Oferecia em troca, a vontade de trabalhar no dia seguinte. O dono da casa olhou bem para ele e, depois de analisar os riscos de abrigar um estranho, permitiu o pouso, contanto que não acendesse fogo, pois temia por um incêndio no feno seco.

João se instalou na palhada de milho e já cochilava quando escutou passos se aproximando e a tramela girar. A porta rangeu nas dobradiças e um fecho de luar entrou junto com o homem. Ele estava apreensivo com a presença do desconhecido. Como desculpa pela

espionagem, trouxe um prato cheio de comida. Enquanto, o faminto comia, o proprietário se assegurava da boa índole do hóspede. Assim, um acabou com o temor e o outro, com a fome. Depois, ambos dormiram sossegados.

As coisas aconteceram de forma semelhante ao ocorrido na olaria, em que chegou para pedir pouso e foi ficando, ficando... Ajudou a roçar os poteiros, a queimar uma roçada para plantar milho e feijão e consertou cercas. Trabalho sem continuidade; fazendo um pouco hoje, outro pouco amanhã. Sem contratar tarefas nem combinar salário. Ia ajudando no que trabalhavam, comendo o que ofereciam e dormindo no palheiro, todas as noites e durante os dias de chuvas quando não tinha o que fazer.

Sobrevivia, apenas. O tal do dinheiro que esperava encontrar não apareceu. As roupas rasgaram mais um pouco, as solas das alpargatas afinaram ainda mais, o cabelo e a barba continuavam crescendo sujos e desleixados como pelo de graxaim. Mais parecia um mendigo que um jovem vigoroso e cheio de planos...

PERNA QUEBRADA

Quando já planejava garrar estrada para outras sortes, apareceu uma oportunidade de mostrar serventia. O cunhado do dono da casa caiu do cavalo e quebrou a perna direita, um palmo acima do calcanhar. Com as canelas na tala, mal podia se arrastar de lá pra cá, acudindo alguma situação imediata. A mulher corria de

um lado para o outro, com duas crianças choramingando atrás dela e com outra no colo, caçando a teta que fugia da boca ao sacolejar dos passos apressados.

— O dia tá de chuva memo i num tamó fazeno nada... Vamo dá ajutório pro coitado do Zé Grande, que anda meio atrapaído das perna – propôs o dono da casa.

— Simbora. Otro dia, posso, tamém eu, tá de perna quebrada...

Só foi o tempo de amarrar a trouxa de roupas e de preparar algumas ferramentas que, com certeza, seriam de grande valia, e amassaram barro até a localidade de Caipora, que era onde morava o tal cunhado acidentado. O chão da estrada estava liso. Por isso, andavam a passo curto, mesmo assim, derrapando. A viagem curta ficou comprida, demorada. Mas, chegaram com alguma vontade de trabalhar.

Muito trabalho esperava por eles. Cercas caídas, gado com fome, goteiras na casa e nos paióis, milho para colher inchando com a umidade e inço tomando conta das roças. Naquela primeira tarde, só acudiram urgências. Continuaram as emendas no dia seguinte, que era o dia de voltar pra casa. Mas... havia muito que fazer ainda e Zé Grande, o tal cunhado de perna quebrada, propôs e João aceitou arrancar por ali para endireitar o eito. Sem garantir pagamento, pois a crise impedia ganhos.

Depois do acerto, o cunhado do cunhado, que era irmão da dona da casa, voltou para a morada dele, com antecedência suficiente pra chegar em casa antes da

noite. Retornava satisfeito por ter encontrado alguém para ajudar a irmã nas lidas que, devido ao acidente do cunhado, acabavam dependendo dos sacrifícios da pobre coitada. E aliviado por encontrar uma ocupação para o rapaz, pois havia pouco serviço para conseguir manter um empregado.

Tinham ido lá para trabalhar durante um dia, por isso, João apenas fez o que mandavam, sem se preocupar em aprender os serviços. Agora, consciente da responsabilidade que deveria assumir, procurou prestar atenção nas tarefas que dona Marisa executava, para que, a partir daí, soubesse fazer sozinho. Havia detalhes e rotinas que precisavam ser seguidas à risca. O Zé Grande poderia explicar outras vezes, entretanto, sem acompanhar os trabalhos, pois a perna presa nas talas de madeira precisava ser preservada para que pudesse melhorar logo, sem recaídas ou outras fraturas.

Depois de tirarem o leite das vacas e de trancar as galinhas a salvo dos gambás, se lavaram na bica do tanque, jantaram e foram dormir, pois, estavam exaustos.

Na manhã seguinte, dona Marisa saiu da cama muito cedo, para coar o café para o marido e preparar o mingau das crianças. Depois, iniciaram as lidas campeiras, com a patroa mostrando como desejava que os trabalhos fossem feitos. Aos poucos, João garrou gosto pelas tarefas e se afeiçãoou aos animais, que deveriam ser tratados com carinho, sem agressões.

Além dos afazeres diários, as roças necessitavam de cuidados. Começaram a arar a terra para o plantio de feijão, de milho e de mandioca. Mesmo que os patrões procurassem colaborar, o trabalho pesado mesmo ficava a cargo dele. Jão aprendia na prática e se esforçava para fazer tudo bem feito. Por isso, passava o dia no eito, retornando apenas ao anoitecer.

Num desses crepúsculos quando voltava da roça, percebeu ainda de longe que havia uma movimentação diferente, algo estranho no ar. Reparando no chão da estrada, identificou sinais de chegada de visitas, pois, reconhecia os rastos de duas cavalgadas, acompanhadas das pegadas de um cão. Ao passar pelo patrão, soube que um velho amigo deles veio arrancar no fundo do potreiro, ao lado do corguinho. Logo, imaginou ser alguém com hábitos parecidos aos de uma pessoa que ele admirava muito: o Peregrino. Porém, precisava cuidar dos afazeres antes que a escuridão escondesse as coisas e acabou esquecendo-se da novidade.

Qual não foi a surpresa dele, na manhã seguinte, quando o mestre artesão apareceu na estrebaria em que ele tirava o leite das vacas? Que alegria rever uma pessoa com quem tinha aprendido muito! Logo, na cabeça dele, formaram fila as perguntas que queria fazer e as aprendizagens tão necessárias naquele momento em que precisava assumir a própria vida, ganhar dinheiro, se estabelecer, talvez formar família. Começou sugerindo que talhasse uma canga mais leve para a junta de bois, pois a em uso, além de pesada, não

assentava direito no cangote e escorregava, impedindo que fosse aproveitada a força total da tração animal.

Havia ainda a dificuldade de lidar com as vacas. A família dos patrões não costumava amansar as novilhas antes de nascer a primeira cria. A maioria das novilhas era criada solta nas invernadas e recolhida após o parto e, não raro, nessa ocasião, conheciam o jugo da corda. Por isso, as vacas, mesmo depois de velhas, continuavam arredias, ariscas, até. Precisavam ser tocadas para dentro da estrebaria e logo amarradas. Mesmo acorrentadas, se assustavam com qualquer estalo e tinham comportamento irritadiço. Tinham muitas manias e criavam bardes.

— É que sempre foi assim. Pra eles, toda vaca dá coice no balde, corneia o tratadô, ... Nunca viram diferente – ponderou Peregrino.

— De fato, os patrão num tem culpa de num sabê...

— Pois é. Quem mostrô pr'eles que o animal aprende? E até com facilidade. O gado tratado com jeito e calma, fica manso, disciplinado e aceita as orde...

O peregrino foi explicando como se deve fazer para ensinar os animais a se comportarem como desejamos. Tudo iniciava com os terneiros acostumados à corda desde pequenos, treinando e repetindo, conversando com eles, fazendo agrados, premiando quando correspondiam aos ensinamentos. As vacas dali agiam e reagem como animais selvagens presos numa hora de grande insegurança, que é a hora em que nasce o primeiro filho. Por não terem sido domadas, apresentavam comportamento agressivo e acabavam

sendo maltratadas, como se tivessem culpa por se defenderem.

— Todo animal criado solto, sem limite, vira bravio e tem de sê domesticado como se fosse selvagê. Os gaúcho chamam de gado alçado – explicou.

Assim, iniciou mais uma temporada de aprendizagem. Apesar da trabalhadeira de todo-dia e das canseiras acumuladas, João ainda arranjava tempo para dois dedos de prosa com o Peregrino.

Além de cuidar das roças e do gado, João recebeu a incumbência de plantar as sementes e as mudas de árvores trazidas de longe por um primo do patrão. Havia sementes de árvores frutíferas comuns e mudas de espécies que já não nasciam por conta própria naquelas encostas, como cedro, guatambu, maracanã, tarumã, sobraji e canela.

Zé Grande tinha aprendido a plantar árvores com um doutor, que recomendou que fizesse um buraco quadrado de dois palmos de fundura, enchesse de adubo, plantasse a semente ou a muda de árvore bem no meio e, por último, molhasse bem. Seguiu à risca essas recomendações, no entanto, a maioria das plantas morria; umas logo, outras, depois de meses plantadas. Mesmo assim, seguia utilizando o método, pois julgava que o problema era ele, que tinha ‘mão ruim’.

Depois de uma chuvarada que deixou as roças encharcadas, João recebeu a incumbência de plantar as sementes e as mudas de árvores, em um terreno junto à fonte de água, uma encosta imprópria para lavouras

e da qual o gado deveria ser mantido distante por razões de higiene.

Cantarolando alegremente, João carregou para lá as ferramentas, sementes e mudas. Já havia cavado alguns buracos quando Peregrino interrompeu a cantilena com um boa-tarde. Depois dos cumprimentos costumeiros, João continuou a cavar buracos, enquanto Peregrino balançava a cabeça em sinal de desaprovação. Para interromper o que considerava errado, perguntou:

— Por que você cava um buraco tão fundo?

— Pra plantá as árve.

— Mais, pra que tão fundo?

— Sei lá. O patrão mandô fazê assim...

— Imagino que ele sempre plantou assim e as árvores sempre cresceram com facilidade... – insinuou Peregrino.

João se escorou no cabo da pá e franziu a testa. Como dizer que poucas plantas sobreviviam ao transplante? Ia voltar ao trabalho, quando foi novamente interrompido.

— Você já viu uma árvore plantando a semente ou um ramo dela?

Aí, era demais: árvore plantando árvore. Só poderia ser doideira. Ou gozação. Tudo bem que as gralhas enterrassem sementes para comer depois e que, por não lembrarem mais onde foi que enterraram, acabassem esquecendo e as sementes germinassem... Mas, árvores plantando árvores... Ia dizer isso, mas

faltou coragem, pois o homem parecia saber bem mais que ele. Melhor se fazer de bobo.

— A árve? Ela mesma?

— Sim. A maioria das árvores nasce sem a ajuda de ninguém.

Jão pensou um pouco e concordou consigo mesmo: só umas poucas árvores eram plantadas por gente; as florestas surgiam e cresciam sem que nelas morasse alguém. Ele mesmo tinha trabalhado muito para acabar com o inço e que as árvores que nasciam e cresciam nas roças e nos potreiros no tempo em que ‘esquentava os pés da velhinha’. Ele não seria louco de semear inço. Nem plantava capororoca ou grãdiuva no meio da mandioca, do feijão ou do milho. Também nunca viu os vizinhos plantarem. Então: como é que o mato cresce mais que a lavoura?

— De fato. O mato nasce sozinho nas roça... Ninguém percisa plantá...

— Então, você acredita que as plantas podem se reproduzir sem nossa ajuda?

— Parece.

— Pois é. E como elas fazem para se reproduzirem? Compram uma pá e cavam um buraco quadrado, enchem de estrume e de água?

Jão sabia que isso seria um absurdo. Entretanto, ainda não sabia como as árvores plantavam suas filhas.

— Não. Nunca.

— Pois é: árvores não precisam cavar buracos – instigou Peregrino.

De fato, as árvores não cavam covas, não recolhem estrume, não se abaixam para colocar as sementes e não molham a plantação. Mais que isso: as plantas que nascem por conta se desenvolvem bem melhor que as que cuidamos. Já jamais havia pensado como agem as árvores para espalhar as sementes e para aumentar a floresta. Arriscou um palpite:

— Nasce as semente que cai em algum buraco de tatu...

— Procure por planta nascendo no meio do mato, nas roça, nos potrero, ... Vai vê que tão bem por cima da terra, em algum lugar que tem folha caída, meio úmido.

— De baxo das árve, tudo bem. Mais, como que chega nas roça a semente?

— Os passarinho e o vento carrega as semente... Se o passarinho engolí, aí, nasce com mais facilidade.

— Parece que é assim que acontece... Mais, porque as planta dos buraco morre e as da roça só morre carpindo em dia bem seco?

— Na roça, no mato e nos potrero, a água da chuva escorre. Nas cova funda, pára água da chuva e água jogada ali, que apodrece as semente e corte as raíz.

— Corte as raíz? Como assim?

— Água demais é tão ruim quanto a falta. No chão encharcado, as semente e as raíz apodrece – explicou o mestre artesão.

— I agora? O patrão mandô cavá um buraco medido, colocá estrume, ... Que é que eu faço?

— Faiz o que quisé. O homem nem tá vendo. Fosse eu, removia um poco o chão c'a enxada, colocava a semente e cobria com poca terra, mais um punhado de folha. P'ra muda pronta, cavava um poco mais fundo, mais, dexando uma valinha pra escorrê a água da chuva.

— O patrão pode embraba...

— O patrão só vai vê depois que a perna sará. Até lá, as planta tão grande e ele vai gostá.

Jão concordou com Peregrino. Era só fazer. E dava muito menos trabalho do que cavar um baita buraco, meter esterco até a boca e, ainda carregar água de longe. Num instante, plantou tudo e retornou com cara animada, pois acreditava nas palavras do mestre. Guardou as ferramentas e foi cuidar do gado. As mãos cuidavam dos afazeres para terminar a lida diária e descansarem. Porém, a cabeça continuou cheia de temores, de dúvidas e de perguntas.

Se desse tudo errado? Será que o Peregrino já tinha plantado árvores do jeito que falava? Deveria ter feito como o patrão mandou. Se arrependia de ter feito diferente. A mentira pesava na consciência. Pensou até em voltar lá no mato, cavar os buracos, colocar o estrume que estava amontoadado, ... O estrume? Como que o Peregrino plantava sem estrume que é como todo mundo planta? Essa última pergunta atrapalhou o sono; passou a noite aguardando o amanhecer para perguntar diretamente ao Peregrino.

— O senhô tem certeza que não percisa colocá estrume no buraco como o patrão mandô fazê?

— Foi o Zé Grande que aprendeu por experiência a colocar estrume ou alguém falou isso pra ele? Ele já plantô alguma árvore sem fazê buraco fundo e sem colocá estrume? As árvore plantada em buraco fundo e com adubo desenvolveram bem? – questionou Peregrino.

— Não sei. Só sei que ele insistiu que eu devia caprichá no buraco quadrado de trinta centímetro de largura, trinta de comprimento e trinta de fundura. Disse ainda para misturá o estrume com um pouco de terra bem soltinha, dessa que se forma debaixo das folha seca. Só depois é que deveria plantá a semente ou a muda – declarou João. Como é mesmo que o senhô fazia?

— Eu e a natureza. Pra plantar qualquer coisa, mexo pouco na terra. Faço só uma covinha, planto, cubro c’a terra que tirei e não molho no dia. Só molho um dia depois.

— E não coloca estrume?

— Coloco depois que a planta tá bem pega; coloco ao redor, longe assim (e mostrou com os dedos), onde avança as raiz mais fininhas, que é as que coleta a água e a gordura da terra.

— As raíz não cresce pro fundo? Não era lá que deveria colocá estrume?

— As primera raiz serve pra alimentá a plantinha. Só depois é que espicha as raiz funda e o pavio pra firmá a árvore, pra guentá vento e tempestade. Precisa

crescê devagar, bem rija. O estrume no fundo do buraco faiz crescer rápido, pra cima, quando a planta tá ainda meio bamba. E mais: quando falta chuva, o primeiro a secá é o estrume.

— Então, planta só na terra e depois aduba? Milho, feijão, ...

— Dá trabalho, mais... é o mais certo. O estrume é importante para a formação dos grãos, dos frutos. E tem de sê estrume velho, curtido. Estrume novo esquenta muito e pode queimar as raiz.

Pela primeira vez, precisou se esforçar para acreditar no mestre que tanto admirava. Ia deixar as plantas como estavam, sem nada dizer ao patrão. E ia bombear de vez em quando para ver o que aconteceria. Tinha um bom tempo para isso, pois o Zé Grande custava para firmar o pé no chão e dona Marisa nunca se metia mato adentro e nem se interessava pelas plantas que o marido tinha ganho de um primo que veio de longe.

No entanto, mesmo sem molhar, as pequenas mudas de árvore se mantiveram verdes e iam soltando novas folhas. Depois de umas semanas, também as sementes germinaram. Então, concluiu: o Peregrino sabia das coisas. Mas, como contar tudo para o patrão?

Jão estava tão entusiasmado com o desenvolvimento das plantas que acabou esquecendo de colocar estrume ao redor delas. Quem ajudou a lembrar foram as próprias plantas, que, no começo, cresceram bem, entretanto, com o tempo, pareciam ter parado de crescer. Foi aí que Jão recordou das palavras de Peregrino: “Coloco depois que a planta tá bem pega;

coloco ao redor, longe assim (e mostrou com os dedos), onde avança as raiz mais fininhas, que é as que coleta a água e a gordura da terra.”

Colocou o esterco e continuou acompanhando o crescimento das pequenas árvores até o dia em que Zé Grande comentou:

— Você nunca me fala das árve que o primo trouxe de longe.

— Tão bem grandinha. Arresistiro bem neste verão seco.

Jão pensava consigo mesmo na grande lição: “As árvores não se abaixam, cavam o chão e não colocam sementes dentro de buracos.”

Bem antes disso, Peregrino já havia levantado acampamento, depois de atender todos os pedidos que recebeu. Aos poucos, Zé Grande perdeu o medo de caminhar e até de correr. Voltou a montar no cavalo e assumiu de vez o lugar de homem da casa. A safra estava colhida, o inverno se instalava e o serviço diminuía. Jão percebeu que era tempo de retomar o próprio caminho. Porém, estava sem ideia; sem ter para onde ir.

A situação estava madura; os três aguardando apenas uma oportunidade para liquidar a empreitada. Foi quando o Jairo apareceu com proposta de serviço. Ele conhecia e até negociava com Zé Grande e sabia de há muito que Jão estava sobrando e que precisa trabalhar para ganhar uns trocados. Poderia servir muito bem como ajuda na colheita da cana e na fabricação de açúcar e de cachaça.

— O inverno tá chegando. É época boa pra fabricá cachaça e tô com muito trabalho. Você bem que podia liberá o rapais... – comentou Jairo.

— Vem em boa hora. Tô bom da perna e escasseia o serviço nessa época do ano. Pra mim, ele pode ii hoje mesmo.

Jão foi chamado e fizeram os acertos. Tinha passado um ano ajudando a família. Precisava trabalhar; precisava ganhar dinheiro para começar a vida adulta.

— Tô sempre disposto a trabaiá... Mais, perciso ganhar dinheiro. Até agora, trabaiei só pela boia...

— Poisé. Além da cama e da boia, podemo pagá um tanto, mais tarde, quando começa a venda de açúcar e de cachaça. Tudo vai dependê da safra.

— Topo. Mais, tô percisando ganhá dinheiro meu. I bastante – afirmou Jão.

— Mais... enquanto isso... pode ganhá uns trocados – ponderou Jairo.

— Quero mesmo é cortá pedra que dá muinto dinheiro.

— Você sabe cortá pedra?

— Esse é o pobrema. Primero, perciso aprendê.

— Vamo fazê assim: você trabalha c’a gente e, depois da safra, te ensinamo a cortá pedra. Se você ainda quisé...

O pouco que Jão possuía estava num canto do quarto. Foi só o tempo de fazer a trouxa e de se despedir da família. De novo a caminho, começava mais uma etapa da vida.

AÇÚCAR

Aquela família fabricava açúcar mascavo e cachaça. Sempre havia muito serviço. Com os filhos ainda pequenos, o Jairo e a Liene contrataram o rapaz para ajudar na safra de cana-de-açúcar.

Jão nunca havia imaginado trabalhar num engenho, espremer a cana para extrair o caldo, ferver a garapa, fabricar o açúcar ou destilar a cachaça. Pouco sabia, mas poderia aprender mais. Sabia picar a lenha, acender o fogo e manter as brasas. Por isso, se prontificou a trabalhar no que sabia e, também, aprender a cortar e a transportar a cana. Logo adiante, aprenderia a trabalhar diretamente no engenho.

Pela primeira vez, via os patrões trabalhando junto. No sítio da velhinha, era ele quem fazia tudo; na olaria, cavava e carregava o barro sozinho; Zé Grande estava descontentado de uma perna e não podia acompanhar nas roças. Agora era diferente: os patrões trabalhavam lado a lado com ele, sem distinção de tarefa. Sentiu-se valorizado. Por isso, se esforçava ainda mais para fazer tudo com capricho.

A parte ruim ficava por conta das folhas da cana, que cortavam com muita facilidade. Era só passar as mãos, os braços ou o rosto na beirada da folha e já ficava um risco de sangue na pele. Cortava ao deslizar de cima para baixo. Por isso, deveria ter mais cuidado ao se abaixar para segurar a cana ou descer a lâmina do facão sobre a touça. Também poderia se cortar ao

carregar os feixes de cana. Mesmo cuidando, ainda se cortava muito.

A cana era decepada e transportada até o paiol para retirar as folhas e os ponteiros usados para formar novas mudas. O que sobrasse servia para alimentar o gado. As canas maduras eram empilhadas ao lado da moenda, até formar um estoque suficiente para encher o cocho de garapa. Precisava recolher bastante lenha seca também. A falta de lenha ou a lenha molhada poderiam pôr a perder toda tachada de garapa.

Então, se até a noite estivesse tudo preparado, eles levantavam cedo na madrugada seguinte para prensar a cana e fabricar o açúcar. Os bois eram colocados para puxar a almanjarra que fazia girar as engrenagens da moenda. Nessa empreitada trabalhavam, no mínimo, duas pessoas. Quase sempre Jão tocava os bois, seo Jairo metia a cana nas gretas da moenda e dona Liene retirava a garapa, que colocava no tacho para ferver. Quando um dos patrões tinha de atender outro compromisso, os outros dois se revezavam nas tarefas. Além de aprender como fazer, Jão se interessava pela administração do engenho.

— Quando se deve fazê açúcar e quando se deve fabricá cachaça?

— Nos dia muito quente, não dá certo fazê cachaça, porque o calor estraga a fermentação – falou dona Liene.

— Cachaça, só no inverno. É mais garantido. Fora dessa época, o tempo pode virá de repente e se perde a garapa – explicou seo Jairo.

— Ah! Então, não se colhe cana no verão?

— Até se colhe. Problema que a cana teria de sê plantada bem cedo, ainda no meis de julho. Mais, aí, demora a crescê e pode dá uma geada no tarde matando as planta.

— A cana-de-açúcar amadurece conforme o tempo que foi plantada; pode ser o ano inteiro. Mais, pra fazer cachaça, tem que sê no inverno. Então, melhor planta mais tarde, em setembro, outubro... – completou a patroa.

Jão ia juntando as informações e começava a entender o ciclo de produção. Quanto mais conhecia o trabalho, menos cansava e mais alegre ficava. Ele cresceu sem alguém que lhe ensinasse a fazer as coisas, sem que explicasse por que e quando fazer. Por isso, agradecia a boa vontade dos patrões e aproveitava para perguntar outras curiosidades.

— Quem é que mora naquela casa nova?

— Quanto tem daqui inté a casa da sua ermã?

— Quanto vale um terreno de planta?

— Onde se encontra semente de moranga?

Passadas algumas semanas, Jão sentia-se em condições de aprender mais uma etapa do serviço. Começou olhando de viés, disfarçando o interesse. Mais adiante, criou coragem e se aproximou do tacho. De relance, mas, sem disfarçar. Lançava algumas perguntas, quando tinha oportunidade. Satisfeito com as informações, já parava ao lado do tacho para observar

a fervura. Um dia, se aventurou a pedir para mexer o caldo.

— Tá difíci de mexê?

— Por quê? Tu tá querendo aprendê como se faiz?

— É. Quero sabê...

— Agora, não pode sê; perciso limpá a garapa.

— Limpá? Como assim? – saltou o Jão.

— Tá vendo essa espuma cum cisco por cima? Tem de tirá a espuma e esses fiapo... Se não tirá, escurece o açúcar e os fiapo agarra nos dente de quem come. Dá menos preço; ninguém qué... – explicou a patroa.

Aí aumentou a curiosidade. Como é que ele nunca tinha reparado que eles tiravam a borra que boiava com a primeira fervura? Depois de ver por um tempo dona Liene manejar a escumadeira e despejar o limo numa cabaça, Jão se ofereceu para ajudar. Percebeu logo que faltava traquejo.

— Se não tirá nessa hora, a sujera baxa pro fundo e não tem como tirá depois. Prejudica o açúcar – acrescentou dona Liene.

Depois de retirada quase toda a espuma, a patroa atçou o fogo e voltou a mexer a mistura. Logo que encaminhou o trabalho, passou a pá para o rapaz, recomendando:

— No começo, pode mexê só de veiz em quando. Depois que começá a borbulhá, procure mexê continuado, sem pará. Vô até ali e já volto.

Jão seguiu as ordens, procurando prestar atenção no fogo, que deveria ser constante. Se enfraquecesse, retardava a fervura; se aquecia demais, poderia borbulhar muito a garapa respingando para fora do tacho. Mesmo cuidando bem do fogo, o caldo começou a subir e ele já estava bem preocupado quando a patroa retornou.

— Tô cuidando de mantê o fogo baxo... Mais, o caldo tá subindo...

— Esqueci de dizê que é assim mesmo: o caldo engrossa e fica parecendo que vai entorná – justificou-se dona Liene.

— Inda bem. Pensei que tinha feito coisa errada...

— Não. Tá indo muito bem. Vai cresce ainda um pouco...

Dona Liene pediu a pá de madeira que ela queria sentir o ponto de cozimento, a densidade da massa. Jão observava com atenção para conseguir ver o tal de ponto de cozimento. Para ele, tudo continuava como quando começou a fervura. Então, ela, com toda paciência do mundo, mostrava a liga que ia aumentando na calda.

— Veja. Agora, escorre mais devagar que no começo. Mais, vai crescê um pouco ainda.

E devolveu a pá para que o rapaz continuasse o serviço, enquanto ela foi preparar o cocho em que seria depositado o açúcar mascavo. Antes, retirou um pouco da massa e colocou de lado para esfriar. Jão prestava atenção no fogo e acompanhava a fervura para avaliar

se ainda crescia. Depois de alguns minutos, percebeu que a massa parou de aumentar.

— Parece que parô de crescê... – arriscou.

Dona Liene veio e assumiu o comando. Também ela constatou que o caldo começava a açucarar, devido a evaporação da água.

— Agora, você retira os tição do fogo, que tá no ponto. Precisa esfrià um tanto, pra depois botá no cocho pra enxugá.

— Mais... ainda não parece com açúcar. Parece melado... – opinou Jão.

— A gente põe pra fervê e o caldo cresce. Quando para de crescê, tá no ponto. Aí, enquanto esfria, vai baixando. Mais, tem de tirá ainda meio quente, senão gruda. Veja. Aquele da colhé gruda nos dedo... Ach'que já passô do ponto de melado... Qué dizê: tem gente que qué melado mais ralo, outro prefere bem firme... Logo depois que tirá a espuma c'a sujera, já tá perto de melá. Aí, vai apurando até chega o ponto de melado, que é quando forma fio. Se continuar com fogo, mexendo, vai açucarando e vira açúcar.

Dona Liene pegou a colher com o açúcar que tinha posto para esfriar.

— Veja. Naquela hora, ainda não tava pronto. Mais, veja como endureceu. Já tinha passado do ponto de melado – disse, experimentou e passou a colher para o rapaz experimentar também.

— Bem doce! – exclamou.

— É que essa malha de cana tava bem madura. Cana boa é cana que tá em lugar que pega bastante sol. Aí, dá açúcar bem doce, nada ácido.

Aquele foi um dia de muito trabalho, desde a madrugada até a noite. Porém, a alegria de ter aprendido tanta coisa superava a canseira. Naquela noite, o aprendiz dormiu muito bem.

CACHAÇA

Nas semanas seguintes, João voltava a comentar aquele dia em que aprendeu a fabricar açúcar mascavo. No entanto, o espírito ansiava por novas aprendizagens. A família aguardava o frio chegar de vez para iniciar a produção de cachaça, que rendia bem mais dinheiro que o açúcar. Porém, pelo que ouvia, a fabricação de açúcar devia ser bem mais simples que fabricar cachaça, pois, dependia mais das condições do clima e do trabalho dos bichinhos que fermentavam a garapa. Além de demorar mais, eram usados mais equipamentos. Um pouco mais complicado.

— Quando vamo fazê cachaça? – perguntava vez em quando.

— Calma! Melhor esperá o inverno firmá os frio – ponderava seo Jairo.

— Pra fazer cachaça, melhor fazer no inverno. No verão, o calor estraga a fermentação – completava dona Liene.

Acontece que o tempo demora mais para quem tem ânsias de saber. João continuava trabalhando com os patrões, lidando com a bezerrada, cuidando das roças, colhendo o milho, cortando capim para o gado ou consertando telhados e cercas.

Quando já tinha aquietado, ouviu os patrões planejando nova empreitada: semana entrante, iniciariam a fabricação de pinga. Pronto. Aquelas palavras reavivaram os entusiasmos e João acelerou no cumprimento das tarefas diárias.

A produção da cachaça começava do mesmo jeito que a fabricação do açúcar: colher a cana, tirar as folhas e os ponteiros, depositar ao lado da moenda e prensar os talos para tirar a garapa. Dali para frente, tudo mudava. Ao invés de ir para o tacho, o caldo foi colocado nos cochos para fermentar por um dia. Antes, passava por uma bica com divisórias onde ficavam retidas as fibras, as resinas e outros ciscos que vinham junto com a cana.

— Agora, fica aí até amanhã? – quis saber.

— Depende. O que voga é a cor do preparado, mais que o prazo. Vamo dexá o caldo fermentá até ficá bem amarelinho. Aí, a gente coloca no alambique pra destilá – explicou seo Jairo.

O jeito foi sossegar o espírito e voltar à lida rotineira. Por azar, a fermentação atrasou, só ganhando a cor dourada no fim do segundo dia. Então, retiraram as espumas por cima e levaram o caldo fermentado até encher o tanque do alambique. João ficou encarregado de acender e de manter o fogo. Ficou por ali

assuntando, verificando constantemente se começava a sair cachaça no fim da serpentina.

Finalmente, algumas gotas começaram a pingar no garrafão. Curioso como sempre, Jão meteu o dedo e lambeu.

— Tá loco! Queima.

Seo Jairo riu dele. Realmente, era um garotão travesso. Metido e alegre.

— Esse primeiro é puro álcool, rapais.

— Primeiro, sai o álcool; em seguida, a cachaça forte, cachaça fraca e, por fim, sai só água – completou dona Liene.

Jão ficou acompanhando o gotejamento que logo virou um fio escorrendo. O cheiro de álcool se espalhava no ar, produzindo uma leve tontura. Olhando o líquido aumentar na vasilha, o rapaz esqueceu do mundo. Agitadíssimo, sem sossego.

— I quando vira cachaça?

— Percisa misturar na dose certa para chegá no ponto de bebê. Quem testa, é sempre a Liene. Ela fica mais de longe e pode senti melhor o ponto da cachaça.

— Tamém quero aprendê a testá.

— Parece que você tá querendo é ficá bêbado – ironizou seo Jairo.

Com tanto entusiasmo e anestesiado pelas experimentações do teor de álcool da pinga, Jão nem viu o inverno passar e chegar a primavera anunciando o fim da safra daquele ano. Ainda havia uma malha de

cana por plantar, mas seo Jairo e dona Liene dariam conta da tarefa. Os patrões pagaram a quantia combinada e o rapaz estava livre. Entretanto, ele ia ficando por ali sem demonstrar pressa para ir embora.

— Quando quisé, pode i. Nós demo jeito no serviço – diziam.

O rapaz fazia que não escutava. Continuava ajudando, mesmo não tendo sido recontratado. Quando estavam quase enxotando o demorão, ele choramingou:

— Quando voceis vão começá a cortá pedra?

— Ah! Tinha esquecido. Prometi que te ensinava a cortá pedra. Tá certo! Vô cumpri o trato. Amanhã mesmo, subimo o morro e te ensino.

Recebeu, então, um mês de treinamento. Começou olhando e carregando peso. Ia perguntando, experimentando, ...

— Já posso cortá pedra? – perguntou depois de uma semana.

— O que você reparô até agora?

— Vi que é fáci; é só tê calma e ii fazendo os buraquinho...

O casal riu da ingenuidade dele, que, como muitos outros, imaginava que bastava bater com a marreta na cabeça da talhadeira. Nem de longe imaginava os segredos que o cortador de pedra esconde como garantia de exclusividade.

— Depende donde você faiz o buraquinho – alertou seu Jairo.

- Num pode sê im qualqué lugá que quero abri?
- Você pode fazê buraco onde quisé... Mais, a pedra só corta reta se segui os veio dela. Arrepare nessa aqui – e ia mostrando obscuras linhas que João mal conseguia distinguir.
- Esses risco aqui?
- Esses daí são os liso da pedra – ajuntou dona Liene.
- Aqui onde tem esses brilhaço?
- É. O liso da pedra sempre tem uns brilhaço – completou ela.
- É a seda da pedra. Corto as pedra sempre nas seda, assim – mostrou seo Jairo.
- Ahhhh!!!
- Começa sempre pelo meio da pedra.
- Tirá prancha na verada não dá certo; estraga a pedra. Abre sempre pela metade. Pra alevanta, pra rachá ao meio e pra tirá bloco e, depois, pilastra, prancha, pedra-de-obra, cabeça de pedra, macaco, ...
- O Jairo abre as pedra. Aí, só ajudo. Consigo cortá as pedra já aberta.
- Reparte sempre ao meio. Até o fim.
- Cada veiz tem de procurá os veio? – quis saber o aprendiz.
- Precisa. Mais, é fáci, porque os veio segue pro mesmo lado. Sempre no rumo do sol. Achando o primero, os outro segue o mesmo rumo.

— Abre pelo meio. Depois, metade da metade e assim por diante – contribuiu dona Liene. Eu reparto as prancha de reto o que o Jairo cortô. Qué dizê: nas linha de corte.

O rapaz esperto aprendeu rápido e logo conseguiu cortar uma pedra sozinho. Foi treinando. Um pouco, ajudava a virar ou a carregar as pedras grandes que seo Jairo preparava, outro pouco, ajudava dona Liene picar as pranchas em cabeças-de-pedra ou macacos, paralelepípedos usados para calçar as ruas das cidades. Quando já dominava essas tarefas, quis saber mais das ferramentas usadas. Vendo seo Jairo preparando os ponteiros e os panchotes, perguntou:

— Pra que molhar as ponta na água?

— Pra temperá, pra fica mais duro. Quando esfria de vereda, fica mais duro. Depende do ferro tamém. Tem ferro mole e tem ferro mais duro.

— O sinhô mesmo que cavo essa pedra? – apontou para um recipiente produzido numa pedra deitada, feito um cochinho com um centímetro de fundura, onde colocava água.

— Esse é trabalho difícil, porque salta muito granito na cara da gente. Pode inté dexe cego. Tem de tê cuidado – aconselhou o mestre.

Jão acompanhava o trabalho de marcar as linhas de corte sobre as pedras, com riscos de carvão e notou que elas sempre apontavam para o mar. Perguntou por quê.

— Os risco segue a seda da pedra, sempre direto o mar. As lateral, risca no esquadro. No esquadro, tamém pra cima e pra baxo – explicou seo Jairo.

Mais que aprender as técnicas, João queria entender as regras de pagamento para os trabalhadores contratados e do comércio de pilastras, pedras-de-obra e macacos para calçamento de ruas. Afinal, o objetivo maior era fazer fortuna.

— O que dá mais dinheiro: trabalha pros otro o bancá o negócio?

— Taí uma boa pergunta. Pra quem tem pedra no terreno, pode cortá e vendê por conta própria. Se o dono não qué cortá, pode arrendá ou contratá um cortadô, por empreitada ou por dia.

— Então, preciso procurá alguém que me pague pra cortá pedra o que quera arrendá a pedrera – concluiu João.

— Você vai encontrá as duas coisa lá pra banda de São Miguel. Lá tem muita pedra grande. E vende bem, porque o pessoal de lá usa pra esticá os arame das cerca pro gado. Se for lá, logo acha serviço – sugeriu seo Jairo.

Dali por diante, João foi planejando pegar as coisas dele e ir para São Miguel, onde faria fortuna.

SÃO MIGUEL

Chegando à vila, Jão foi assuntando, especulando, sondando uma boa oportunidade de ganhar dinheiro. Trazia no bolso o pouco ganho nos últimos meses, que era o único dinheiro amealhado até então. Pouco dinheiro; ainda longe de ser o início de uma grande fortuna. Entretanto, ele se achava muito esperto e logo ficaria rico.

Nada naquele primeiro dia. Apenas propostas miúdas, sem vantagem nem interesse. Porém, na manhã seguinte foi procurado por um dono de pedreira que preferia lidar com gado e tinha interesse de ganhar dinheiro extra. O homem discursava com convicção e dizia só ceder o empreendimento para outro porque estava muito bem de vida e poderia “ajudar um rapaz que chegava com tanta vontade de trabalhar”.

Sem demora, analisaram as ofertas um do outro, com condições mais ou menos provisórias e altas doses de boa-fé recíproca. Somando, subtraindo e dividindo, chegaram a um acordo de produção ‘às meia’. Jão cortaria e o dono da pedreira negociaria a produção; depois, repartiriam em partes iguais o valor recebido. Jão poderia ocupar a cabana existente na pedreira, desde que não levasse mulher para lá. Parecia um bom arranjo.

Foram até a pedreira para verificar o estado da cabana e para combinar onde e como cortar as pedras. Jão ficou impressionado com o tamanho das rochas e

decepcionado com a cabana, que não passava de uma choça para se esconder da chuva. Então, a primeira tarefa foi consertar o telhado e tapar os buracos nas paredes de barro batido. Recolheu também lenha seca e acendeu o fogo de chão, que seria seu único companheiro naquela noite.

Pouco dormiu. Seja por se sentir só, seja pelo canto agourento das corujas. Pela primeira vez passava a noite sozinho. Poderia ser considerado um homem adulto. Mesmo assim, sentiu medo, se sentiu inseguro.

Levantou à primeira claridade matinal e foi até a fonte lavar o rosto e apanhar água para coar o café. Viu ali mais um trabalho esperando. O mato tomando conta da nascente e do poço cheio de musgos. Por isso, voltou mais tarde para deixar tudo limpo e organizado. Passou o restante do dia melhorando a habitabilidade da choça e planejando plantar uma pequena roça e umas bananeiras para ter fruta durante todo o ano.

As primeiras tentativas de ganhar dinheiro foram frustrantes. As rochas escondiam os veios e as ferramentas que trouxe consigo se mostraram insuficientes. Apenas no terceiro dia de trabalho, conseguiu abrir uma pedra ao meio. Mesmo assim, o corte saiu meio enviesado, de difícil aproveitamento. Por isso, acumulava poucos paralelepípedos de má qualidade. Desiludido, deixou o trabalho de lado e foi até a vila para comprar ponteiros e panchotes. O ferreiro contribuiu com boas dicas sobre o uso adequado das ferramentas.

Dentre as palavras que ouviu, uma calou fundo na mente: ladrão. O alerta de que, por ali, havia ladrões e que ele estava sozinho naquele cafundó. A casa do dono da pedreira distava um quilômetro e havia entre eles um morro. Por isso, um ladrão poderia acabar com ele sem ser visto e muito menos ouvido.

Precisava esconder o dinheiro em um lugar seco e seguro. Era muito arriscado carregar no bolso as economias que garantiam seu sustento. Mas, onde? Dois dias depois, ao tentar matar um lagarto, encontrou um buraco na pedra, bem protegido da chuva. Analisou a paisagem, tomou distância para ver se havia alguma coisa que chamasse a atenção. Nada. Só a monotonia do rochedo extenso como uma grande nuvem composta de várias tonalidades de cinza. Enfiou, então, a mão no bolso e separou as notas graúdas, ficando apenas com as miúdas. Depositou o maço na cavidade e colocou sobre ele uma pedra chata que encobria totalmente o pequeno tesouro.

Mais aliviado, descarregou as tensões nas marretadas que dava nos ponteiros e nos panchotes. Porém, as pedras continuavam escondendo seus veios e rachando torto. Por mais que se esforçasse, a produção era minguada. Num entardecer, percebeu a figura de um homem andando na direção dele. Voltou a atenção ao trabalho e tinha até esquecido do dinheiro quando ouviu um boa-tarde sem muito entusiasmo.

O dono da pedreira parou a alguns passos dele e mediu com os olhos o volume e a qualidade dos paralelepípedos amontoados. Depois, voltou o olhar

para ele com cara de decepção. Daquele jeito, as possibilidades de lucro escoavam barranco abaixo.

— As pedra tão dura? – ironizou.

Jão baixou a cabeça, sem ter desculpas. Como explicar que mal sabia marretar os ferros? Logo depois que a velhinha morreu, ele saiu à procura da fortuna e logo soube que os cortadores de pedra escondem o jogo; usam os aprendizes para carregar peso e para limpar o pátio, sem ensinar direito os segredos dos veios e das sedas. Seo Jairo e dona Liene até que tentaram ensinar, mas ele foi afoito, convencido de que já sabia o bastante.

— Poisé. Essas pedra são diferente... – defendeu-se Jão.

— Você não encontrô o alevante?

A palavra alevante ecoou de uma orelha à outra despertando a lembrança de ter ouvido o termo mais de uma vez. No entanto, se manteve impávido, como se nada tivesse sido falado.

— Uma pedra assim, mais vale alevantá... – voltou à carga o dono da pedreira.

Bobagem ficar fingindo; a inexperiência do rapaz estava na cara dele. O jeito foi confessar que desconhecia a técnica do alevante.

— Comé que faiz isso?

O homem preferia criar gado e não via o rapaz como concorrente, por isso, se pôs a mostrar como ele agiria se fosse cortar a pedra. Primeiro, procurou pelos veios horizontais. Depois, empunhou as ferramentas e demonstrou como fazer. Abriu vários buracos ao redor

da pedra, sempre na mesma altura. Iniciou com um ponteiro e continuou com o afundador. Finalmente, introduziu um panchote em cada buraco e foi batendo com o marrão em sequência do primeiro ao último. Lá pela terceira rodada de pancadas, começou a aparecer uma pequena fissura, que aumentou aos poucos. A pedra estava rachada. Então, ele enfiou a lâmina da alavanca e iniciou o levantamento da pedra, até que ela estivesse emborcada.

— Bem, daqui pra frente, você já sabe... – ironizou o homem.

Jão baixou a cabeça e ficou rememorando as orientações da dona Liene e do seo Jairo, de que deveria seguir a seda da pedra que vai direto ao mar e cortar sempre no meio. Mesmo assim, havia muito o que aprender.

Outra constatação foi de que passar a noite sozinho ao pé do rochedo exigia mais coragem do que ele tinha. Numa das idas à vila, comentou seus temores e colheu sugestões. Poderia alugar uma casa ou apenas um quarto. O dono da venda ofereceu pensão a troco de pedras para o porão da casa nova que queria construir.

Jão aceitou, porque precisava comer e poderia dormir tranquilo, protegido de ladrões e de tempestades. Entretanto, precisava tratar disso com o dono da pedreira, que detinha o direito de comercializar a produção. Procurou imediatamente o homem, antes que os mexericos chegassem aos ouvidos dele, com potencial de acabar com a parceria.

— Tive na venda i fiquei sabendo qu'ele vai construí casa com porão de pedra... Assuntô... qué pagá im pensão... Vim sabê sua ideia a respeito.

O dono da pedreira olhou para ele como quem já sabia do negócio e contrapôs:

— Pra mim, tá bom. Com metade das pedra, você paga a bóia e a cama; c'a outra metade, eu posso tirá mercadoria que compro todo meis...

— Intão, podemo negociá assim – propôs o rapaz.

Naquela mesma tarde, foram até a venda, fizeram a proposta e fecharam o negócio, estabelecendo o volume de pedras que deveria ser entregue mensalmente para cobrir o valor da pensão e o preço das mercadorias retiradas no balcão. Na boca da noite, João veio se arrancar com a pouca tralha que tinha. Porém, por enquanto, o maço de dinheiro continuaria debaixo da pedra lá num buraco. Ninguém precisava saber disso. E, na pensão, também poderia correr risco de ser roubado.

Além de entregar os blocos de pedra para formar a muralha do porão, sobrava bastante tempo para continuar a cortar paralelepípedos que rendiam um dinheiro por fora. O problema é que o dono da pedreira dizia que o governo demorava pagar, sempre alegando falta de dinheiro em caixa. Ainda bem que tinha onde morar e comida à vontade.

De barriga cheia e dormindo sem sobressaltos, a vida melhorou bastante. No entanto, o dia ainda se demorava a passar ao som do repique da marreta. Enquanto trabalhava, João ficava imaginando outras

formas de ganhar dinheiro e de fazer fortuna. Numa noite, enquanto engolia o virado de feijão, escutou falarem que os milicos estavam convocando mais soldados para defender a revolução. Parecia ser uma boa oportunidade, pois os militares mandavam em tudo. Quem sabe, entrar para o Exército fosse boa ideia?

Ficou sabendo também que o Peregrino estava acampado nas terras de um colono a alguns quilômetros dali. Só de pensar no mestre, já se animava e parecia que até as pedras colaboravam facilitando o trabalho. Perguntou onde realmente ele estava e como faria para chegar lá. Por ser um local distante, precisava pedir emprestado um cavalo encilhado e se afastar do trabalho por dois dias. Planejou aproveitar o dia-santo de Nossa Senhora que acontecia colado ao domingo.

Durante o trajeto de ida, analisou com cuidado o que iria dizer, pois deveria se comportar como um adulto, tendo ideias de adulto, atitudes de adulto e planos de adulto. Nos tempos de criança e de adolescente, tinha o direito de se mostrar ingênuo e de falar bobagens. Naquele encontro, queria demonstrar maturidade e conhecimento da vida.

Planejar, planejou. Porém, só manteve a tranquilidade nas primeiras frases. Ao primeiro questionamento, se perdeu nas justificativas e se entregou ao mestre como um menino desamparado. Havia aprendido muita coisa com os que o acolheram. Sem ganhar dinheiro, porém. Considerava que foi melhorando aos poucos. Com a

última família que trabalhou, sentiu-se em casa e até ganhou algum dinheiro. E saiu de lá convicto que começaria a formar a fortuna que sonhava.

Peregrino ouvia praticando empatia com os olhos e com leves movimentos da cabeça. Permaneceu em silêncio, mesmo quando o rapaz confessou por três vezes seguidas o arrependimento por ter se convencido prematuramente de que já sabia cortar pedras. Diante das evidências de que estava sendo entendido e compreendido, João passou ao interrogatório.

— O que devo fazer? Continuo cortando pedra o vô me alistá no exército?

Peregrino acomodou-se melhor sobre o banco, limpou a voz e ponderou:

— Toda situação tem mais que um lado. Tem, pelo menos, um lado bom: aquele que atrai, que a gente deseja. Por outro lado, muita coisa aparece depois; são as surpresas e, muitas vezes, as dificuldades.

Parou de falar e continuou olhando para o rapaz, aguardando consentimento para continuar. João mergulhou num mar de pensamentos desencontrados. Seriam situações de toda a caminhada? Situações que viveu desde a morte do pai, passando de casa em casa à procura de abrigo, de acolhida? A atração pela pedreira tinha sido engolida pelas dificuldades? Ele só estava vendo o lado bom do Exército? Esperava que o mestre mostrasse os lados bons e os lados ruins de cada situação.

— Quando vim pra pedrera, pensei de ganhá dinheiro logo, fácil. Mais, não foi fácil. Nem dormi sozinho foi fácil...

— Os perigos são os mesmos se a gente dorme sozinho ou com muita gente. Depende de como a gente se sente... Durmo sozinho desde guri... A gente aprende a dormir com o medo. O medo tá dentro da gente e não ao redor.

— Pode sê... Na pensão, durmo tranquilo. O problema é que tem que pagá... Quando terminá a empreitada do porão, vô tê de gastá o dinheiro que guardei... O dono da pedrera não tá conseguindo recebê o pagamento...

— Pena que nem todos aceita recebê pedra como pagamento. Vendê pedra dá trabalho; pra recebê, muito mais trabalhoso.

— Por isso, tô pensando de me alistá no Exército... – justificou João.

— Os milicos são pago pra obedecê... Eles vende a liberdade a preço de soldo mensal. Por isso, têm de baixá a cabeça e dizê “sim senhor”; batê continência e acatá as orde sem discutí. Pouco importa se o soldado tem razão; obedece e pronto. Tudo tem horário, tudo tem regra.

— Regra? O que é regra?

— Regras, normas e regulamentos... o que deve sê cumprido sem reclamar.

— Lá, tem gente que cuida disso? Não é só guerreá?

— No exército, tudo é controlado. Até o passo da tropa. Todos os soldado deve andá no mesmo passo: do

mesmo tamanho, no mesmo ritmo, na mesma velocidade. Os de perna comprida, os de perna curta, os gigante e os nanico, todos deve avançar na mesma passada, na mesma marcha. O batalhão pisa cadenciado e uniforme; ninguém pode ficar pra trás. Você já imaginou isso?

Jão estremeceu. Lembrou da dificuldade, quando era criança, para acompanhar os adultos. Nunca havia pensado de medir o comprimento do passo e nem ficava reparando no jeito dos outros caminharem.

— Não, senhô. Mais, pra que isso?

— Questão de pontas. Começa controlando as pontas de baixo, que são os pés, para, aos poucos, controlar a ponta de cima, a cabeça, até que todo o batalhão pense igual.

— Inda bem que sempre tem o que comer... – contrapôs Jão.

— Comer comida de quartel e quando eles manda. Nada de comer o que quiser a qualquer hora.

— E não precisa trabalhar... – acrescentou vacilante.

— Aí é que você se engana; a vida de milico é bem pior que a nossa. Treinamento na lama, debaixo de chuva, na geada, sem beber água e sem comer pra aprender a suportar a fome; dormir fardado pra tá sempre de prontidão, ... Moleza? Vida folgada? Que nada! Vida dura, debaixo de ordem. Levando trote por qualquer desobediência.

Falavam, na venda, de situações bem diferentes: muitas amizades, muita animação, muita algazarra.

Pelo que diziam, servir o Exército seria só festa.

Boquiaberto, com olhos indagadores, admitiu:

— É? O pessoal conta outra coisa...

— Conta o que o soldado sente ao matá o inimigo?

Conta o medo de morrer nas batalha? – instigou

Peregrino.

Matar? Jão não tinha coragem de matar um gato...

Matar gente? A rapaziada que serviu o Exército nunca tinha matado ninguém... Entretanto, se tivesse guerra...

Bem! Aí poderia levar um tiro, sair quebrado, ...

morrer. Não. Muito arriscado. Ali mesmo abandonou a vontade de se alistar.

— Não quero matá, nem morrer – admitiu o rapaz.

— Melhor vivê pobre do que morrer com dinheiro no bolso.

Jão aquietou. Pensava fugir das dificuldades pela porta do Exército, onde teria pensão de graça. Pura ilusão. Lá na venda, mostravam apenas a parte boa, as farras, o divertimento. Não seria essa a salvação; também não queria continuar empatando dinheiro permanecendo à mercê dos outros.

— Intão, tô num quiproqué. Por enquanto, tenho trabalho. Sem vê o dinheiro, mais... fica a promessa... –o rapaz indeciso refletiu.

— Sempre há uma saída. Nem sempre pra frente; muitas vezes, a porta tá atrás...

Pouco restava para falar naquele momento de angústias. Precisava encontrar o caminho por si mesmo. O Peregrino deveria ter passado muitas vezes

por essa ‘porta de trás’ para refazer os próprios passos nas inúmeras idas e vindas. Com essa certeza, despediu-se do mestre e retornou para a vila, consciente de que tinha encontrado ajuda, mesmo que não fosse a indicação de soluções imediatas.

PREPARANDO UM REINÍCIO

Naquela noite, a mente tentou em vão organizar os pensamentos alvoroçados. As memórias da infância, os planos juvenis, as variadas experiências e as orientações do mestre colidiam e se sobrepunham com rapidez, dificultando o mapeamento da situação atual e, muito mais, a tomada de decisões. Dormiu aos sobressaltos e acordou com o corpo cansado como se tivesse trabalhado com sede a noite inteira. Mesmo assim, engoliu a grossa fatia de pão e rumou para a pedreira.

Estava tudo muito diferente. Depois da conversa com o Peregrino, tudo parecia mudado. Olhou demoradamente. Com certeza, estava tudo muito diferente. Gastou mais uns minutos na observação. Se ninguém esteve lá e tudo estava como ele tinha deixado, por que o ambiente parecia tão estranho? O que havia de novo? Onde estavam as diferenças?

Pensou: “saí daqui apenas anteontem e já não reconheço o lugar”. Como é que pode? O que teria acontecido nesses dois dias? Nesses dois dias, ele encontrou com Peregrino. Ah! Então, a mudança poderia estar nele e não na paisagem. Concluiu que ele

é que havia mudado muito e não as coisas ao redor dele. Sentou-se numa pedra e permaneceu de olhos fechados até encontrar uma razão para trabalhar.

Depois, sem muito ânimo, iniciou os repiques da marreta sobre o ponteiro que, arrancando areia, cavava a rocha. Trabalho lento, exaustivo e barulhento que prosseguiu por dias e semanas a fio. Apenas a chegada do carreiro que levava as pedras para o porão do dono da venda interrompia a solidão a cada dois dias. De resto, a mesmice impiedosa entediava o rapaz.

Tudo parecia ter virado rotina. Até o momento em que o carreiro, depois de carregar o carro-de-boi e de se preparar para a descida do morro, anunciou que aquela seria a última viagem, pois, ao colocar aquelas duas pedras, as paredes do porão da casa estariam completas. Anunciou, se despediu e seguiu viagem.

Jão levou alguns minutos para despertar da letargia. Talvez até soubesse, entretanto, não havia dado a importância que o fato merecia. O corte de pedras para o porão pagava a pensão dele. Dali em diante, teria de tirar dinheiro do buraco para pagar a cama e a comida, pois o dono da pedreira continuava alegando que não estava recebendo o pagamento dos paralelepípedos.

Ainda sob o efeito do choque de realidade, estendeu o olhar pelas redondezas, admirou as roças ao longe onde pessoas trabalhavam, acompanhou o traçado da estrada como quem planeja ir embora, sentiu dó de deixar a plantação que foi implantando aos poucos, as bananeiras com cachos ‘de vez’ e o milho com espigas

no ponto de pamonha. Havia plantado também ilusões de riqueza, essas, porém, na própria cabeça.

Esses sentimentos de fracasso vieram para ficar; daquele dia em diante, trabalhou desanimado, catando apenas uma razão para abandonar a empreitada. Aos poucos o dinheiro escorreu pela comida e as lembranças de uma das moças da olaria iam crescendo, tomando no peito o lugar que, durante toda a juventude, esteve ocupado pelo sonho de fazer fortuna. De que adiantava gastar os dias correndo atrás da sorte se a solidão pesava mais que as pedras? Poderia trabalhar de empregado por uns míseros trocados, desde que ‘se sentisse em casa’, sentimento que havia experimentado em todas as pousadas e abrigos pelos quais passou dos oito aos vinte anos. Agora, estava mudado: preferia viver num casebre e sem dinheiro no bolso, do que correr atrás de ilusões.

Quando o depósito financeiro no buraco de pedra estava chegando ao fim, eclodiu a coragem de romper com o medo de se arriscar novamente; de soltar o galho que segurava já sem muita garra e se lançar para novas tentativas de enraizar um projeto de vida. Até então, as oportunidades profissionais murcharam em menos de um ano, exceto a parceria com a velhinha, que durou uns três anos.

Depois de meses de poucos macacos, o que desiludia também o dono da pedreira, resolveram encerrar o contrato e acertar as contas. O dono da pedreira continuou teimando que nada havia recebido do dinheiro das vendas e João fez de conta que acreditava.

Na venda, na pensão e mesmo nas estradas, muitos cochichavam que ele era um velhaco e que agia assim com todo mundo.

Mesmo assim, deu uma apertada com ameaças de reclamar para o delegado que colocou ele para ‘aquecer os pés da velhinha’. Havia passado muito tempo, mas (quem sabe?) a autoridade ainda lembrasse dele e pudesse interceder na cobrança do que lhe era de direito. Só que mencionou que voltaria atrás pela estrada e pediria auxílio do delegado, o dono da pedreira enfiou a mão no bolso fundo da calça e entregou um bom maço de dinheiro, que nenhum dos dois fez questão de contar. Era dinheiro; qualquer dinheiro, pois nem havia anotações de quantos macacos e de quantas cabeças-de-pedra teriam saído dali.

No final das contas, ambos saíam satisfeitos: o dono da pedreira levou ‘de graça’ o rancho mensal da venda e ganhou um bom dinheiro com o restante das pedras; e o rapaz ainda saía no lucro, pois nem contava mais com a parte que lhe cabia nas vendas.

Mais uma vez, João colocava o saco de linhagem nas costas e tomava a estrada para seguir para algum lugar. Das vezes anteriores (que foram muitas), seguira adiante. Porém, pela primeira vez, tomaria o caminho de volta e, também pela primeira vez, iniciava viagem para um destino conhecido: a olaria onde conheceu uma moça tímida. Deixava para trás os meses de solidão na pedreira marcados pelo som dos repiques

improdutivos; abria mão dos sonhos de riqueza para acalmar o sentimento que sufocava, exigindo vazão.

A MOÇA DA OLARIA

Desde guri, pisara as estradas sem olhar para o chão, pois havia novidades para se ver por todos os lados. Agora, revia a estrada e tinha o que pensar. Retroceder proporcionava, também, um pouco de segurança e a sensação de aconchego. Talvez, esses sentimentos resultassem mais do calor nas esperanças de ser acolhido pela filha do dono da olaria do que do conhecimento que tinha das estradas da vida. As atrações sensuais haviam lançado raízes no coração de João.

Arrastado pela pressa de ver a moça, cortou estrada por trilhas e atalhos; em ritmo acelerado, venceu a distância com rapidez. Num repente, se viu no pátio da olaria, vendo as pessoas trabalhar e ouvindo o ranger da trave do amassador de barro. Por instante, imaginou que a moça viesse acolher sua chegada com um sorriso na cara e declarações de amor.

Pura ilusão. Devaneios de rapaz apaixonado. As moças continuaram o trabalho delas, sem levar em conta os cachorros que latiam anunciando um invasor de seus domínios. Nem mesmo o irmão delas que lidava com os bois perturbou-se com a presença dele.

Então, bateu palmas, anunciando sua presença 'invisível'. Quem apareceu foi o dono da olaria, saindo

da penumbra dos fundos do galpão. Ele logo reconheceu o rapaz.

— Quem tá vivo, um dia aparece.

— É. Vortei. Tô pronto pra trabalhá...

O homem ficou olhando para a cara dele, sem nada dizer. Apenas, balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Pelo jeito, não estavam precisando de empregados. Por isso, deixou o rapaz no pátio e voltou ao trabalho.

Jão se fez de desentendido e perambulou por ali até chegar o outro filho do dono da olaria. Com esse, sempre teve mais liberdade para falar. Quando ele se achegou, se ofereceu para ajudar.

— Se quisé, posso puxá o barro...

Porém, a reação foi parecida com a do pai.

— Tamo cum poco serviço...

E seguiu sem dar atenção ao proponente, que continuou por ali, aguardando uma caridade. De fato, as ajudas seriam poucas e a presença do rapaz com cara de vem-cá-meu-bem para com as moças estava mais evidente do que na época que foi dispensado. Além do que, hospedar novamente o namorador no quartinho dos fundos daria a ele a oportunidade de se alojar ali para sempre. Melhor arrancar o mal pela raiz. Ou melhor: afastar o perigo.

Quando Jão já se encaminhava para a estrada sem esperanças de romper com as resistências da família da amada, apontou na curva do açude o Roberto, sobrinho do dono da olaria, com quem havia pescado

muitas vezes nos açudes dos vizinhos. Sempre escondidos, de preferência durante a noite. Dois comparsas são sempre mais que amigos; são cúmplices solidários. Comprovando essa tese, o Roberto foi exclamando ainda de longe:

— Que barbaridade! Tá perdido por aí?

— Poisé. Vortei pra trabaiá... mais, tá sem serviço...

— Vamo lá pra casa tomá um café.

Era tudo o que João precisava. A fome roía as tripas e Filomena fazia uns bolinhos na banha que enchiam de água a boca só de lembrar. Sorte, pura sorte. Do bolinho regado a café chucro, passaram para conversas e noticiários. Eles queriam saber todos os detalhes dos fatos acontecidos naqueles dois anos em que o rapaz esteve procurando a fortuna. João enchia a boca de orgulho para relatar as aventuras, o quanto sabia da fabricação de açúcar e de cachaça, o encontro com o Peregrino e as razões pelas quais retornava para a olaria. Porém, com artimanhas, deixava velado o motivo principal, que eram os chamegos pela moça e as comichões que coçavam por dentro. Entretanto, a paixão havia crescido tanto que a dissimulação pouco conseguia encobrir: ele andava com cara de bobo, rindo até do vento.

— Você tomava muita cachaça – quis saber Filomena.

— Não, senhora. Não sô de bebê. Apenas provava; fazia parte do serviço. Tinha que prová o ponto, porque a pinga não sai pronta. Primeiro, sai álcool; em seguida, a cachaça forte. Depois, a fraca e, por fim, sai só água. A cachaça vendida é uma mistura. Cada fregueis prefere

de um jeito. Uns gosta de cachaça forte, que arde; outros, cachaça mais macia, fracota.

— É. É – o Roberto apenas concordava. Não distinguia entre álcool, cachaça forte ou cachaça fraca. Sabia apenas a diferença entre cachaça e água.

— Mais, a pinga com limão corta a gripe – garantiu Filomena. O pai sempre tomava quando chegava molhado de chuva.

— Santo remédio. Também tomo pra combatê a friagem da noite – completou João.

— É. É.

— Quando tem limão, é claro. Se não tivé, vai pinga pura memo.

Filomena, que evitava andar na chuva e sair no sereno, dispensava a água-ardente. Ainda bem, pois a pinga queimava a boca e descia pela goela como uma brasa. O limão adoçado perdia o gosto de azedo e fazia o mesmo efeito. Além do que, ela preferia falar de outras coisas.

— Você arrumou namorada?

O rapaz estremeceu. Nunca namorou ninguém. Pela primeira vez, ia procurar uma moça com a intenção de casar. Casar e ter muitos filhos. Era o sonho dele. Ficou sem jeito de falar no assunto. No entanto, eles poderiam ajudar na tarefa, pois ele nem sabia por onde começar.

— Seria bom... – murmurou olhando para o chão, acanhado.

— I qué namorá? – quis saber o Roberto.

— Querê, a gente qué. O pobrema é sabe se a moça qué – confessou João.

— Então, você já escolheu a moça – concluiu Filomena.

— Sim, senhora. Tô interessado numa moça. I é daqui de perto...

O Roberto se mexeu no banco e soltou uma gargalhada. Ria com a cara vermelha de excitação, como se fosse ele o apaixonado.

João desejava que eles adivinhassem, sem que ele precisasse se expor como um ingênuo, que de fato era. Sempre se segurando com as duas mãos no banco de tábua bruta, descruzou as canelas e as cruzou ao contrário. Balançou o corpo, ergueu os ombros. Sem resultado. Continuaram olhando para ele, na espera de revelações. Talvez, eles continuassem vendo nele o menino peduncho que trabalhava por um prato de comida. Precisava provar que virou homem, em condições de formar família.

— Tenho poca barba na cara, mais é coisa de família. Meu pai e meus irmão tamém tinha quexo de índio... só c'uns fiozinho ralo.

— Magina... Num faiz diferença... – amenizou o Roberto.

A curiosidade de Filomena era bem outra. Para ela, pouco importavam as provas de masculinidade ou o atestado de maioridade. Se demorasse mais um pouco, a curiosidade viraria aflição.

— A moça é bunita?

— Muuuinnto.

— Nós conhecemo ela?

— Sim, senhora.

— Intão, diga logo quem é – atalhou o marido dela.

Não era tão fácil assim. Poderia ser que rissem dele. Ou pior, se contassem que ela já tinha casamento marcado com outro. Bem que eles poderiam oferecer a moça, porque ela também ansiava por casar; porque tivesse pedido a eles que indicassem um bom rapaz disposto a erguer um rancho para dois. Porém, eles exigiam o nome dela. Nada de acender o fogo para aquecer a água; queriam a comida pronta.

— Vamo d’uma veziz... Quem é a moça? – determinou o Roberto.

— Bem... Nem o nome dela eu sei – resignou-se o rapaz.

— Ué! Qué casá i nem sabe o nome da muié... Comé que pode?

Ficava comprovado que eles não entrariam num jogo de adivinhação. Queriam a informação, sem tantas delongas.

— Você ainda não sabe quem vai querê namorá? – questionou Filomena.

Estava encurralado. Tinha de revelar o pouco que sabia, mesmo que rissem da cara dele.

— Tô pensando de conversá c’a tua prima... – confessou, olhando para o Roberto.

O Roberto soltou mais algumas gargalhadas, antes de arriscar:

— Prima? A Cristina?

— I, agora? Não sei o nome dela...

— Tem a Cristina, a Maria, a Rosa, ... O Roberto tem muita prima... – lembrou Filomena.

— Ela me ensinô a enformá tijolo – deu a dica.

— Intão, é a Cristina o a Dorzinha – sentenciou o Roberto.

— Poisé, não sei o nome dela...

— A Cristina tem namorado firme – decretou Filomena.

Jão endireitou-se no banco. Sendo ela, teria chegado tarde. Mas, nem sabia o nome dela. De pouco adiantava citar nomes. Um pouco antes, passando pela olaria, viu as moças de longe, na penumbra do galpão. Qual delas seria a Cristina? Qual o nome daquela com quem aprendeu a montar os tijolos?

— Vamo dexe esse assunto pra otra hora... Preciso trabaiá e tê um canto pra dormí – analisou Jão em sucinta análise de conjuntura.

O casal entreolhou-se com falsa surpresa, pois a realidade mostrava claramente as necessidades do visitante. Casados há pouco tempo, moravam em uma casa de madeira pequena com poucos espaços e escassa mobília.

— Tô trabaiano a dia... quando tem trabaio... na colheta de fumo, roçando algum pasto, capinando pros outro, ... – informou o Roberto.

— Será que sobra trabaio pra mim?

— No fumo, sempre tem... É mutirão pra vencê colhê as folha madura.

Os três quedaram em silêncio meditativo. O Roberto teria um companheiro de trabalho e um comparsa para as aventuras. No entanto, colocar o rapaz para dentro de casa seria um atrapalho. Filomena preferia contar com as conversas animadas do rapaz e com alguma contribuição para as refeições, pois, era sabido, ele gostava de cultivar a horta e de cuidar de quintal. Coisa que o marido detestava. A presença do rapaz dentro de casa também acelerava os hormônios dela e poderia ser uma boa provocação para que o marido cumprisse as obrigações conjugais com mais frequência e melhor desempenho. Jão, que nem pensava nas razões do casal, só queria mesmo era se aninhar por perto da pretendida.

— Se você aceita dormí no chão... – insinuou, temerosa, a Filomena.

— Temo de vê... Você num sabe das coisa – atalhou o marido contrariado.

Jão esgueirou-se para o lado da saída, como quem foge de briga. Queria abrigo; não, encrenca.

— Bem. Tô indo... – falou e foi saindo.

— Peraí! Vamo conversá mió. Podemo conversá...

Ao ouvir isso, Jão já estava arrancando os parasitas da laranjeira com um pedaço de bambu. O visgo, o musgo, a barba-de-velho e a erva-de-passarinho estavam sufocando a casca. Por isso, a árvore começava a secar. Enquanto o casal discutia o futuro dele, ele continuou esgravatando o inço, pois gostava de laranja e sabia o quanto a planta sofria com a infestação.

Logo depois que o casal chegou a um acordo, o chefe de família assomou à porta e comunicou a decisão.

— Vô te dá poso... por uns dia. Até você se arranjà.

Jão coçou a cabeça, antevendo embaraços e cara feia. Porém, não tinha alternativa; era o único abrigo com que poderia contar. De antemão, já prometeu a si mesmo procurar um pedaço de terra para erguer um ranchinho só dele e para poder se mudar dali, deixando os recém-casados se amassarem dia e noite. Por ora, tinha só que agradecer a acolhida.

— Agradeço o favor! Tô à deriva, precisando um lugar onde encostá meu corpo. Logo, ergo um rancho de costanera e dexo vocês vivê em paiz.

Depois de um dia espichado, desde a saída da pensão na vila, passando pela olaria e terminando na esteira estendida no chão da casa de quem teve compaixão e o acolheu, Jão adormeceu ao lado da tralha que conseguiu reunir até então. Sono profundo, enquanto dormiu. Despertou com o cantar do galo no fim da madrugada. Saiu pé ante pé, encontrou a tramela da porta, que abriu com cuidado, e saiu para a escuridão.

Depois que os olhos se acostumaram com o escuro, encontrou um toco, sentou e ficou alinhavando

pensamentos. Trabalharia por dia até conseguir uma pedreira, onde poderia ganhar dinheiro. Enquanto estivesse ali, entregaria o ganho da jornada a troco de hospedagem. Ainda, dando Graças a Deus por receber um pouco de compaixão. Só que clareasse o dia, iria até a olaria para ver de perto e saber o nome da moça que lhe ensinou a cinchar tijolos.

Estava nessa lucubração quando a porta abriu de chofre e o Roberto apareceu de boca aberta, bocejando preguiças.

— Ué! Tinha te esquecido. Nem alembrava mais...

— Um bom-dia pra você – declamou o hóspede.

— Intão, saltô cedo da estera... – supôs o dono da casa.

— Dormi que chega. Tô pronto pro trabaio.

— Eh! Eh! Hoje, não vamo colhê fumo. Vamo ficá por casa.

— Tive pensando de ii lá pra olaria... – confessou o apaixonado.

— Vai levá uma sumanta. Vão te dá uma tunda – assegurou o Roberto.

— Não, senhor. Não tem perigo... saio correndo.

— Calma! Vá cum calma. Num crie pobrema. Dexe eu fala c'eles.

— Você acha? Não vai demorá muito?

O Roberto soltou uma das suas mais sonoras gargalhadas. O rapaz estava mesmo apaixonado; estava perdido. E agoniado. Isso que nem sabia o nome da

moça. Se ela, então, sorrir para ele, tudo pode acontecer num relâmpago, pensava Filomena.

Sorte que, nos dias seguintes, o vizinho contratou os dois homens para colher folhas de fumo, do clarear do dia até a noite tocar a turma da roça. O serviço consistia em arrancar as folhas maduras com a mão direita e ir amontoando debaixo do braço esquerdo. Depois de uma jornada puxada, chegavam em casa exaustos e nem conversavam sobre o assunto. Outro fator limitante para longas conversas eram as intensas dores lombares causadas pelo trabalho em posição desconfortável e cansativa, abaixados sobre as plantas ainda úmidas de orvalho ou esquadrinhadas pelo sol inclemente.

Ficava ainda a 'nódia', a resina visguenta que agarrava nas mãos formando nódoas em grossas camadas muito difíceis de lavar. Mesmo depois de retiradas as sujeiras, o cheiro forte da nicotina continuava a tontear os trabalhadores, mesmo enquanto dormiam. Não dava de passar um dedo no olho e nem pegar comida com as mãos sujas. Essas dificuldades foram se acumulando a ponto de João se negar de ir para o serviço. Preferia ganhar menos roçando pastagens ou capinando o inço das roças do que trabalhar encurvado da manhã à noite. Mesmo porque, todo o rendimento do trabalho seria entregue como pagamento da pensão.

Por isso, no domingo, João pediu para conhecer os picos dos morros que, de longe, mostravam grandes pedras no meio da mata. O Roberto soltou mais uma gargalhada e alertou que aquelas terras pertenciam ao

tio dele, o dono da olaria. Sendo assim, o rapaz cobiçava duas coisas sob o domínio da mesma pessoa. Pessoa que queria evitar, de qualquer jeito, a presença dele pelas redondezas. Por isso, convencer o dono da olaria se constituía em um grande desafio.

Jão viveu, até então, vencendo desafios. Estava vivo graças às artimanhas usadas para contornar situações de extrema dificuldade. Logo, os dois grandes obstáculos poderiam ser transpostos com uma boa estratégia que transformasse a resistência em contribuição. Pensava ele: “Até vento ao contrário pode empurrar o barco.” Se agissem com jeito, poderiam conquistar um aliado.

A pouca procura por tijolos deixava a olaria em situação financeira desfavorável, bem na época em que os rapazes queriam casar e precisavam de mais dinheiro. Porém, muita gente estava usando pedras cortadas e pagando bem, o que daria uma chance de convencer a família. Bastaria ter diplomacia e bom senso.

Roberto e Jão planejaram com cuidado uma abordagem quase irresistível: transformar a pedreira em dinheiro.

Coube ao Roberto a tarefa de negociar com o tio. Ele começou com uma conversa pelas beiradas do assunto: havia boa procura por pedras para construção de muros, de alicerces de casas, de moirões de cerca e para pavimentação de ruas. O gado não comia pedras e não se podia plantar alguma coisa sobre as pedras; as

pedras eram apenas estorvos. A retirada delas poderia até aplinar o terreno para melhor aproveitamento.

A lábia do Roberto logo deu frutos. Diante dele, se faziam de zonzos, porém, tão logo o parente voltava para casa, a família fomentava a cobiça e fermentava ideias. Iam muito além da ‘visão míope’ do Roberto; passaram a contabilizar lucros fáceis nas costas do ‘rapaz ingênuo’. Com as rendas da futura pedreira, poderiam reformar o telhado da casa que estava a perigo e casar os três rapazes. As moças, não; ‘mulher não conta’.

Na terceira rodada de negociações, a família acenou com a possibilidade de ‘ceder as pedras para ver se ia dar certo’. Cederia, porém, com duas condições: os interessados deveriam abrir uma estrada para retirar as pedras pelo outro lado do morro e o Roberto seria ‘o negociador’, responsável por manter João longe do pátio da olaria e, por consequência, das moças casadoiras.

Depois de delongadas tratativas, as partes combinaram iniciar a exploração da atividade como experiência; se desse resultado positivo, continuariam; se o negócio não rendesse bem, o contrato verbal seria suspenso. Por enquanto, ficava estipulado o valor do arrendamento da mina em salário mínimo por mês, até o final daquele ano. Depois, teriam de negociar outra vez.

Nesse meio tempo, os mantimentos escassearam e (ainda bem!) o fumicultor convocou a dupla para mais um apanhe de folhas gosmentas. Assim, mesmo resmungando, os ‘homens’ colocavam

algum dinheiro no custeio da alimentação dos três. Haveria, provavelmente, mais uma ou duas apanhações até o final da colheita. Nos intervalos das jornadas a dia, foram abrindo as picadas e as estradas morro acima.

Jão evitava aumentar as reações de ódio da família. Entretanto, espiava a amada, bombeando de longe, com todo cuidado. A espionagem deixou o rapaz imensamente feliz, pois percebeu que a moça estava mais ansiosa, com uma luz nova no olhar. Pelas roupas usadas que Jão ia descrevendo, Filomena identificou que a pretendida era a Maria das Dores e não a Cristina que estava de casamento marcado com o Tião.

Maria das Dores. Então, era esse o nome da paixão de sua vida. Paixão que crescia a cada espiada e a cada noite mal dormida.

Depois de um mês escavando encostas, a picada aberta a picareta alargou e, por ela, poderia passar um carro-de-boi para baixar as pedras para a beira da estrada, onde seriam depositadas para a venda. Dali em diante, o transporte corria por conta do comprador.

SOLIDÃO NO MORRO

Aberto o acesso, Jão, com a ajuda do Roberto, construiu um rancho coberto de folhas de palmeira juçara. E, com a permissão do dono da olaria, se mudou para a pedreira, com a pouca tralha que acumulou em vida, as ferramentas e a paixão sempre crescente.

Nestas condições, revivia a experiência de solidão, tendo ao redor um amontoado de rochas, cobertas de cipós e espinhos. As dificuldades de se manter e ter ainda de sair para vender a produção superavam as dificuldades que viveu anteriormente. Procurava, prioritariamente, suprir as próprias necessidades, cuidando da roupa e do casebre, comprando e preparando a alimentação diária e mantendo a pequena horta, de onde tiraria legumes, verduras e chás.

Para tudo o que dependia só dele, dava jeito. Porém, a venda das pedras cortadas dependia de necessidades alheias, de quem comprasse moirões, alicerces ou paralelepípedos. O trabalho penoso de abrir e de carregar rochas parecia brincadeira perto dos desafios para vender e das infindas peregrinações para cobrar o que lhe era de direito. Uns alegavam falta de dinheiro, outros solicitavam que voltasse em outro dia, alguns pediam desculpas pelos atrasos. De qualquer maneira, as caminhadas inúteis cansavam mais que quebrar pedras.

No entanto, enfrentava as labutas e suportava os suplícios sem lamentações, pois o objetivo maior de tanto empenho morava logo abaixo dele, numa parte plana lá pela metade da encosta da montanha. Nos momentos em que descansava os punhos doloridos do peso da marreta, apertava os olhos para ver se a moça andava pelo pátio ou estendia roupas no varal. Bastava uma rápida aparição para sentir forças redobradas e continuar o árduo trabalho.

O sangue pulsaria com muito mais força se ele soubesse que a Maria das Dores ansiava muito mais pela oportunidade de falar com ele, de namorar e de sondar os interesses dele de casar. Casar – pensava ela – seria a maneira mais fácil de se livrar da escravidão, da vida de filha-mulher sujeita aos maus tratos dos homens da família. Trabalhar, trabalhar e só trabalhar. Nunca o convite para uma festa, uma moeda na mão, a liberdade de tomar iniciativas.

Uma vez por mês, aparecia a oportunidade de sair de casa, quando o padre visitava a capela para rezar a missa. Para rezar na igreja, todo mundo tomava banho e colocava a melhor roupa que tinha. Nessas ocasiões, os dois ficavam a poucos metros um do outro, mas nem podiam se olhar direito, porque a comunidade vigiava pela virgindade de suas moças.

Entretanto, a aproximação permitida incendiava os corpos jovens, ansiosos por aconchegos. Todos sabiam que João se instalou no topo do morro para ficar por perto, atento às oportunidades de entrar em contato com a amada. E a família sabia que, além disso, Maria das Dores aproveitaria a primeira ocasião, se ela aparecesse. Por isso, manter a vigília e a proibição só adiava o casamento dos dois. Um dia, fatalmente, se uniriam.

A morte da tia Maria trouxe muita sorte para eles, pois, teve velório e enterro que são obrigações sociais irrecusáveis, ainda mais para os membros da família. Faltar aos funerais da veneranda tia Maria, baluarte moral da comunidade, só por motivo extremo... como,

por exemplo, manter o fogo da fornalha da olaria. Maria das Dores aceitou o 'sacrifício', sem reclamar.

Com as atenções dos familiares voltadas para a morte 'do ente querido', os dois apaixonados tiveram tempo e oportunidades para se encontrarem.

Jão manteve-se discreto, repicando marretadas, como se nada soubesse. Isso, até chegar o Roberto, vermelho de raiva, alertando que fazer barulho naquele momento de luto era falta de respeito para com a família; no caso, inclusive para com ele. O rapaz, então, se desculpou. Mais tarde, à noite, iria até a capela e passaria algumas horas ao lado da falecida. Porém, só bem tarde da noite, porque tinha muito o que fazer durante o dia.

A Maria das Dores aproveitou a tarde para subir a encosta, com a desculpa de que um terneiro tinha fugido para aqueles lados. Jão, que, de longe e ansiosamente, acompanhava a movimentação no pátio da olaria, já foi descendo os barrancos e se colocando à disposição para ajudar a procurar.

Bem. Não conseguiram encontrar animal algum. Todavia, encontraram-se a si mesmos.

Maria das Dores se surpreendeu com a grande evolução do rapaz que havia conhecido anos antes, tímido, envergonhado, que mal sabia conversar. Esse parecia ser outro, com asas na língua, com explicação do quer que fosse. O comportamento também havia mudado muito. Conversava com segurança, levando por atalhos verbais que indicavam conhecimento da vida. Pelas palavras dele, tudo parecia ser simples e

fácil. Menos encontrar terneiros onde jamais estiveram.

Ela precisava apenas de alguém que a livrasse da escravidão em que cresceu e vivia. Nem sonhava com um bom marido; bastava que a tratasse um pouco melhor que o pai e que os irmãos dela. E, nisso, ele parecia ser o contrário: um companheiro que valorizava as mulheres; um homem diferente, sem atitudes machistas.

Mesmo que a conversa estivesse boa, ela precisava retornar para casa, pois a lenha queima rápido na fornalha da olaria e alguém da família poderia voltar do velório antes da hora prevista.

Chegando ao pátio da olaria, verificou atentamente se deixara algum indício de ter se afastado e, em seguida, colocou mais lenha sobre as brasas. Fez tudo isso, com a sensação de que estava mais leve, quase flutuando. Parecia que as palavras do rapaz haviam tirado todas as canseiras que, antes, pesavam sobre o corpo. Sentia uma energia diferente, jamais sentida até então. Até o serviço fluía sem desgastes e logo deixou tudo em ordem, podendo sentar na varanda voltada para o morro em que esteve horas antes.

Por sua vez, João analisava os acontecimentos com precaução. Velório são eventos raros e teriam poucas oportunidades para se encontrarem. Mesmo percebendo ser correspondido pela pretendida, tinha de ir com calma, pois o casebre em que dormia não passava de uma choça rústica, com paredes incompletas que permitiam a entrada e a saída de

passarinhos e de outros pequenos animais. Se quisesse casar, teria de construir uma habitação mais segura. Além de moradia condizente, o casal precisaria se alimentar melhor do que ele se alimentava, passando, muitas vezes, o dia roendo palmitos e frutas silvestres.

Maria das Dores nem pensou e nem analisou vantagens e desvantagens; na verdade, ela nem conseguia pensar. Sentia a mente arrastada pelo corpo impulsionado pelos instintos e pelos hormônios. Difícil adormecer sob essas tensões. A noite foi uma longa espera pelo amanhecer. Dia do enterro da tia Maria, o modelo de virtudes.

Com os familiares chorando no cemitério, a moça poderia procurar o bicho no morro. Não mais a falsa procura por um terneiro, mas a aproximação com o bicho-homem.

Essa coragem assustou João, que preferia ter o controle da situação, agindo com cautela, sem despertar ainda mais ódios da família da pretendida. Sonhava formar família, ter vários filhos, mas, vivendo em paz, sem brigas. Por isso, procurou acalmar a moça, ponderando que o pai e os irmãos dela poderiam acabar com os sonhos deles em dois gritos.

Essas reações defensivas decepcionaram profundamente Maria das Dores, que imaginava ser recebida com afagos e o convite para ficar com ele imediatamente. Ouviu o restante da ladainha em silêncio, já conformada com a sina de serviçal sem voz, uma resignada mula de carga. Diante de tantas justificativas, ficava evidente que o rapaz se

acovardava e que a liberdade dela demoraria bem mais tempo. Conformada com a própria sina, desceu a encosta em passos arrastados e foi atizar o fogo na fornalha, sem ânimo e sem esperanças.

Logo em seguida, chegaram os familiares com ‘cara de enterro’, literalmente. Com a morte da tia Maria, que rezava por todos eles, cada um teria de buscar por si só o ‘lugarzinho no céu’.

Aos poucos, as rotinas voltaram ao normal. Maria das Dores remoía as decepções amorosas e as lembranças de tia Maria iam sendo diluídas pelo esquecimento. Os homens continuaram comandando os negócios e as mulheres obedecendo sem reclamar.

Porém, um dia, os abusos acumulados superaram a cota e romperam o equilíbrio familiar. Até a mãe, sempre triste, abatida, ergueu a voz e protestou contra os desmandos do marido e as exigências dos filhos, que queriam tudo na hora e trabalhavam cada vez menos. A Cristina aproveitou a tempestade para marcar o casamento com o Tião, se pondo a salvo das confusões em casa. Assim, sobrava mais trabalho para Maria das Dores e ‘a carga acabou rompendo o cargueiro’.

Se Jão não arranjasse coragem para roubar a pretendida, ela própria ‘se roubava’ e se entocava no casebre de pau-a-pique. Preferia enfrentar a pobreza com um companheiro do que continuar trabalhando para os homens da casa.

Sem alardes e com firme propósito, foi arrumando suas coisas. No último dia, acrescentou um pouco de farinha e dividiu a massa de modo a assar um pão excedente

para levar consigo. Tudo organizado e determinada a não voltar atrás da ousadia, colocou as coisas numa trouxa e saiu para a penumbra da noite. Escolheu hora tardia para não dar chance de reação ao assustado rapaz.

Demonstrando falsa surpresa, João abriu a porta do rancho, sem convidar para que a recém-chegada entrasse. Com essa estratégia, estaria livre de recriminações por parte da família dela, pois teria sido ela a transgredir as normas morais. Porém, no seu íntimo, elogiava a coragem dela de fugir de casa. Ele mesmo não teria coragem de enfrentar as consequências. Agora que ela assumiu o desafio, ele se esforçava para corresponder à aproximação dela.

Naquela noite, não houve ‘trovoada’, pois a mãe dela silenciou as desconfianças e o pai e os irmãos chegaram tarde da bodega, pouco se importando com a ‘vida inferior’ das mulheres da família. A bulha só estourou na hora do almoço quando os homens deram pelo lugar vago à mesa. Concluíram logo que Maria das Dores estaria com João, na pedreira. Ou os dois teriam fugido para longe?

Depois de muito discutir, concluíram que já era tarde para resgatar a moça, pois, a essa altura, não seria mais virgem e não haveria o que salvar. Aproveitando a situação, o filho mais velho também abandonou a casa dos pais, indo para a cidade à procura de trabalho.

O jovem casal se manteve na defensiva por alguns dias. Porém, percebendo que não haveria represálias,

iniciaram a construção de uma cabana mais adequada para abrigar a família que formavam.

Com a ajuda de Maria das Dores, o estoque de pedras cortadas cresceu rapidamente, pois, ela organizou bem o serviço, com melhor aproveitamento do tempo e da força muscular. Realizando um sonho antigo, Jão participava do trabalho coletivo, em parceria cooperativa. Por isso, andava tomado de entusiasmos e otimista nos negócios. A alegria, talvez, ocasionasse melhores resultados que o conhecimento profissional; se sentiam solidários e estavam ganhando um bom dinheiro. Venderam toda a produção acumulada e receberam pedidos adicionais.

Observando de longe e ouvindo boatos, a mãe de Maria das Dores acompanhava e torcia pelo sucesso da filha, que foi sempre muito trabalhadeira e nunca teve uma chance de aproveitar a vida. Agora, vivendo como casada, vivia mais feliz, descansando nas horas de calor mais forte e deitando mais cedo, o que jamais lhe foi concedido na casa dos pais. Aos domingos, saía passear com o marido e fazia amizade com outras mulheres casadas de há pouco.

Quando a cabana ficou pronta, se instalaram mais confortavelmente e sentiam-se ainda mais felizes. Felicidade que aumentou ao perceberem que a barriga dela crescia anunciando a vinda de um bebê. Jão queria ter muitos filhos e Maria das Dores interpretava a gravidez como um motivo para ser aceita no privilegiado grupo de mulheres que conseguiam um

marido e contribuía para o objetivo dele, que era ter muitos filhos, provas de que ‘ele era homem macho’.

Ao saber da gravidez da filha, a mãe decidiu subir a encosta para abraçar a filha que lhe daria o primeiro neto. Nem mesmo perguntou a opinião do marido; pela primeira vez, tomou uma decisão sem consultar a autoridade conjugal. Percebia, também, que ele estava tão contente quanto ela; fingia indiferença por orgulho. No papel de durão, evitava demonstrar.

Para Maria das Dores, a visita da mãe foi tão ou mais importante que a criança que se desenvolvia dentro dela. Desejava ardentemente obter o perdão e o apoio materno, principalmente, para o parto, que temia por não ter experiência e porque a mãe jamais havia conversado com as filhas sobre ‘coisas de mulher’. Por isso, a partir dessa primeira visita, conversaram muito e planejavam confeccionar roupinhas para a criança.

Jão também participava das conversas e se colocava à disposição para ajudar no que fosse preciso. Prevendo que a gravidez estava bem adiantada, ele confeccionou um berço de vime e se antecipava nos serviços domésticos para preservar a esposa de esforços e de canseiras. Maria das Dores se sentia amparada e confiante.

Apesar de todo otimismo e das atenções do marido e da mãe, a gestante vivia inquieta, perturbada por pressentimentos de problemas com o bebê.

Conversava sobre isso e procurava se contaminar do otimismo dos outros, mas continuava temerosa. Nesse período, a vida do casal passou por dificuldades, com

noites mal dormidas e pouco tempo para o trabalho que poderia render dinheiro.

A persistência e a constância de lamentações arrastaram também o marido e a mãe para as incertezas do parto que se aproximava. Pelo tamanho da barriga, já estaria na hora do bebê nascer, mas nada acontecia.

Por fim, as dores do parto chegaram durante uma madrugada e João correu buscar a parteira, que ajudou a criança vir ao mundo sem maiores problemas. Para alegria de todos, o menino mamou como normalmente fazem os recém-nascidos. Pela manhã, chegaram as visitas trazendo frangos e galinhas para o caldo que deveria ser oferecido diariamente à mulher em resguardo. O pai orgulhoso recebia a todos com agradecimentos. Tudo transcorria dentro da normalidade.

Porém, aos completar sete dias, a criança começou a rejeitar o leite e a choramingar sem sossego. Acudiram a avó e a parteira, sem que conseguissem encontrar a causa do problema. Nem mesmo conseguiam acalmar a mãe, que recordava vezes sem conta que já tinha pressentido que algo estava dando errado com a gestação. João, ao contrário, continuava acreditando na saúde do bebê, que estava apenas passando por algum desarranjo por causa do nervosismo da esposa.

Todavia, os problemas só aumentaram e nem mesmo a parteira experiente encontrava explicação. O menino não mamava, chorava constantemente e definhava a olhos vistos. O pai tentava manter a calma e passar

tranquilidade à esposa dominada pelo temor de perder o filho.

Quando a situação se agravou, os sogros aconselharam que Jão levasse o bebê para a cidade, onde havia bons farmacêuticos e até um pequeno hospital onde enfermeiras e o médico poderiam descobrir qual o mal que acometia o neto deles. O genro aceitou o conselho e se preparou para levar o filho no colo em busca de ajuda profissional.

Porém, Maria das Dores jamais deixaria afastar o filho dela. Por isso, levantou-se determinada a acompanhar o marido. Todavia, ela estava muito fraca para caminhar tantos quilômetros sob sol forte. Então, o irmão dela se ofereceu para levar os três no carro-de-boi, que ele cobriu com um pano para fazer sombra sobre a irmã e o sobrinho.

Os animais andavam devagar e o carreteiro tomava todos os cuidados para não sacudir os dois enfermos. Por isso, levaram horas para chegar à cidade.

Na farmácia, foram orientados a procurar o médico, pois não venderiam remédios sem saber qual realmente era a doença da criança. No hospital, havia outras pessoas aguardando atendimento e eles tiveram de esperar bastante. Finalmente, uma enfermeira experiente examinou o menino, verificando se tinha febre ou sintoma de alguma doença. Perguntava e os pais iam respondendo, sem que chegasse a um diagnóstico.

Depois de muito investigar, sugeriu que voltassem no dia seguinte, porque o médico havia saído para atender

um paciente em outra vila e, possivelmente, retornaria tarde da noite. Eles, então, afirmaram que preferiam passar a noite em frente ao hospital a voltar para casa e refazer a viagem no dia seguinte. Explicaram das dificuldades e da grande distância dali até o local em que moravam.

Reconhecendo a gravidade da situação, a enfermeira ofereceu uma vaga na enfermaria, mas só para a mãe com o menino. Sem outra saída, eles aceitaram a condição. Jão e o cunhado levaram os bois e o carroça para a casa de um conhecido do dono da olaria, para dar água aos animais e pedir pousada para aquela noite, pois era um caso de doença.

Na manhã seguinte, o médico examinou o menino e não encontrou a causa da enfermidade. Mesmo assim, a mãe chorosa pedia que ele salvasse a vida do filho dela. Os exames no laboratório ficariam prontos em uma semana. Como as indicações do médico dependiam dos resultados dos exames, resolveram voltar para casa e aguardar.

Quando estavam subindo no carro-de-boi para iniciar a viagem, uma mulher se aproximou para ver a criança e perguntar sobre a situação. Diante da confirmação das suspeitas de que ninguém conseguia identificar o mal que afligia, deu a opinião dela de que a criança sofreu algum quebranto.

— Tem gente maleva, que bota mau-olhado nos otro por pura inveja...

— Nós somo pobre i vivemo em paiz; ninguém pode tê inveja da gente.

— Nunca se sabe... Mais... leva jeito – insistiu a mulher.

Jão e o cunhado não acreditavam em feitiçaria e queriam seguir viagem sem demoras. Entretanto, a mãe angustiada via na estranha uma possibilidade de salvar o filho, que, naquele momento, era tudo na vida dela.

— A senhora benze quebranto? – quis saber.

— Não benzo. Mais, sei quem benze.

Jão olhou para o cunhado e balançou a cabeça. Os dois conheciam bem a teimosia de Maria das Dores. De nada adiantava argumentar.

— Se ela encasquetá, sai da frente. Melhó i atrais – sugeriu o cunhado.

Sem outra saída, atenderam os desejos das duas mulheres e foram procurar a benzedeira.

Casa simples, protegida por bela chácara de árvores frutíferas, povoadas por pássaros cantadores. De chegada, bancos na varanda convidando para descansar as pernas. Sobre a mesa, a moringa com água potável e uma caneca de louça. Um homem sentado, pernas e braços cruzados, um chapéu de palha esfarrapada sobre o joelho, acompanhou em silêncio a chegada deles. Sinal de que não era de-casa.

O cunhado reteve os bois pela ligeira, enquanto o casal seguia a mulher que veio indicar o caminho e encaminhar o cerimonial. O homem aguardava na varanda a esposa que trouxera uma jovem enfeitada por um rapaz pouco recomendável. A conversa, então,

seguiu relembrando moças e rapazes acometidos por encantamento.

— Meu sobrinho se enrabichô por uma mulhé casada que nem olhava pra cara dele. O rapais vivia no mundo-da-lua, sem juízo pra nada. Troxemo aqui umas treis veiz até conseguí quebrá o feitiço – exaltou a mulher.

— Acontece. Já vi falá – colaborou Jão.

Maria das Dores queimava o marido com olhar de ciúme e de revolta, mas nada falou. Incentivada pelo interesse dos dois homens, a mulher voltou ao discurso histórico. Mil causos e algumas recaídas. Nem sempre a pessoa ficava livre do feitiço benzido por um qualquer. Ela mesma já havia tentado seguir os rituais que presenciava, entretanto, carecia de força sobrenatural. Ainda mais para casos de mau-olhado, que são os piores, porque enfraquecem o corpo, que vai definhando até se acabar. Os cambichos só perturbam as ideias; não chegam a matar alguém.

— Essa daqui é tiro-e-queda; cura de primera – garantiu ela.

Nisso, a porta foi aberta e saíram mãe e filha abraçadas. A moça nem olhava onde pisava. Andava apoiada na mãe, arrastava os pés, se deixava carregar sem vontade própria. O pai saltou do banco e amparou as duas. O trio saiu sem despedir. Logo em seguida, ouviram um “Pode entrar”.

A mulher que veio com eles adentrou à sala, explicou do que se tratava e chegou de volta à porta indicando que seriam recebidos pela benzedeira.

Depois de um boa-tarde protocolar, convidou a rezarem o pai-nosso. Ela rezava com os olhos fechados. Depois, fez sinal que trouxessem o doente para junto dela. Em silêncio, contemplou demoradamente a criança. De repente, voltou o rosto para os pais com olhar investigativo, sem nada dizer. Os adultos acompanhavam os rituais mágicos e o menino choramingava. Demonstrando ter encontrado a moléstia, a benzedeira virou-se para o lado da mesinha, apanhou o ramo de arruda mergulhado na água benta depositada no prato e aspergiu o enfermo fazendo sinais-da-cruz enquanto murmurava orações. A cada três cruzeiras no ar, lançava os males ao chão e pisava sobre eles.

Quando considerou que o quebranto havia sido arrancado e eliminado, sentou-se atrás da mesa e orientou os pais:

— Ao chegarem em casa, abram a casa para que o vento varra o ambiente. Debaixo do berço da criança, coloquem um pires com sal grosso. E confiem em Deus que o menino vai melhorar.

Os pais cabisbaixos assentiram com movimentos de cabeça, se despediram e saíram sem perguntar quanto deviam, pois não se devia pagar a bênção.

Ao passo lento da junta de bois, passaram pela casa da mulher que se ofereceu para ajudar e voltaram para casa, comentando os acontecidos e os perigos da feitiçaria.

Seguiram fielmente as orientações e retomaram as rotinas domésticas. A gravidez, o parto, o resguardo e

os contratempos com o filho contribuíram para que o trabalho remunerado ficasse de lado. Rapidamente, acabou-se o estoque de pedras cortadas e também o dinheiro. Por isso, João pediu a ajuda da sogra que cuidasse da esposa e do bebê para que ele pudesse produzir, vender e apurar dinheiro para as despesas deles. Queria se dedicar ao trabalho e descansar bem à noite para que desse conta das obrigações.

Tudo caminhava muito bem, menos a saúde do filho, que, passados poucos dias, voltou a rejeitar o peito e, conseqüentemente, a emagrecer. A alegria nem bem retornou e já cedeu lugar às preocupações e aos lamentos da mãe angustiada, pois, a doença voltou com força. Mais uma viagem ao hospital, mais uma visita à benzedeira e apenas mais uma semana de esperanças logo frustradas.

Durante meses, a situação só piorava. Passavam mais tempo nas estradas e nos hospitais do que no trabalho produtivo. Faziam novenas e promessas implorando a ajuda dos céus. Por fim, perderam até a fé em Deus. Talvez, essa fosse a vontade Dele; talvez, essa fosse a sina do menino que eles adoravam e que faleceu antes de completar o primeiro ano de vida.

Apesar da profunda tristeza, eles continuavam vivos, precisavam comprar roupas e os alimentos que não produziam na horta. As galinhas forneciam ovos e frangos a troco de um punhado de milho. A vaca fornecia o leite que eles bebiam e ainda sobrava o bastante para fabricar um queijo por semana. A porca, criada a base de lavagem, mandioca e batata-doce,

gerava leitões que eles transformavam em banha, salame e chouriço. Eles compravam sal, açúcar, feijão, arroz, farinhas e algum pedaço de carne.

Aos poucos, superaram a decepção e se concentraram no trabalho. Conseguiram formar uma pequena poupança e melhoraram as instalações para os animais: três cabeças de gado, alguns porcos e muitas galinhas. Com os devidos cuidados, a horta mostrava exuberância e produzia um bom excedente de legumes e verduras que passaram a vender, obtendo, assim, uma segunda fonte de renda.

Talvez pelo ambiente de tranquilidade, talvez por sorte, uma nova gravidez ia mostrando barriga e eles voltaram a sonhar com um filho, que seria o primeiro dos muitos filhos que queriam ter. Estavam bastante animados, convictos que, desta vez, daria tudo certo. Infelizmente, não deu. O bebê não completou a gestação.

Mais um calvário de tristezas, o retorno às lidas diárias e a terceira gravidez. Gravidez interrompida no quinto mês, para a imensa decepção da família. Houve ainda uma quarta gravidez interrompida espontaneamente. Lamentavam que Deus não os abençoasse com um bando de crianças a correr pelo pátio.

Benção alcançada na quinta oportunidade, em que nasceu um menino de bom tamanho e aparência saudável. A alegria dos pais foi maior que o mar de tristezas pela perda dos quatro bebês anteriores. Porém, passado um mês, a criança adoeceu e voltaram todas as preocupações.

Como aconteceu com o primeiro menino deles, começou a choramingar, parecia não ter fome e perdeu o rubor das faces. Levaram ao hospital, procuraram outros médicos e até os benzedores tentaram. As dificuldades eram muitas, mas Jão estava disposto a garantir ao menos um herdeiro para seu nome.

Alguém insinuou que a causa seria o relaxamento dos pais que demoravam muito para batizar o filho, esperando pela visita do parente escolhido para ser o padrinho da criança. Para tapar a boca dos fuxiqueiros e como esperança de salvar o filho, abriram mão do padrinho escolhido e pediram que os avôs maternos segurassem o neto diante da pia batismal.

Talvez, por tamanha vontade de ter um filho; talvez, por benção de Deus; talvez, por terem consultado todos os médicos da região e algum deles ter acertado a medicação, ... Talvez, por tudo isso, o menino sobreviveu, mesmo com muitos problemas de saúde.

SOBREVIVENTES

A umidade e o frio se instalaram sob o teto de nuvens baixas por duas semanas. Os seres vivos hibernavam ao natural.

Se os raios solares chegassem às pedras, algum calor seria retido e daria ânimo para trabalhar na pedreira. Entretanto, depois de dias de céu encoberto, Jão preferia ficar em casa, sentado ao lado do fogão a lenha, com as mãos nos bolsos, ouvindo Maria das

Dores reclamar das roupas lavadas que não secavam. Principalmente, as roupas-de-frio, as roupas mais grossas.

O calor do fogo se concentrava na cozinha durante o dia. Por isso, à noite, ao irem para o quarto parecia que o frio aumentava e que os lençóis estavam úmidos, gelados. As estratégias de levar calor para a cama incluíam aquecer tijolos maciços para serem embrulhados em panos e colocados sob as cobertas com a finalidade de esquentar os pés. Assim, logo o leito se transformava num ninho aconchegante e eles dormiam confortavelmente.

Se fosse verão, saíam cedo da cama para aproveitar a aragem matinal. Ao contrário, nas manhãs inverniais em que a neblina envolvia tudo, o casal permanecia na cama, mesmo sem sono e sem dormir. Aproveitavam para conversar, relembrar o passado e planejar atividades ‘para o dia que saísse sol’.

— Que inverno brabo – exclamou João.

— Perigoso pra saúde. Só dá gripe e o João Pedro nem se cuida; se molha à toa – complementou Maria das Dores.

— Poisé. A coisa tá feia. Tá difícil de cortá pedra, não tem o que vendê, não entra dinheiro, ...

— Mais, já tivemos pior. Inté que, agora, as coisa tão bem...

— É. Sempre tivemos dificuldade... A vida foi passando... Muda muito poca coisa – concluiu o marido.

As análises refletiam essa triste realidade: as condições de vida continuaram como sempre foram. A fortuna não passou nem por perto; mal sobrava dinheiro para manter a casa e comprar ferramentas. Os sonhos de riqueza foram aos poucos definhando e o casal já se contentava com o pedaço de terra herdado dos pais de Maria das Dores. Jão admitia que muitos segredos continuavam escondidos nas rochas e que os cortadores de pedra trabalhavam muito para receber uns trocados dos que comercializavam as peças e enriqueciam com o trabalho duro dos outros.

Aquele jovem de ideias brilhantes e de conversa animada que encantou a moça que padecia nas mãos do pai e dos irmãos machistas estava muito diferente, conformado com as maldades do destino e faceiro por contar com a ajuda do rapaz no trabalho e nos projetos de melhorias para a família.

Maria das Dores recordava que, quando conheceu Jão, ele era livre como um passarinho, fugindo de namoros e de compromissos casamenteiros. Flertava com sorrisos a uma distância segura dos cabrestos oferecidos. Sonhava tirar dinheiro das pedras e viver folgado, trabalhando na manha, quando e enquanto tivesse vontade de trabalhar. Buscou a sorte em outras paragens e, de repente, voltou. Se ofereceu para explorar a pedreira considerada inútil pela família. Aí, deu um estalo na cabeça dela: o rapaz poderia ser uma tábua-da-salvação. Súbito, viu possibilidade de se ver livre das amarras familiares, de construir um lar com alguém tão simples e tão pobre quanto ela. E, como ele

se mostrava arredio, sem coragem de ‘roubar a moça’, ela tomou a iniciativa e fugiu para a cabana dele.

De doença em doença, à base de muito remédio e de muita garrafada, o João Pedro chegou à adolescência. Quietos, circunspectos, sob a proteção dos pais, sempre temerosos de ‘perder o único filho’. Acabou com todas as bardes de ‘filho único’.

Os pais, que sofreram muito por serem analfabetos, almejavam que o filho aprendesse a ler e a escrever; que fosse bom aluno para ‘ser alguém na vida’. No entanto, ele se comportava na escola como se continuasse em casa: só fazia o que queria, sem esforço, preferindo os recreios a ficar sentado em silêncio, seguindo as orientações dos professores. Assim desinteressado, ia tropeçando nas notas e consumia dois anos para completar as etapas letivas anuais. Mesmo sendo muito inteligente, pouco aproveitava os talentos que tinha. Desdenhava dos colegas ‘caxias’ e faltava a muitas aulas.

Os temores dos pais alimentavam as supostas doenças do filho, que se aproveitava da situação para ficar em casa brincando, sem ajudar a mãe ou o pai. Vivia como um pequeno príncipe... pobre.

Por outro lado, a saúde de Maria das Dores piorou com as gravidezes, abortos e tantas preocupações com os filhos. Nasceu miúda e cresceu nas condições precárias em que vivia a família; trabalhou desde criança e desgastou-se em serviços domésticos e nas labutas industriais; a saúde sempre foi frágil e piorou com a idade. Com alimentação escassa, sobreviveu às

insalubridades e às intempéries, na casa dos pais e, depois, com o marido. A fragilidade física se refletia em abatimentos, em tristeza permanente, em desânimos contínuos. Só confortada pela inabalável fé em Deus.

Jão considerava normal que a esposa não tivesse ânimo, porque eles eram pobres, porque ainda sofriam pela perda dos outros filhos e porque o João Pedro poderia ser levado pela morte a qualquer momento. Talvez, esse temor de perder o filho-único fosse o sentimento mais forte que compartilhavam. Em geral, viviam estados de espírito opostos: ela, acabrunhada; ele, cheio de ideias e de projetos.

Um dos projetos deles era aprender ler e escrever. Ela sonhava poder ler a Bíblia e ele queria ‘tirar carta de motorista’. Para isso, contaram com a sorte. Se, por um lado, a fortuna fugia deles; por outro, a oportunidade de estudar surgiu na hora certa. Convidados, com outros vizinhos, para participar de um curso de alfabetização, se inscreveram e, lado a lado, manusearam letras e algarismos, para desvendar as escrituras, calcular as quantias e obter os documentos.

A aprendizagem e o domínio da escrita aprofundaram ainda mais as diferenças entre os cônjuges; a esposa ensimesmou-se em liturgias e o marido desbravou o mundo com seu primeiro automóvel.

Logo depois que casou, Jão comprou uma bicicleta usada e, com ela, ia até a cidade. Era melhor que o cavalo, pois não comia, nem fugia. Entretanto, não andava sozinha. Anos mais tarde, comprou uma motocicleta que substituiu o cavalo e a bicicleta com

algumas vantagens e muitos perigos. O primeiro deles, o perigo de acidentes, como já havia acontecido com outros moradores das proximidades, poderia cair, bater numa árvore ou atropelar um boi. Ele pilotava sem habilitação e a máquina poderia ser roubada.

Maria das Dores detestava cavalgar e andar de bicicleta. Não confiava em cavalos e pedalar estava além de suas forças. O marido a convenceu a embarcar na garupa da motocicleta e, muitas vezes, ela reconhecia que era condução mais adequada para ir à cidade ou visitar um parente. No entanto, os tombos deixavam o corpo ainda mais alquebrado e só aceitava carona por extrema necessidade. Preferia andar a pé. Menos perigoso...

Tão logo conseguiu a carteira de motorista, João convenceu Maria das Dores a gastarem a poupança que reservavam para a eventualidade do filho ficar doente, comprando um automóvel que oferecesse mais segurança e proteção contra a chuva e o frio. Com o carro, poderiam ir para a igreja, carregar as compras do mercado, levar o filho ao médico e visitar pessoas.

A primeira pessoa que João quis visitar foi o Peregrino. Sem informações, precisava conversar com alguém que fosse amigo dele. Iniciou, visitando as regiões em que ele costumava acampar. No terceiro dia de buscas, soube que o artesão-filósofo estava a alguns quilômetros dali e retornou ao lar, planejando ir ao encontro do mestre na companhia da esposa. Ela, porém, dominada por indisposição profunda, preferiu ficar em casa, protegendo o filho. Então, ele decidiu ir

de motocicleta, deixando o carro para alguma emergência de saúde. O filho dirigia, mesmo sem habilitação.

Agora, sabendo ler e escrever, Jão pretendia fazer boa figura, lendo o que lhe fosse indicado e anotando as orientações recebidas. Preparou-se, também, para organizar os pensamentos, de forma a perguntar as coisas importantes na ordem de aprofundamento e formular novas perguntas sobre o que lhe foi dito. Escolheu começar por questões gerais.

Levado pela velocidade das rodas, venceu os quilômetros em minutos e, depois de recompor a cabeleira amassada pelo capacete, sentou-se diante do mestre. Sem perder tempo, desfilou as dúvidas.

— Será que, em outros lugar, tamém é tão difíci?

— Dificuldades para o povo. Em todos os lugar. Os grande explora os pequeno, em qualquer região. Quem tem poder de mando sempre tira vantagem da situação – respondeu Peregrino.

— Então, é como aqui: os tubarão se aproveita dos coitado como eu, que trabalha, trabalha e não consegue juntá dinheiro – refletiu Jão.

— “Dinheiro gera dinheiro e pulga gera pulga”, diz o provérbio popular.

— Trabalhei a vida intera e não consegui juntá dinheiro pra comprá um pedaço de terra. A mulhé ganhô do pai o canto de chão que a gente mora. Mais um barranco que um terreno. Falta o documento...

— Enquanto isso, os agrimensor escolhe e os tabelião escritura os melhó terreno pra eles e pros chefão, pro escrivão, pro juiz, pra Igreja, pro deputado, ... É a guerra da caneta contra o dedão: os advogado, os agrimensor e os tabelião expulsa os posseiro que não consegue regularizar as posse, mesmo as antiga. E, quando tem o documento da terra, os jagunço vêm mostrá quem manda. Os posseiro precisa defendê a casa e a terra deles à força e, quase sempre, sem arma e, muito menos, podendo contá com os vizinho. O pobre depende de cachorro, de foice e de facão. Ameaçado e vencido no caso de resistência, o pobres perde tudo; muitas vezes a própria vida. Os sitiante remediado são ‘convidado’ a assinar escritura pública ‘de desistência’, tendo de migrá pra região distante, pois, pode ser perseguido. Os fazendeiro e coroné barganha com os governo, que tolera as ação dos grileiro, dos especulador e dos agrimensor do Estado. As escritura são escrita na Capital do Estado, muito longe das terra e fora do alcance dos posseiro e dos sitiante.

— Não sei de nada. Nunca vi esses daí. Só queria fazê a vida, vivê folgado.

— Sim. É isso que digo: os graúdo no bem-bom e o povo na penúria.

— Então, não tem jeito? – quis saber o camponês.

— O governo paternalista explora o povo ingênuo. Oferece migalha em troca da fidelidade cega. O povo precisa reagí, deixá de sê lambe-botas.

— Sim, senhor.

Com aquele “Sim, senhor”, João assinava a declaração de servilismo compartilhada pelos posseiros da região; confirmava a condição de servidão. Estava alfabetizado e carregava a ‘carta de motorista’; mesmo assim, continuava um escravo. Ou pior, um desvalido, um boi de manada.

— Quando aprendi a lê e escrevê, pensei que ia mudá de vida... Poco mudô...

Ao ouvir a novidade, Peregrino levantou do cepo e entrou na cabana. Depois de instantes, saiu com um livro aberto na mão.

— Como você já sabe lê... Veja você mesmo o que tá escrito.

João segurou o livro com as duas mãos, espremeu os olhos e correu a vista pelas duas páginas abertas. Tentou soletrar, ensaiou entendimentos... e desistiu.

— Num truxe os óclo... Num dá de lê.

Peregrino recebeu de volta o baú de segredos, olhou demoradamente para João e, em seguida, recitou:

“Quando um fazendeiro vende suas terras, os posseiros confrontantes correm o risco de perderem o pedaço deles, pois o novo proprietário pode alegar ter comprado ‘tudo’. Os grandes proprietários processam os posseiros, pois sabem que eles não têm escrituras dos terrenos. Os donos anteriores, quase sempre, estão presos a vínculos sociais, negociais ou religiosos (compadrio) que consideram imoral a tomada de terras contíguas. Os novos donos podem tomar conta de tudo, antes de assumir a ‘amizade’. Quando vendem, os

fazendeiros vendem 'a propriedade', incluindo os agregados, os posseiros e suas famílias. Os caboclos que não estiverem anexados à propriedade serão convidados a reconhecer o domínio dos ricos.

O instrumento do compadrio, abençoado pela Igreja, consegue mais um braço para a lavoura; é gesto de submissão do trabalhador rural. Quanto mais agregados, peões e compadres, maior o poder político e econômico do capitalista. Cresce sempre mais a concentração de poder.

Os sitiantes remediados são 'convidados' a assinar escrituras públicas 'de desistência', tendo de migrar para regiões distantes, para não serem perseguidos.

Os ricos fazendeiros e coronéis barganham com os governos, que toleram as ações dos especuladores e dos agrimensores do Estado. As escrituras são lavradas na Capital do Estado, muito longe das terras e fora do alcance dos posseiros e dos sitiantes.

Os proprietários, os vizinhos e os herdeiros não têm o direito de provar aos tabeliões quem são os proprietários dos terrenos limítrofes; essa é uma das ferramentas dos 'doutores agrimensores'. As autoridades não oficializam as atualizações imobiliárias; mesmo que o requerente apresente documento daquele mesmo cartório, nas escrituras públicas, constará o nome que está nas escrituras anteriores, de pessoas sabidamente falecidas e inventariadas pelo próprio tabelião.

Os agrimensores, os tabeliões e os advogados não dão valor para a palavra dos herdeiros, dos parentes ou dos

vizinhos; no máximo, seguem as opiniões de um fazendeiro ou coronel; de um modo geral, defendem apenas seus interesses, diretos ou indiretos, como prepostos de alguma autoridade.”

Jão ouviu menos do que Peregrino leu. Por dificuldade de acompanhar a oratória e por desconhecimento do significado de alguns vocábulos. As análises filosóficas ecoavam distantes da mente do ouvinte, como nuvens que passavam muito acima da cabeça deles.

Os sermões fugiam do entendimento de quem buscava apenas ‘viver folgado’, com dinheiro no bolso, sem trabalhar. Pouco importavam as filosofias e os engravatados. Desiludido, pois esperava receber informações sobre atalhos que conduzissem à fortuna, embarcou na moto, com a firme determinação de esquecer o mestre artesão.

— Ficô caduco!

VIUVEZ

Maria das Dores andava corcunda, sem ânimo para nada. O filho, tão logo alcançou a maioridade, esqueceu as moléstias, também ele ‘tirou carta de motorista’, se inscreveu num concurso, comprou um carro e deixou de dar atenção à mãe. Sem a ajuda e a companhia do filho, o volume de pedras cortadas se reduzia à míngua e as dificuldades financeiras impediam que o marido pudesse dar melhor tratamento à esposa.

Mesmo que estivesse sobrando dinheiro e que houvesse bons médicos e hospitais, provavelmente, a sina de Maria das Dores não mudaria. Como não mudou com as orações diárias e as promessas à Virgem, padroeira da paróquia e razão de seu nome. Das poucas chances que teve de ter filhos, sobrou o João Pedro, que cresceu rápido demais e deixou de depender dela. Sem outras razões para viver, entregou-se à morte com resignação.

O marido, num primeiro momento, mergulhou na tristeza compartilhada com o filho; remoíam a orfandade, a viuvez e as amarguras da pobreza. A casa com aspecto de abandono refletia o estado de ânimo deles: parecia vazia, sem alma.

A vida, porém, continuou e, em duas semanas, voltaram às atividades rotineiras. Recomeçaram a caminhada ainda contidos, silenciosos.

Jão subia a encosta em passo lerdo e batia nos pinos com vagar, produzindo muito pouco. Para manter o corpo, contava com os alimentos que o filho trazia ao final da tarde, quando retornava do emprego. E a alma, desfalecida pelo luto, revigorou-se com os ares da montanha e foi, aos poucos, despertando para sonhos ainda não sonhados.

Sempre fora tímido, acanhado, pois, além das limitações sociais, temia ser rejeitado e passar vergonha. Agora, porém, estava envelhecendo e pouco restava a perder. E, se esperasse mais, mais velho estaria, menos atraente e, com certeza, com menos tenência. Resolveu conversar com o filho.

— Ô, João Pedro, tive pensando “isso vai acabá em nada”. Nós dois aqui, sem muié...

Vacilou para confessar os maus pensamentos que andava alinhavando enquanto trabalhava na pedreira. Temia as reações do filho se contasse que andava planejando aventuras. Por sorte, o outro também alimentava fantasias.

— Pai, não é fácil assim. As mulheres estão cada vez mais exigentes e não vão querer morar num rancho... Bem que eu queria...

De fato. A casa estava caindo aos pedaços... Mas... sempre tem uma pobrezinha que aceita um abrigo, mesmo que em desalinho. Todavia, foi mal entendido. Ou havia esquecido que o filho já era homem feito, com idade para casar e ter filhos?

— Você tá pensando de casá? – admirou-se o pai.

— É meio cedo... Mas... o senhor começou...

Jão aquietou; precisava se recompor. Esconder as próprias ânsias, fingir empatias.

— Como uma coisa puxa a outra... Você acha que tua mãe ficaria magoada se eu casasse outra vez? – arriscou.

E o João Pedro, na maior tranquilidade:

— O senhor tá mais pronto que eu.

— Você acha?

— Se não tiver pronto agora, quando vai estar?

— Poisé. Será que alguma muié vai aceitá casá comigo?

— Sempre tem alguma abilolada solta por aí – brincou o filho.

Essa gozação acabou com a vontade de conversar. João levantou-se e foi fechar a porta do galinheiro, para que não perdesse também as galinhas.

A prosa abriu as negociações. Não encaminhou uma permissão, ainda. Todavia, a parte mais difícil estava realizada: expor os sentimentos de viúvo há pouco tempo, literalmente, com o saco cheio. Precisava dar vazão aos hormônios, sem provocar indignações da família da falecida. Para eles, o viúvo deveria guardar luto fechado por um ano. A comunidade estava atenta aos deslizes morais.

Durante dias, João planejou soluções para os dois problemas: satisfazer as apetências e respeitar o período de luto.

Conversando com um caminhoneiro que veio carregar um lote de pedras, expos o drama colocando exageros nas dificuldades. O homem se compadeceu de tanto sofrimento e prometeu ajudar. Ele sabia de uma “mulhé louca pra casá”. Era de longe, como convinha. E estava à deriva, procurando um banco de areia para encalhar. Se prontificou de conversar com a tal e de trazer informações.

Foi uma longa semana de esperas. Finalmente, chegaram o caminhoneiro e as notícias. Tudo certo. Trouxe um pedaço de jornal com o nome dela e o endereço. A porteira estava aberta; bastava entrar.

Com a pressa que estava, João esperou ansiosamente pelo anoitecer e se esgueirou pelas sombras até a

moto, que empurrou no escuro, sem ligar o motor e o farol, até estar bem longe dos olhares da família. Depois, enfrentou o vento e o frio movido pelos impulsos vitais.

Dada à distância para ir e voltar, passou mais tempo na estrada do que nos braços da 'noiva', pois, deveria amanhecer em casa. Durante o dia seguinte, bocejando sonos e canseiras, tropeçava nos próprios pés. Fingiu trabalhar e procurou ficar quieto. Porém, seria impossível despistar do filho, que olhou para o pai com sorrisos irônicos. No mais, fingiu não ver. Foi trabalhar e, à noite, fechou-se no quarto, como sempre, para ler seus adorados livros.

Ao anoitecer, a cena se repetiu. No dia seguinte, também. E mais uma vez. A última. A mulher rapou todo o dinheiro e mandou o besta passear. O futuro casamento finava recém-nascido.

Entretanto, o gosto de aventura permaneceu na boca. E no resto do corpo também. Para quem viveu décadas de monotonia, até o fracasso conduzia à felicidade. O desenlace despertou a fera. Sem dinheiro, ainda; precisava se recompor dos desgastes, trabalhar, ganhar dinheiro e ... dormir, refazer as forças. Logo, voltaria à procura de uma companheira; não ficaria sozinho.

Para a segunda tentativa, mudou de rumo: foi para o Norte. Tomou algumas providências, também. Anotou o número do telefone da possível candidata e pediu ajuda para levantar informações. Afinal, na experiência anterior, aprendeu lições.

A coleta de informações demandou mais esforços e tempo do que imaginava. Quando o mapa amoroso estava delineado, o fogo das ansiedades havia amainado e o primeiro encontro acabou protelado. Mas, aconteceu.

O caso era bem outro. A mulher era muito exigente. As pesquisas foram favoráveis. Porém, os telefones transmitem palavras; não garante que sejam verdadeiras. Apenas transmitem o que for dito. Não mentem, mesmo em relatos parciais e interesseiros.

A mulher exigiu que ele cuidasse dos dentes e que disfarçasse a idade refletida nos cabelos. A roupa também precisava de substitutas de qualidade e coerentes com a moda atual.

Para atender a essas demandas, João teve de se despir da preguiça e dobrar as marretadas na cabeça dos pinos, retinindo pancadas da meia-luz do alvorecer até a penumbra do crepúsculo. Diante de tamanha dedicação, a família de Maria das Dores reagiu indignada: onde já se viu o molenga levantar cedo para trabalhar e caprichar no corte das pedras. Pior ainda: se empetelecar para a outra, coisa que jamais fez pela falecida. Que abuso! Que cara-de-pau!

Indiferente a essas recriminações, o malandro intensificava os esforços e pedia opinião aos libertinos e às devassas de como deveria agir nas estratégias de conquista. Preparava-se para seduzir mais que uma mulher, porque, se essa também fugisse do laço, estaria preparado para repor a perda antes que pudessem gozar da cara dele.

Seguindo as orientações dos maiores galãs e das mais bem sucedidas concubinas, mudou o penteado, pintou os cabelos, aparou e envernizou as unhas, fez testes diante o espelho para decidir sobre arranjos com a barba, comprou roupas de-marca e botas reluzentes. Assim engomado, parecia ser outro e não um caipira desleixado.

Esse curso preparatório, a recuperação das energias e a formação de reservas financeiras para custear a investida consumiram um mês de atividades intensas. Com dinheiro no bolso, cabelos lambidos, bigodes espetados, roupas vistosas e músculos rijos, rumou para o ataque final.

Porém, o desempenho foi fraco: as engomações tolheram a naturalidade e travaram a prosa fácil. Jão tentava representar o papel recomendado, enquanto gaguejava e tropeçava nas cadeiras. Na tentativa de parecer galante, falava besteiras. A situação se agravava quando ele ensaiava carícias desajeitadas. Enfim, não sendo ele mesmo, piorava o desempenho amoroso com trapalhadas.

Essa campeada e mais algumas outras investidas arrasaram as economias, provocavam gozações, alimentavam fofocas impiedosas. O projeto de galã renunciou das pretensões e se recolheu no rancho, contando apenas com os consolos do filho. Esse, ao menos, evitava ironias e recriminações.

Aos poucos, a vida voltou ao de-antes: levantar tarde, comer o que tinha, subir para a pedreira, voltar cedo porque ‘o sol está quente’, comer o que tinha, sestar

religiosamente, voltar às ferramentas, comer o que tinha, conversar com o filho e adormecer as frustrações. A rotina estabelecia o fluxo monótono dos dias, semanas, meses.

O cabelo havia crescido o bastante para que fossem cortadas as mechas pintadas de amarelo, a barba voltou a crescer livremente, as roupas mofaram e o vocabulário regrediu a conversas matutas. Navegava nesse marasmo quando avistou ao longe uma figura feminina correndo atrás de um terneiro desgarrado. Além de despertar a atenção dele, a cena contribuía enormemente para o descanso. Afinal, “cortar pedras pra quê”?

Levantou-se da pedra em que estava sentado, esticou o corpo, bocejou e sentiu vontade de ajudar. Na verdade, sentiu vontade de deixar as ferramentas descansarem, pois encontrou um motivo para “dar uma volta”. Enfrentou o mato, os espinhos, as pedras, os buracos e o sol forte. Nada lhe incomodava. Nem mesmo a mosquitaria.

Andou aos trancos, caindo, levantando, tentando localizar a mulher e/ou o terneiro. Entretanto, perdeu-se ele próprio na capoeira e nem via, nem ouvia sinal da dupla. Mas, como já estava no mato, seguiu a busca aleatória, sem rumo ou referência. Tanto andou (e tanto se arranhou), que atravessou a mata e deu num potreiro rapado.

Bem. Já que estava ali, por que não ir adiante para ver o que encontrava?

E encontrou uma mulher consertando a cerca de arame farpado por onde o terneiro havia fugido. Ela estava com dificuldades para emendar os fios e nem olhou para o desconhecido que chegava.

— Qué ajuda?

— Não carece.

Jão ficou observando o esforço e a indignação dela manifestada em resmungos.

— Droga! Essa porcaria...

Bem. Ela não aceitava, porém, estava evidente que as dificuldades dela impediriam a realização da tarefa. Um homem tem obrigações com as pessoas mais frágeis, sejam elas mulheres, crianças ou idosos. Sentia-se, pois, na obrigação de ajudar, mesmo que ela recusasse ajuda.

— Deixa eu metê a mão grossa de calo nessas farpa. Poupa a tua pele...

Contra vontade, ela se afastou, ainda sem olhar para ele. Era visto que já conhecia o cortador de pedras, que sabia da morte da falecida e das estocadas do viúvo. Mais que isso, andava sondando a possibilidade de casar antes da menopausa. Por ser a caçula, teve de cuidar dos pais e ainda cuidava da mãe já bem velha e doente. Os pais – e, depois, os irmãos – depositaram nela a responsabilidade de ‘cuidar dos velhos’, até que morressem.

Por falta do apoio de alguém que intercedesse por ela, foi atrasando os sonhos de vida própria, de ter um marido, uma casa em que ela mandasse. Permanecia

sob as ordens da mãe meio desmiolada, birrenta contra qualquer mudança na casa, na criação ou nas roças. Tudo deveria continuar como o pai deixou. Depois que ela morresse, poderia procurar um marido, casar, fazer o que bem entendesse. Até lá, ‘que baixasse o facho’.

Tudo bem que a mãe fosse a dona da casa e que determinasse o que deveria ser feito com o gado e com as safras, mas... mandar no corpo dela... Isso era demais. Procurava alguém que lhe abrisse as entranhas. No entanto, naqueles cafundós, ninguém aparecia para desvendar o seu cafundó. Logo que soube do desenlace e das escaramuças do ‘bode velho’, reacendeu as esperanças de resolver seus problemas íntimos.

Agora, estava ali pregada ao chão, sentindo cheiro de homem, sem forças para fugir ou coragem de agarrar o viúvo.

— Pronto. Aqui, o ternero fujão não consegue passar mais – declarou o macho, demonstrando ser rijo e eficiente.

Ela continuou parada, de costas, em silêncio. Parada, em silêncio. Porém, sôfrega, trêmula. O suficiente para o homem acudir, querendo saber o que estava acontecendo.

Aí, aconteceu.

SEGUNDO CASAMENTO

Lorena e Jão eram pobres. Um tão pobre quanto o outro. Mais pobres que a maioria dos vizinhos. No entanto, eles possuíam um segredo, um segredo só deles. Na capoeira que cobria a encosta, surgiu uma trilha que ligava a pedreira ao potreiro e, por onde, os dois amantes passavam para se encontrarem.

Jão, agora, ia cedo para o trabalho e marretava alegremente à espera de uma visita ou de um assobio chamando para o deleite dos apaixonados. O amor realiza esse milagre de rejuvenescer os velhos, pondo na cara deles um contentamento difícil de esconder.

Por isso, o João Pedro foi estranhando os comportamentos do pai, que cantarolava bem disposto e, nunca mais, falava da mãe, da tristeza pela morte da esposa e de desânimos permanentes.

Quando se encontravam aos fundos da casa dela, Jão queria saber dos negócios, do rebanho de gado, dos documentos das terras, do valor da aposentadoria da mãe dela, e tudo o que pudesse reverter para ele, caso casasse com ela ‘de papel passado’. Lorena se queixava dos resmungos da mãe e da trabalhadeira com a casa.

— Você limpa as porquice da velha?

— É minha obrigação... É minha mãe...

— Mais, teus irmão também tem de ajudá –
contrapunha Jão.

— Tem um deles que, vez em quando, ajuda no trabalho pesado. Com o resto, eu me viro. O dinheiro dos aposento da mãe dá pras despesa.

— Ainda bem que a velha recebe um dinherinho pra bóia...

Quando visitava o namorado na pedreira, a Lorena esquecia das agruras domésticas e demonstrava interesse pelas técnicas dele.

— A gente pode cortá qualquer pedra?

— Toda pedra corta. Se for dura... Quanto maior, mais dura, mais fácil de cortá, rende mais. Os veio segue a direção do sol; sempre assim (mostrando com os dedos), daqui prali; e assim e assim (mostrando leste-oeste, norte-sul, e horizontal).

— Quem te ensinô tudo isso?

— Aprendi sozinho. Quédizê. Arreparando os otro. Ninguém qué ensina. A gente aprende no sofrimento, espiando os outros.

— É só furá que a pedra racha?

— Não, senhora. Tem de encontrá os veio... Arrepare aqui – enquanto vai falando, João mostra a seda da pedra, as linhas de corte.

— Ah! O liso da pedra tá nesses brilhaço – admirava-se ela.

Lorena passava a mão sobre as pedras inteiras e, depois, comparava com as faces abertas. Por dentro elas eram um pouco diferentes da casca desgastada

pelo sol e pelas intempéries. Tudo era curiosidade para ela.

— Onde será que veio tanta pedra? – se admirava ela.

— As pedra vêm da terra. Sobe quente e, depois, esfria.

— Lá im casa, tem pedra lascada bem retinha, feito uma mesa... E ninguém cortô assim.

— Essas pedra lisa sem marca de pino estoraram porque tavam muito quente do sol o de fogo de queimada e choveu frio em cima.

— Só que aquelas pedra são mais lisa que essas daqui...

— Eu vi lá. É pedra da boa, grana fina.

— Que é isso, grana fina?

— Tem grana grossa, grana média e grana fina. Pedra ferro é a mais fina.

De conversa em conversa, eles iniciaram um relacionamento experimental, “pra vê se dá certo”. Ele ia à casa dela, ela ia à casa dele; começaram a se encontrar sem levar em conta as opiniões alheias. Cada um continuava cuidando de suas coisas; ela morando com a mãe, ele morando com o filho.

A mãe repudiava ‘aquele homem horrível’; os dois nem davam bola para as ameaças. O João Pedro fingia não ver... até o pai entrar no assunto.

— Poisé, meu filho. Teu pai tá namorando...

O rapaz continuou a leitura sem se alterar.

— Então? Não tem nada pra dizê? – insistiu o pai.

— O que vou dizê? Autorizá que namore? O senhor tá viúvo e tem mais que se ajeitá na vida – opinou o filho.

— Intão... não tem nada contra?

— E por que hávéra de ter? Seja feliz!

Naquela noite, os pensamentos reviraram a cabeça de João. As poucas pessoas com quem tinha contato reagiam com um misto de ironia e de reprovação. Os acontecimentos seguiam a lógica natural. Os instintos escrevem a Lei da Natureza concedendo direitos associativos a solteiras, viúvos, amasiados, amantes ou cônjuges. Porém, a Lei Moral condena e marginaliza aqueles que desrespeitam o período de luto e os ritos sociais. O João Pedro sentia essa pressão na comunidade e no local de trabalho. As pessoas mais francas chegavam a recriminar publicamente a ‘sem-vergonhice’. Enquanto os dois apaixonados flutuavam na bolha do amor.

Porém, o tempo desmancha até pedras e, logo, a nuvem de fofocas foi diluída em esquecimentos. O povo fechou os olhos para as transgressões do casal. Entretanto, as lutas internas continuaram e até aumentavam.

Lorena ansiava por melhorias na casa e sonhava andar de carro, desejos que, sozinha, não conseguia realizar. Desde o início do namoro, relatou as dificuldades, as possibilidades e os projetos que tinha em mente. João mantinha o espírito jovem e procurava estar na moda. Não só no modo de vestir e de cortar o cabelo e a barba; falava ao celular, pilotava a motocicleta, dirigia o carro e comprava ferramentas elétricas. Nada de

montar cavalos, derrubar árvores a machado ou passar a vida em casa, só trabalhando.

A casa de João também necessitava de consertos, reformas e pintura, que eram sempre adiados para mais adiante. Acomodados, pai e filho conviviam com esses problemas desde antes da viuvez e da orfandade. Assim, ao invés de consertar, reformar e pintar duas casas, por que não cuidar só de uma?

Assim, conversando com a namorada e conversando com o filho, concluíram que poderiam morar os três na mesma casa. Quer dizer, os quatro, pois, havia também a mãe de Lorena. A vantagem de optar pela casa da mãe dela estava no isolamento em que já viviam as duas mulheres, ao passo que, a contiguidade com a família de Maria das Dores mantinha sobre os dois homens tempestades de críticas incriminatórias. Por isso, concordaram de se juntarem sob o teto da mãe de Lorena.

João se instalou ao território conquistado com afã de adaptar as edificações, as pastagens e as roças segundo sua visão de mundo. Aproveitou o momento de instabilidades resultantes da invasão para modificar tudo o que julgava necessário e para pôr em prática as melhorias sonhadas por Lorena há muitos anos. Queria atender todas as vontades da amada.

No começo, tudo era festa. Inclusive para o João Pedro que ficava só olhando de longe. As goteiras foram estancadas, o gado ganhou mais espaço, a água ganhou canos para chegar à cozinha e ao banheiro, janelas e portas se abriram para a luz do dia. Aos poucos, o

progresso explodiu a estabilidade construída durante décadas.

A ‘velha’ mãe da Lorena, inicialmente vencida no susto e levada pelo turbilhão, foi acumulando raiva até soltar o verbo. Se revoltou com as intromissões do genro que “metia o bedelho em tudo o que o falecido havia deixado”. Ela, que havia lutado para manter as coisas como sempre foram, via as reformas e os gastos como esbanjamento do patrimônio deixado pelo falecido marido.

A mais grave delas, foi vender um lote de gado para comprar um automóvel e saírem os dois ‘em lua de mel’. Ainda mais que um dos animais negociados era a vaca velha, “tão mansa que só faltava falar”, pois entendia o que lhe diziam e produzia mugidos diferentes para cada situação que quisesse comunicar às pessoas. Remoeu as iras durante os dias em que “a filha enrabichada vadiava com aquele homem horrível”. Espumando, aguardou a volta dos ‘dois pombinhos’ e mandou embora o intrometido. Falou com determinação, ameaçou, apontou o dedo para a estrada e repetiu muitas vezes as ordens. Tudo inútil. A filha balançava a cabeça e o namorado dela ria com deboche. Então, se sentiu velha mesmo, como diziam. Velha, sem forças e sem autoridade. Fechou-se no quarto para chorar todo o seu ódio.

No dia seguinte, levantou-se tarde, na esperança de que ‘aquele homem horrível’ tivesse ido embora, permitindo que vivessem em paz, como sempre viveram. Como João tinha saído para resolver alguma

coisa na cidade, ela concluiu que ‘o milagre tinha acontecido’ e elas estariam livres para sempre do intruso. Sentou-se à mesa e comia prazerosamente quando a filha anunciou a sentença:

— Decidimo que a senhora tem que saí de casa.

A mãe continuou comendo, por considerar absurdo o que ouviu. Como se atreveriam a tirar de casa a dona da casa? Bobagem de desmiolada. Isso mesmo: ‘aquele homem horrível’ tinha amolecido os miolos da filha.

Parou de comer e fitou intensamente a algoz.

Concentrou atenção dos olhos e nos ouvidos para entender melhor a ameaça. Que disparate: expulsar a própria mãe para agradar o namorado. Só podia ser isso.

— Isso que a senhora acabô de ouví: decidimo que a senhora tem que saí de casa.

— Só faltava essa! – exclamou. E voltou a comer.

— Mãe, não dá certo. Antes mesmo, já não tava dando certo. A senhora cria muito pobreza... Não guento mais...

Dizer o quê? Falar que a casa era dela, que não era certo ser colocada para fora e eles ficarem numa boa com tudo o que construíram na vida? Decidiu não falar nada. Ainda estava degustando seu doce preferido quando Jão chegou para levar as coisas dela para o asilo. Tomada de susto, deixou-se levar; ela e a trouxa de roupas que colocaram ao lado dela no assento traseiro do automóvel. Pensou até de abrir a porta e fugir, mas poderia perder a oportunidade de andar de carro, coisa que nem mesmo sonhara. Pensou: “Eles

estão somente querendo me assustar; vão dar uma volta e tudo ficará resolvido”.

Infelizmente, não foi um passeio; foi um despejo mesmo. Ela e a trouxa de roupa foram entregues a uma mulher que recebeu adiantado o dinheiro da primeira mensalidade. Ainda em estado de choque, não reagiu, não reclamou, não chorou, não disse nada. Nem mesmo pode ver o carro se afastando, porque foi arrastada para dentro, antes que os dois malvados saíssem no automóvel que ela tinha gostado tanto.

Assim, ‘livres da velha’, assumiram o casamento. Reorganizaram a morada e, depois de praticar durante umas semanas, João tirou a tão sonhada ‘carta de motorista’. Na verdade, prática não faltava, pois já andava de moto e mesmo de carro fazia um bom tempo, mas sem habilitação. Assim, motorizados, documentados e estampando felicidades sobejantes, cumpriram o ritual pós-nupcial de praxe anunciando o enlace matrimonial.

No retorno de uma dessas visitas, encontraram o irmão da Lorena esperando sentado na escada da casa, com ‘cara de poucos amigos’.

— Ih! Teu irmão tá brabo – preveniu o motorista.

— Dexa comigo. Dô um jeito nisso – garantiu a esposa.

Porém, o embate verbal deu ampla vantagem ao visitante, que exigiu que fossem imediatamente buscar a mãe no asilo. Ele iria junto para ver como tratariam a pobrezinha.

Jão entendeu perfeitamente o naipe das cartas. Analisou e entrou no jogo, pois percebia que o cunhado aprovava o casamento, contanto que respeitassem a 'velha' mãe. Afinal, estava sendo aceito; bastava desfazer a "maldade de internar a coitada num asilo".

Por outro lado, o retiro forçado serviu para a asilada repensar as intransigências e encontrar vantagens naquele casamento que aconteceu sem a autorização materna. Reconhecia que a filha andava alegre, mais leve, mais solta. Por que não aproveitar o inevitável em proveito próprio? Afinal, o genro era guapo, subia em telhados, negociava com esperteza e poderia defender as duas mulheres dos perigos dos ladrões e das cobras. Além de, poder passear de automóvel com eles. Ah! Como era macio o automóvel!

O casal, também, alinhavava as astúcias tecendo um agrado à injustiçada.

As novelas televisivas exibiam casos de mulheres em idade avançada que caçavam rapazes, como, tradicionalmente, homens maduros arranjavam mocinhas para namorar. A modernidade permitia qualquer arranjo, derrubava os tabus, tolerava as diferenças de idade ou de classe social. Quase tudo era permitido.

O João Pedro sempre fora tímido, introvertido, envergonhado. Nunca encontrou coragem para abordar uma moça, muito menos para propor namoro e intimidades. Carregava a virgindade sem vislumbrar possibilidades de se descabaçar. Na presença de

mulheres, caminhava encolhido, assustadiço, arisco, temeroso de ser abordado.

— Vamo juntá a fome c’a vontade de comê – propôs João.

— Como assim? Não entendi...

— Lembra da novela das oito? Aquela dona não agarrô um piação? Pois, então. Tua mãe ficô babando c’a história, loca pra arremedá a façanha.

Lorena escutou, ruminou e escondeu os sentimentos atrás de caretas e de trejeitos. Ela também havia se entusiasmado com a possível aventura, sonhando possibilidades. Mas... a mãe era uma mulher velha...

— Minha mãe? Saí por aí catando home novo?

— E, por que não? Tá bem viva e tamém tem direito de experimentá coisa nova. Falta é oportunidade...

De fato. A mãe sempre comentava a força das vontades, as comichões. Porém, entregar a mãe para um bagual fogofo...

— Não, meu bem. A mãe não qué aventura... Co’essas doença perigosa que anda por aí... Tá loco!

— Falo de solução casera, sem risco de doença – advogou João.

— Qual seria?

— Tu não vê? Tá na tua frente...

— Devo tá cega... óme novo...? Na minha frente?

— O João Pedro, criatura.

— O João Pedro? Tá brincando...

— Falo sério. O rapaz tá em idade de conhecê muié... Tua mãe... é muié... ainda. É só dá um jeitinho de ajuntá a fome c'a vontade de comê...

— Tá loco!!!

Apesar da surpresa, Lorena sentiu que o arranjo poderia ser a solução para a encrenca familiar: dois homens, duas mulheres, ... dois casais. Meio estranho... mas, dois casais. O enteado virava padraсто... mas, tudo bem. Ninguém precisava ficar sabendo; bastava guardar segredo da imoralidade. Se bem que a lei permitia que solteiros e viúvos se encontrassem para namorar, conviver e praticar afagos.

— É. Tem de vê...

— Não custa tentá – sugeriu o marido.

Encosta ali, incentiva aqui, empurra um, convence o outro, ... foram avivando as brasas até virar labareda: fogo em palhada seca que queima num instante sem deixar brasas. Saciadas as vontades e colhidas as decepções, cada qual quis voltar ao celibato. Entre eles, restou a amizade reforçada pela cumplicidade acobertada. Além disso, tinham em comum a função de injetar dinheiro no lar: ela recebia do governo dois proventos 'rurais'; ele, salário de funcionário público. Juntos financiavam o carro de passeio, as reformas e os confortos.

Finalmente, viviam em paz. Os quatro. Cada um do seu jeito.

Toda quinta-feira, o casal saía para fazer as compras no supermercado. Estava chovendo, não dava de

trabalhar mesmo e estavam com sobra de tempo. João aproveitou para passar em frente da antiga morada. Iam conversando sobre o passado, quando perce

CONFISSÃO DO AUTOR

Desejei narrar apenas a história de amor vivida por um singelo casal, vítimas em suas famílias e frustrados em seus sonhos de liberdade e de riqueza.

Porém, ao iniciar as escrituras, a curiosidade me levou a gerações anteriores e, enquanto eu pesquisava e descrevia a saga familiar, a imaginação ultrapassou fronteiras espaciais e temporais e o enredo espontâneo assumiu a narração.

Para contextualizar e dar realidade às histórias pessoais, eu busquei informações sobre aspectos naturais do cenário sociocultural e me encantei com as descobertas, que me levaram à História Social.

Entusiasmado com as artes do povo, aprofundei conhecimentos com pessoas que as praticaram ou que mantinham memória da tradição oral dos antepassados. Essa foi minha maior alegria: registrar, pela voz dos artesãos, as técnicas ancestrais na produção de alimentos, de ferramentas e de materiais de construção.

O romance amoroso passou a ser um detalhe no longo processo de colonização, como uma *Gestalten*: figura e fundo, indivíduos e sociedade, humanos e natureza; retrato familiar em destaque na moldura social. Ou seja, na grande moldura da Região do Vale do Rio Tubarão, ficcionei a história de sete gerações.

